

INTRODUÇÃO

Por que o “outro”?

Lembro-me ainda do momento em que fazia poucos meses que eu e minha família havíamos chegado para residir no distrito de Primavera (distrito do município de Rosana, extremo sudoeste do estado de São Paulo) e um casal de amigos, residentes há muitos anos, solícitos, nos convidaram para conhecer o Balneário Municipal. Um convite repleto de atrativos e adjetivos irrecusáveis para quem não conhecia nada do novo lugar de convivência. Neste momento, eu ainda não tinha a dimensão que seria através desse convite que se estabeleceria o meu primeiro contato, entre tantos outros, que ocorreriam com a sociedade rosanense.

Minha vida acadêmica sempre foi balizada por constantes e inúmeras consternações em relação ao outro, mais precisamente sobre a alteridade. Meu olhar geográfico sempre se detinha para a tentativa de compreender o espaço e sua multiplicidade de fenômenos; não fenômenos de “espaços vazios”, e sim aqueles envolvidos por multiplicidades de pessoas. Assim, comecei a observar e refletir sobre o espaço como sendo uma construção simultânea de histórias e, antes delas, a existência de identidades e de trajetórias de sujeitos que, ao se concatenarem com tempos e espaços, eram capazes de desencadear novas relações socioespaciais.

Foi com esse olhar que comecei a perceber o território rosanense como dissonante de toda àquela exuberância dotada de Mata Atlântica nativa, do encontro dos rios Paraná e Paranapanema, ilhas, diversidade de fauna e espécies aquáticas, com que tratavam seus moradores. A princípio, não entendia o porquê da relação conflituosa entre os moradores de Rosana e de Primavera, como em uma relação de *insiders* (os estabelecidos, *daqui*) e de *outsiders* (os outros, *de lá*) (leituras posteriores me levaram à aproximação com a análise construída por Norbert Elias e John L. Scotson, 2000). Com o tempo, as respostas foram chegando como que naturalmente através das histórias contadas por diferentes moradores, tanto do distrito de Primavera quanto da cidade Rosana.

Dentre os fatos narrados pelos moradores, o que mais me chamou a atenção, principalmente por presenciar alguns acontecimentos, foi a exposição de garotas adolescentes e mulheres jovens à situação de risco, mas precisamente envolvidas na prostituição. Foi a partir dessa observação e do questionamento do porquê de um município tão pequeno apresentar escancaradamente a exposição de corpos voltados à prática da mercantilização sexual, e não apresentar nenhuma intervenção por parte das políticas públicas locais, é que surgiu o presente foco da pesquisa: quem eram as mulheres que se prostituíam? Quais eram suas identidades, seus discursos, suas subjetividades e quais eram os territórios da prostituição em Rosana? Como se instituíram e se construíram? Como ocorria a manutenção da prostituição? Seriam essas mulheres invisíveis aos olhos dos moradores? Até que ponto eram invisíveis, já que a prática da atividade sexual comercial era extremamente explícita, principalmente na Lanchonete Júpiter?

É nesse contexto que conduzi minha análise. Tentei conduzir a pesquisa distante de qualquer discurso que coloque a garota de programa como vítima de uma estrutura (de conjunturas) ou que a considere como um sujeito desviante dentro da perspectiva valorativa moralista. O que pretendi foi fazer uma leitura particular acerca de um território singular, dotado de distintas territorialidades. Acredito que a Geografia nos possibilita trilhar múltiplos caminhos e que é capaz de levantar hipóteses e propiciar respostas em tantos campos que envolvem a sociedade, pois para Ornat (2008) “[...] todo fenômeno social é passível de ser analisado através da Geografia”.

Um dos indicadores que pode nortear a compreensão da ocorrência significativa da atividade comercial sexual em Rosana consiste no término das obras da Hidrelétrica Sergio Motta, localizada entre os estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul, e a da Hidrelétrica de Rosana, localizada entre os estados de São Paulo e Paraná. O início da construção das hidrelétricas na década de 1980 atraiu muitos trabalhadores, oriundos de diferentes estados. Segundo narrativas de entrevistados, existiam muitos bares e grande parte era frequentado por mulheres que faziam programas. Outro fator importante para a perpetuação e manutenção da atividade comercial sexual tem sido, mais recentemente, a prática da pesca esportiva, que atrai a presença de muitos

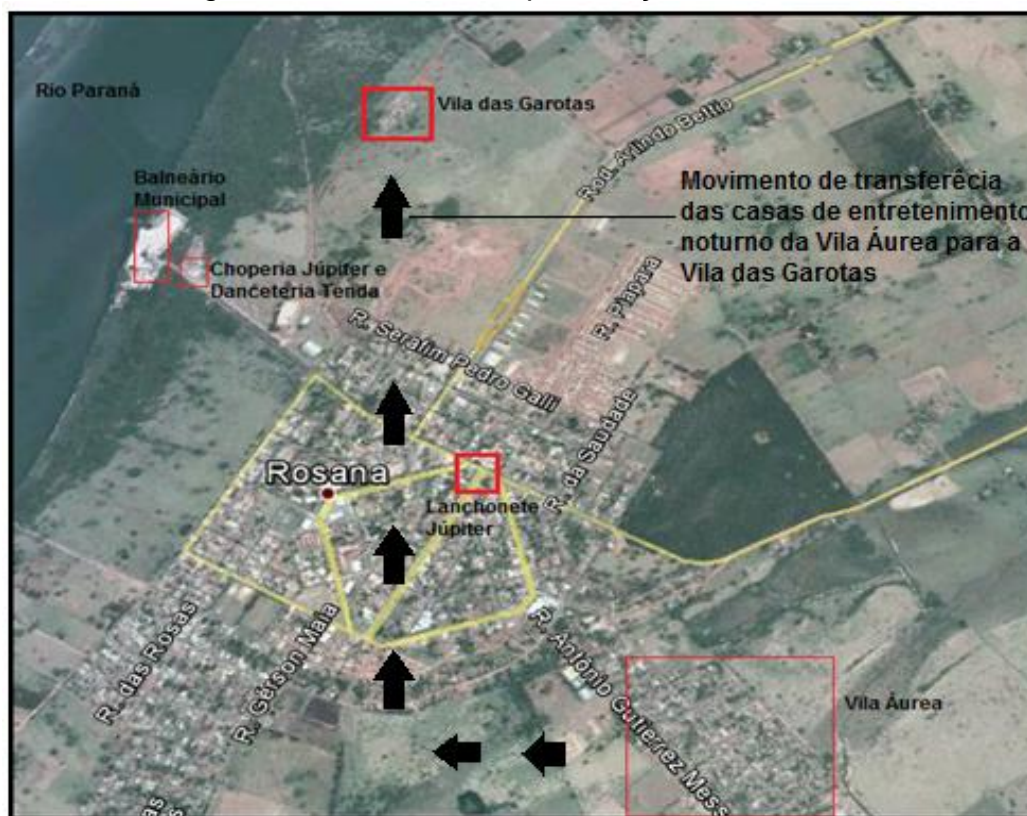
turistas principalmente no período da abertura da pesca. Esse turismo esportivo acaba por ocultar o turismo sexual no município que, direta ou indiretamente, gera renda para diferentes setores da sociedade, como donos de restaurantes, ranchos, supermercados, pousadas, pirangueiros (barqueiros), taxistas, entre outros.

Neste sentido, busco compreender as relações temporais e espaciais que configuraram os territórios da prostituição desde a década de 1960¹ até 2012, através dos sujeitos nela envolvidos. Outro aspecto fundamental na análise da prostituição está voltado às territorialidades componentes nas casas de entretenimento noturno da Vila das Garotas² (localizada na estrada da prainha ou estrada municipal, atalho que interliga a cidade de Rosana ao distrito de Primavera) e da rua, especificamente as identidades das garotas de programa que fazem ponto na Lanchonete Júpiter (situada no centro da cidade de Rosana), pois ao observarmos os sujeitos envolvidos, podemos compreender as fronteiras que são estabelecidas no cerne desses espaços, expressando dessa maneira o acesso desigual desses grupos sociais a bens simbólicos e materiais. A inserção da figura abaixo em como objetivo nortear o leitor em relação aos territórios da prostituição discutidos ao longo do texto.

¹ Nesta pesquisa, trabalhei com décadas ao invés de datas precisas, porque os entrevistados apresentaram grande dificuldade para se orientarem temporalmente.

² A denominação Vila das Garotas foi adotada no transcorrer da pesquisa para facilitar as abordagens referentes às casas de entretenimento noturno.

Figura 1 – Territórios da prostituição abordados no texto



Org. Juliana Maria Vaz Pimentel

Para a realização do trabalho, procurei entrevistar proprietárias das casas de entretenimento noturno (ou “zonas³”, expressão pouco utilizada pelas “meninas⁴”), garotas de programa que trabalham na Vila das Garotas e as garotas de programa que só trabalham na rua, bem como moradores rosanenses em geral.

O trabalho de campo foi iniciado em maio de 2011. A metodologia aplicada foi sendo alterada ao longo do trabalho de campo. A princípio consistiu em uma observação sobre os territórios a serem pesquisados. Posteriormente, as pesquisas de campo foram divididas em duas etapas. A primeira restringiu-se à Vila das Garotas, onde se localizam as casas de entretenimento noturno. Procurei conhecer todas as casas, juntamente com suas proprietárias e as garotas que lá residiam, porém a proprietária da Casa

³ Iremos utilizar a expressão: “casas de entretenimento noturno”, termo também utilizado por algumas garotas de programa.

⁴ Esse termo é usado pelas garotas de programa ao se referirem a outras mulheres que também exercem a mesma profissão. Neste sentido, expressões como meninas e mulheres também serão utilizados por nós, como forma de nos dirigirmos às garotas de programa.

Amarela⁵, Luiza, foi a mais solícita em “abrir” a sua casa e me contar sobre sua trajetória de vida, tornando-se uma proprietária de casa de prostituição. Luiza permitiu também que eu fizesse parte do cotidiano da sua casa, juntamente com suas garotas. Portanto, o trabalho de campo, na Vila das Garotas, restringiu-se fundamentalmente à casa da Luiza, porém, também pude transitar pelos territórios das outras casas, compreendendo assim suas singularidades.

Ao aproximar-se do território a ser investigado, achei imprescindível me apresentar e explicar quais os motivos que me faziam estar ali. Foi então que resolvi aplicar um questionário para coletar alguns dados quantitativos sobre idade, origem de lugar, grau de escolarização das garotas que residiam nas casas etc., mas essa tentativa foi em vão, pois as meninas se mostraram inibidas em falar sobre suas identidades. Ao perceber que essa metodologia estava sendo invasiva, resolvi mudá-la e busquei uma metodologia que me permitisse observar e coletar informações a partir da realidade vivenciada por essas mulheres.

Por se tratar de uma pesquisa também etnográfica⁶, coloquei em prática as orientações de Malinowski (1979), em que discorre sobre a importância de se estabelecer laços afetivos mais intensos nos ambientes a serem analisados, permitindo ao pesquisador olhar, de alguma forma, compreender e conviver mais profundamente com os sujeitos em análise. Dessa maneira, conduzi os trabalhos de campo utilizando como metodologia a observação participante. Procurei vivenciar o ritmo da casa da Luiza como mais uma pessoa qualquer em busca de distração. Confesso que no início não foi nada fácil compor aquele território sem ser percebida, pois desde o primeiro dia que estabeleci um contato com a Luiza, procurei explicitar quais eram meus objetivos em estar ali e logo a notícia se espalhou, causando um burburinho entre as garotas de programa da casa da Luiza e da Vila.

⁵ Iremos também nos referir às casas de entretenimento noturno da Vila das Garotas pelas cores como estavam pintadas em 2012.

⁶ Malinowski (1979) realizou uma pesquisa de campo nas Ilhas Trobriand na Nova Guiné no início do século XX e, por um longo período, conviveu com uma tribo onde passou a descrever os comportamentos, costumes habituais e suas manifestações, como forma de apreender os modos de pensar e agir típicos da cultura analisada. Dessa maneira, procurou observar, conviver e investigar a vida dos nativos da Ilha Trobriand no intento de compreender a organização social tribal sob a perspectiva tribo.

Nos primeiros dias de trabalho de campo era impossível entrar na Casa Amarela e não ser notada. Os olhares das garotas se faziam perceptíveis e eu buscava imaginar o que elas pensavam sobre mim: “*o que é que essa garota quer com a gente, não temos nada para falar; não vamos dar entrevista nenhuma e falar sobre nada*”. Várias foram as vezes que me senti invadindo um território que não era meu, e que não haveria possibilidade alguma de um dia me inserir no território dos *insiders* (curioso e engraçado: as garotas eram *outsiders* para os moradores de Rosana, mas ali, naqueles primeiros contatos, eu é que era *outsider* no meio delas).

Com o passar do tempo fui verificando que os territórios das casas de entretenimento noturno eram extremamente múltiplos e efêmeros, e isso pode ser explicado por dois fatores: toda semana existiam garotas novas chegando e indo embora das casas, inviabilizando, em grande medida, qualquer arraigamento mais afetivo com o lugar. Da mesma forma, as pessoas (clientes) que compartilham dos territórios do prazer procuram se envolver minimamente com o uso do lugar, para que suas identidades sejam, se possível, “invisibilizadas”. Porém, mesmo neste contexto efêmero, com tantas entradas e saídas de sujeitos, quando eu parava o carro na Vila, e precisamente em frente à casa da Luiza, se fazia notório os comentários, e quando eu entrava na casa todos e todas já sabiam que eu havia chegado e o que fazia ali.

Sempre procurei me inserir no salão como qualquer outra pessoa e, antes de tudo, respeitar ao máximo o território ao qual eu ainda desconhecia. Desde a entrada até a saída, procurava observar todos os movimentos internos da casa, mas Luiza, ao saber que eu estava na casa, fazia questão de sair do seu quarto e ir me recepcionar. Ora ficávamos dentro do bar, ora na cozinha. Foi a partir dessa relação de confiança – e hoje de amizade – principalmente com Luiza, que as garotas foram se sentindo mais à vontade com a minha presença, e assim começamos as primeiras conversas.

A metodologia participante me ofereceu inúmeras possibilidades para pensar quem eram as garotas de programa, e foi através dessa metodologia que comecei a admirar e a respeitar esse universo tão rotulado e estigmatizado pela sociedade. Após inúmeros trabalhos de campo percebi que minha

metodologia de pesquisa havia mudado. Se antes era uma observação participativa, agora a participação tomou o lugar da observação, permitindo que eu construísse uma relação de maior proximidade com as garotas. Assim, comecei a interagir com os assuntos cotidianos, e a cada novo dia que chegava à Casa Amarela minha permanência já não trazia mais desconfortos às garotas, sendo que até os cumprimentos que outrora se faziam distantes e frios tornavam-se mais receptivos e calorosos.

Assim, me vi fazendo parte da rotina da casa da Luiza, passando a ser convidada a frequentar almoços, churrascos, ficar no salão conversando com as meninas e seus clientes, ao ponto de algum tempo na noite poder ocupar o lugar da gerente da casa, como também lavando copos, desempenhando várias funções até que deixei de me sentir uma *outsider*, passando a uma “estabelecida” na casa da Luiza. Nesse momento, passei a compartilhar problemas particulares inerentes à casa e a questões familiares e conjugais de Luiza.

Tão inesperado como interessante nos trabalhos de campo foi o surgimento de uma “rede de indicações” e laços de amizades, que foram se estabelecendo e se organizando, mesmo que inconscientemente, para viabilizar a concretização da pesquisa. As próprias garotas de programa, clientes, proprietárias das casas, especificamente Luiza, pirangueiros, moradores, preocuparam-se em indicar pessoas que pudessem colaborar para o desenvolvimento da pesquisa.

No primeiro semestre de 2012 dei início aos trabalhos de campo na Lanchonete Júpiter, ponto de prostituição de rua e local onde os turistas frequentam. Ali, meu intuito foi entender como ocorria o agenciamento dos programas. O trabalho de campo transcorreu através de conversas informais e semidirigidas com o uso do gravador. Consegui estabelecer uma relação de amizade com três garotas de programa que trabalhavam na rua, e assim elas passaram a explicar detalhadamente como funcionava a dinâmica do turismo sexual em Rosana.

Com isso, desde o segundo semestre de 2011 convivi com Luiza e suas garotas de programa, e a partir de 2012 com as garotas da “rua”. Foi desta

maneira que consegui coletar um rico material que se encontra registrado em diários de campo, entrevistas semi-estruturadas e diálogos informais realizados com o uso do gravador com a permissão das entrevistadas, além de ter ocorrido a possibilidade de filmar depoimentos da Luiza e de uma garota de programa da rua, sobre os motivos que as levaram a se tornar garotas de programa, suas visões sobre essa atividade e suas expectativas para o futuro. Esse procedimento possibilitou compreender as relações estabelecidas entre os territórios que as garotas ocupam e o uso de seus corpos como uma atividade comercial e as relações que compõem a tríade corpo-território-poder.

Neste sentido, as discussões aqui estão estruturadas da seguinte forma: o Capítulo I versa sobre as relações entre temporalidades e territorialidades da prostituição, na intenção de demonstrar como se deu o início do processo de prostituição em Rosana a partir de narrativas das donas de casas de entretenimento noturno, garotas de programa e de barrageiros que acompanharam o processo de dispersão espacial da atividade sexual comercial no município, dentro de uma perspectiva temporal e espacial.

O Capítulo II abordará a prostituição e suas territorialidades: territórios de “entretenimento” noturno e a prostituição de rua, momento de investigação quanto aos aspectos que propiciaram uma divisão territorial entre os pontos de prostituição, e quais foram os motivos que levaram as garotas a optarem por um ou por outro território – a rua ou a Vila das Garotas.

No Capítulo III, “Eu Prostituta! Espaço e identidade das garotas de programa”, trabalhei com os aspectos subjetivos do cotidiano das garotas, os usos dissociativos do corpo (corpo-trabalho/corpo-sentimento) e as relações estabelecidas entre sexualidade e território, visando compreender a forma como essas garotas compartilham seus aspectos simbólicos e seus códigos, como forma de garantirem suas sobrevivências territorialmente. Além disso, tentarei fazer uma breve contextualização do trajeto de vida da Luiza, desde sua inserção no universo da prostituição até se tornar proprietária de uma casa noturna.

Portanto, será através de uma análise geo-etnográfica que busquei compreender e discorrer sobre os aspectos simbólicos e materiais que

envolvem o cotidiano de Luiza e das garotas de programa entrevistadas, tomando o cuidado para não reduzir suas identidades somente a suas atividades profissionais, pois seus ofícios não são a única dimensão significativa de suas vidas, ao contrário, essas mulheres possuem trajetórias de vidas imbuídas de crenças religiosas, valores morais, relações afetivas, ímpeto materno, esperanças e sonhos que as impulsionam a realizar seus trabalhos de uma forma digna, contrapondo-se, assim, a todos os estigmas criados pelo senso comum.

Portanto, ao analisar o município de Rosana sob este prisma, não pude deixar de me atentar para o fenômeno da prostituição, pois esta atividade exerce um papel notório no cerne dos estabelecimentos comerciais frequentados por turistas, oriundos de diversas regiões do Brasil. Os turistas que chegam à cidade rosanense dizem que “*aqui é o melhor lugar para se pescar*”, porém, o turismo esportivo oculta o turismo sexual. Não é por outra razão que Rosana, há algum tempo, passou a ser conhecida pelos turistas como “Rozona”, a cidade da prostituição. Foi com esse olhar que comecei a me questionar sobre quais as condicionantes que levavam uma mulher a se tornar uma garota de programa (e admito: o que eu pensava sobre elas era marcado também por pressupostos, que mudaram significativamente com a pesquisa).

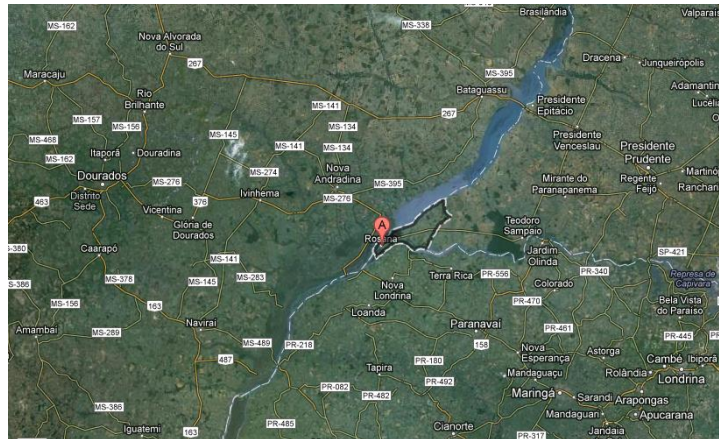
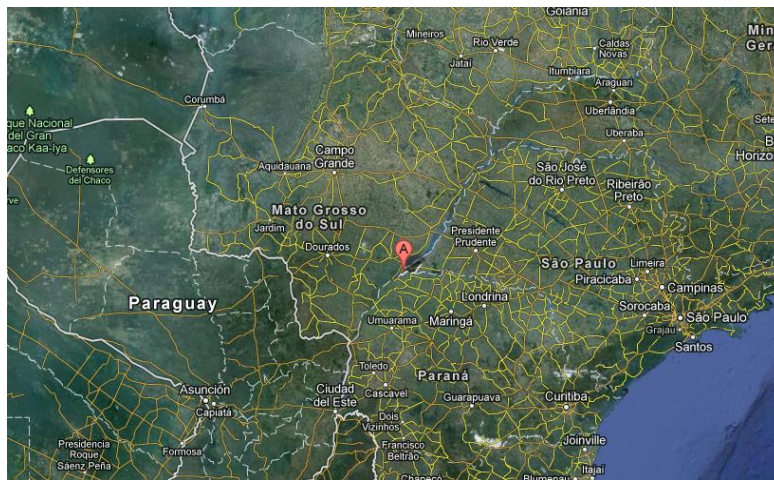
A princípio, comecei a pensar neste trabalho sob a óptica de um problema social, mas os trabalhos de campo foram me conduzindo a outras reflexões que acabaram por “triturar” o pouco de preconceito que restava dentro de mim. Encontrei mulheres cheias de vida e vontade de vencer, abrir seu próprio negócio, liderar uma família, esquecer os traumas da infância e adolescência e também aquelas que não se viam na condição de conseguir sair da prostituição. Enfim, procurei dar voz para que “as outras” pudessem ser ouvidas e pudessem contar suas versões, seja dentro de uma perspectiva monetária ou pelo simples prazer de agenciar seus corpos, e suas histórias fluíram livremente, longe do julgo do meu olhar. Assim, tentei ao máximo respeitar suas narrativas, buscando captar as lógicas que operam as identidades dessas mulheres e quais os elementos que as impeliram a mercantilizar seus corpos, tornando-se garotas de programa.

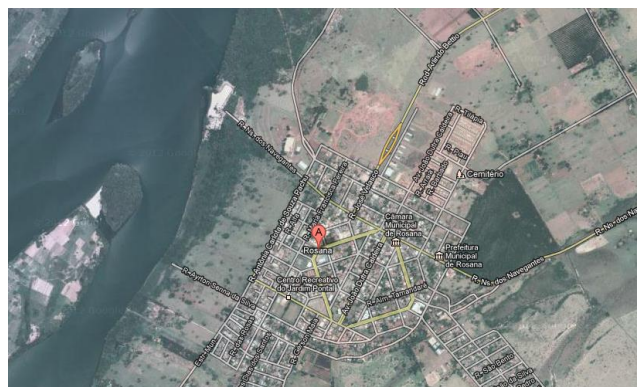
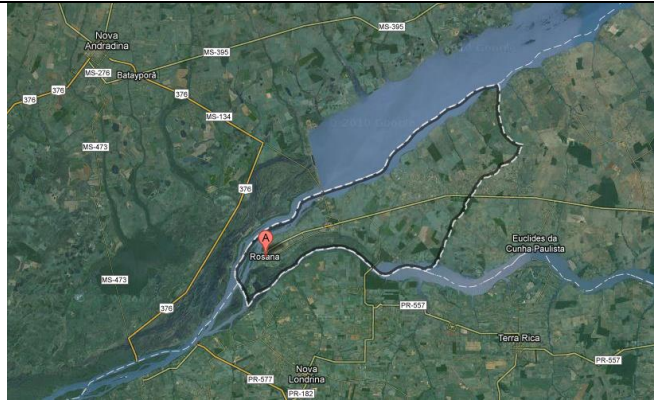
Será dentro deste contexto, que procurarei compreender como se instituíram e como se configuram atualmente (2012-2013) os territórios e as territorialidades da prostituição em Rosana, sem perder de vista as diferentes abordagens teóricas que discutem a temática em questão.

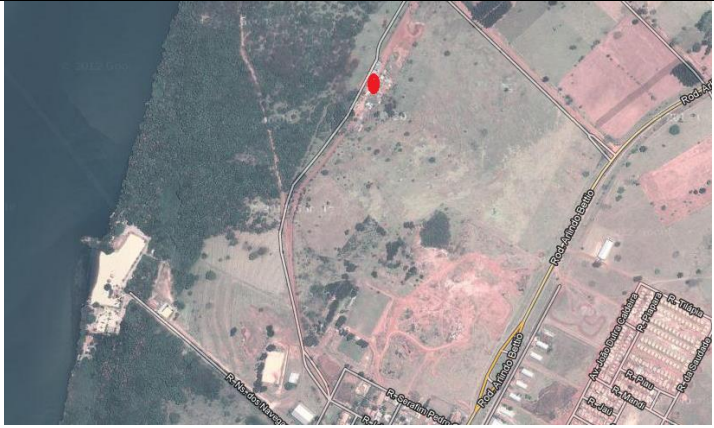
Entremeios à análise, também optamos por “devanear”, criando atalhos para outros sentidos, para outras sensações, para outras aberturas. Inspirados nas “cartas” de Nécio Turra Neto (2004) e nas “geografias portáteis” (ou da existência) de Renata Moreira Marquez (2009), *volta e meia* apresentaremos *boxes* relacionados ao tema central deste trabalho; neles e com eles, as leituras são livres, mais ou menos conectados às ideias abordadas, mas, por isso mesmo, passíveis e possíveis de outras conexões, de outros encontros.

BOX 1
Imagens de mundos:
do “planeta inteiro” a roupas curtas e íntimas de “programas
sexuais”.











CAPÍTULO I

Relações entre temporalidades e territorialidades da prostituição

“O espaço conquista o tempo ao ser estabelecido como a representação da história/vida/o mundo real [...]. A imobilidade espacial silencia o devir temporal”.

(Doreen Massey, 2008)

Neste capítulo abordaremos a relação tempo-espaço no processo de produção e reprodução dos espaços de prostituição em Rosana. Procuraremos compreender como se instituíram e como se configuram hoje os territórios da prostituição município, através das narrativas de sujeitos envolvidos. Posteriormente, tentaremos elucidar como o discurso da prática da pesca esportiva acaba por ocultar o “turismo sexual” em Rosana.

1.1 Distintas temporalidades e a instituição da prostituição

“Veja bem, minina, eu vim lá dos fundos de Cuiabá, lá do meio das cobra, lá do meio do mato”, diz Tia Joana, uma das cafetinas mais velhas de Rosana, recordando-se de como era o lugar onde morava. *“Eu vim de Cuiabá pra cá, pra pisá na poeira perdida e para chegar até aqui eu viajei, viajei, viajei...”*

Tia Joana, assim conhecida em toda a região⁷, ainda é uma das poucas proprietárias de casas noturnas que vivenciou todo o processo de

⁷ Aqui usamos “região” em sentido mais usual que conceitual, pois não é questão de análise em nosso trabalho. A região, como apontada aqui refere-se a Rosana e municípios próximos, tais como Euclides da Cunha, Teodoro Sampaio e Presidente Prudente (SP), Nova Andradina e Batayporã (MS), Diamante do Norte, Nova Londrina e Marilena (PR).

remanejamento das casas que estavam localizadas na Vila Áurea e foram transferidas para a Estrada da Prainha – Vila das Garotas. Proprietária de duas casas noturnas, reside na Vila das Garotas (em uma de suas casas noturnas, o Corujão) e recorda-se com muitos detalhes do momento em que chegou em Rosana e onde localizava-se uma das primeiras áreas de prostituição rosanense:

Era lá pro lado do rio Paraná, lá pra quem vai pra Nova Londrina, uns cinco quilômetros antes de chegar no rio, lá perto é que era a zona. Você acha que esse negócio de putaria começou agora? Desde 1960 já existia isso aqui, lá perto das fazendas (Tia Joana, entrevista realizada em 20/11/2011).

Segundo ela, o comércio sexual já ocorria na região desde a década de (19)60⁸, e justifica tal ocorrência pela presença de muitos fazendeiros. Naquele período, era notória a presença de várias mulheres oriundas de diversas cidades da região⁹: Rancharia e Panorama (SP), Maringá, Nova Londrina e Londrina (PR) e Cuiabá (MT).

Essa afirmação, relatada por Tia Joana, é importante para o transcorrer deste capítulo, pois desmistifica a ideia de que a atividade comercial sexual em Rosana tenha iniciado com as obras das usinas hidrelétricas de Rosana e Porto Primavera, muito embora as obras das barragens tenham acelerado e intensificado o processo de prostituição no município.

⁸ O distrito de Rosana foi criado em 28 de fevereiro de 1964, com território pertencente ao município de Presidente Epitácio. Com um plebiscito em 27 de janeiro de 1966 o distrito de Rosana passou a pertencer ao município de Teodoro Sampaio. Sua emancipação ocorreu somente em janeiro de 1990.

⁹ A frequente mobilidade fronteiriça das mulheres desde a década de 1960 e até os dias atuais pode ser explicada pelo fato do município de Rosana estar localizado em uma área de tríplice-fronteira de estados brasileiros. O marco considerado como fronteira de Rosana (SP) ao Estado do MS seria a ponte da Usina Hidrelétrica Engenheiro Sérgio Mota, no Rio Paraná, interligando os dois estados. O mesmo acontece com o limite de município de Rosana ao Estado do Paraná, nesta área, encontra-se a Hidrelétrica de Rosana, situada no ponto mais próximo da foz do rio, onde as águas do Paranapanema juntam-se a do rio Paraná. Neste sentido, pode-se concordar com Grinson (apud OLIVEIRA, 2005, p. 379) quando diz: “a frontera fue y es simultáneamente un objeto/concepto y un concepto/metáfora. De uma parte parece haber fronteras físicas, territoriales; de la outra, fronteras culturales, simbólicas”. Neste mesmo sentido, sobre a noção de fronteira, Benveniste (apud RAFFESTIN, 2005, p.10) constata que a fronteira “é ao mesmo tempo material e moral. Assim, fronteira não é somente um fato geográfico, mas também é um fato social”.

Figura 2
Rosana a partir do “Google Maps”



<http://maps.google.com.br/>
(acesso em 04/10/2012)

Figura 3



Org.: Juliana Vaz Pimentel (2012)

Moradores que chegaram a Rosana antes do início das obras da Usina Hidrelétrica¹⁰ localizada no rio Paranapanema, e instalada entre os municípios de Rosana e Diamante do Norte (PR), contam que os bordéis¹¹ aumentaram significativamente com o início das obras em 1980, pois neste período chegaram aproximadamente 20.000 trabalhadores. Havia uma grande concentração de casas noturnas na rodovia que interligava Rosana a Diamante do Norte e também na entrada da rodovia entre Rosana a Primavera:

Tinha gente que vinha trabalhar de todo o lugar, e na primeira curva antes de chegar em Diamante do Norte tinha a primeira zona Flor de Lis, logo depois que passava a barragem de Rosana. Os construtores não impediam, não. Conforme o fluxo de dinheiro foi aumentando, a prostituição também foi. Teve época de ter aproximadamente 20.000 funcionários entre as Usinas de Rosana e Sergio Motta (Barrageiro aposentado, entrevista realizada em 15/01/2012).

O senhor Severino, um morador rosanense que chegou ao município em 1989, nos contou que nesta época existia zona em todos os pontos da cidade: *“em qualquer bar da cidade tinha mulher parada por conta dos peão cheio de*

¹⁰ A Usina Hidrelétrica Engenheiro Sérgio Motta, também chamada de Usina Hidrelétrica Porto Primavera, está localizada no município de Rosana e faz divisa com Mato Grosso do Sul e Paraná. O distrito de Primavera, localizado a 12 Km de Rosana foi planejado e construído pela CESP (Companhia Energética do Estado de São Paulo) para alojar os trabalhadores da construção da usina, uma das maiores do estado e a maior em extensão do país. Em 1992, Primavera tornou-se distrito do município de Rosana.

¹¹ No sentido da pesquisa, os termos bordel, bares, casas de entretenimento noturno, zona, são utilizados para designar territórios onde ocorrem a atividade comercial sexual.

dinheiro”, e que a mobilidade das mulheres aumentava consideravelmente na semana do pagamento.

Segundo as proprietárias das casas noturnas e mais especificamente Luiza¹², na década de (19)80 havia bares espalhados pela cidade inteira, e estes eram frequentados por muitas mulheres.

Entre as décadas de 1980 e 1990, Rosana já contava com 18 bordeis¹³, certamente localizados próximos ao Porto Amizade (vide figura 4, p. 25), todos propriedades de mulheres que vieram de outras regiões para tentarem “ganhar a vida” no município. Durante as entrevistas realizadas com proprietárias de casas noturnas e garotas de programa, foram lembradas várias mulheres que tiveram bares no município: Tia Joana, Dona Maria do Paraguai, Dona Maria Preta, da Eva, da Irene, da Rosália, das Três Marias, da Maria Farinha, da Cigana, da Esmênia¹⁴, do Darcy e do Rubens.

Maria Farinha era uma portuguesa, também muito conhecida na região, proprietária de um bordel que contava com a atividade de 20 mulheres, bem na entrada da cidade, mas precisamente na Rodovia Arlindo Bértio. Muitos são os moradores e moradoras que se lembram dela. Porém, a maior parte dos bordeis concentravam-se na então denominada Vila Áurea. No centro da cidade (nas proximidades da lanchonete Júpiter) havia muitos bares, que também eram frequentados por mulheres.

Tia Joana e pessoas que estavam presentes em Rosana na década de 1960 relataram que o território da prostituição, antes de surgir na Vila Áurea, localizava-se próximo ao Porto da Amizade (as setas na figura 4, p.30) nos dão uma noção das possíveis localizações dos bordeis). Esta área era propícia ao desenvolvimento da atividade comercial sexual porque interligava o Estado do Paraná ao Estado de São Paulo, e na época da construção das barragens

¹² Luiza, proprietária de uma casa noturna na Estrada da Prainha, foi a principal responsável para a concretização dessa pesquisa. Desde a primeira tentativa de se aproximar do universo das garotas de programa, “Lú” se dispôs a contar sua trajetória de vida, abriu as portas de sua casa, me chamou para se sentar no salão e permitiu que eu fizesse parte de seu cotidiano e realizasse as entrevistas com suas meninas.

¹³ Dados coletados da entrevista realizada em 10/11/2011 com Tia Joana, uma das primeiras donas de casa de entretenimento noturno da Vila Áurea. Não foi possível fazer o mapeamento dos bordeis, devido ao fato de estarem dispersados pelo município.

¹⁴ Esmênia, era Tia de Luiza e possuía uma casa noturna na Vila Áurea.

houve um aumento do fluxo de cidadãos paranaenses que utilizavam a balsa do Porto da Amizade para vir trabalhar na construção das usinas hidrelétricas.

Figura 4 – Localização da Vila Áurea em relação ao restante da cidade



Google Earth: 2012

Org.: Juliana Maria Vaz Pimentel.

Era na estrada que levava ao Porto Amizade que se encontrava alguns bordeis, dentre eles o Flor de Lis. Segundo os entrevistados, era o maior e o mais conhecido na região no final da década de 1970, porém não foi possível encontrar narrativas que descrevessem detalhadamente o seu espaço, cuja proprietária era Tia Joana. Outra casa noturna citada pelos entrevistados era o antigo “Cafezinho”, situado na Rodovia Arlindo Bétio (SP- 613) que interliga Rosana ao distrito de Primavera; o proprietário dessa casa noturna era o filho de Tia Joana. Não conseguimos relatos detalhados sobre essa casa, a única referência que obtivemos foi a de que esse estabelecimento comercial era muito perigoso e violento, e por esse motivo acabou fechando, pois os peões tinham medo de frequentá-lo, principalmente nas madrugadas.

Após a década de 1970, houve a migração dos bares para a Vila Áurea (vide figura quatro). A prostituição ali teve seu território definido pelas proprietárias das casas noturnas e dos bares¹⁵, pois ali concentrava-se uma

¹⁵ Os moradores que residiram em Rosana nessa época, nos disseram que os contatos para a realização dos programas aconteciam também nos bares, e muitas mulheres frequentavam esses lugares em busca de clientes.

grande mobilidade de homens, constituindo-se, assim, um forte atrativo para a prática dos serviços sexuais que ali residiam e transitavam.

A maior parte das casas noturnas situava-se entre o município de Rosana e a balsa, que trazia trabalhadores de Nova Londrina. A localização era bastante positiva para o agenciamento sexual, já que ali se dava a passagem de homens do Paraná para trabalharem nas barragens, e das mulheres que vinham também de várias cidades paranaenses para prestarem serviços sexuais no município, gerando uma grande rotatividade de pessoas, também do estado de São Paulo. Moradores relataram, que na década de 1990 chegou em Rosana dois ônibus com “peões” vindos do estado do Piauí.

Os moradores que viveram na Vila Áurea contam que o convívio dos mesmos com as garotas de programa sempre foi de muito apreço. “*As mulheres sempre nos respeitaram*”, diz uma moradora que teve um bar na cidade. “*Elas sempre trataram nossos filhos, que na época eram pequenos, com muito carinho e nunca desrespeitaram nossa família*”, diz dona Isaura¹⁶ A mesma entrevistada conta: “*aquelas mulher respeitava a gente muito mais do que as mulher da rua, elas iam na minha casa comprar produto da Avon e peça íntima, nunca me fizeram nada e sempre me pagava direitinho*” (entrevista realizada em 26/01/12).

Dona Isaura¹⁷ também relatou com muita emoção uma história que, disse, “*completou 30 anos em 30 de julho de 2012 e que ficará marcada para toda a minha vida*”. Esse acontecimento ocorreu na Vila Áurea, onde residia com seu marido e seus filhos:

Naquela época as prostituta que não tinha com quem deixar seus filho, contratava uma espécie de babá para ficar com eles. Na verdade, essas criança morava com as babá e as verdadeira mãe dava dinheiro para comida, fraude, remédio e roupa. As criança até chamava essas babá de mãe. Mas tinha uma prostituta que veio lá do Paraná que engravidou e como tava em época que o movimento tava fraco, ela tava sem

¹⁶ Os nomes dos moradores que aceitaram dar entrevistas foram alterados a pedido dos mesmos, exceto os nomes das proprietárias das casas da Vila das Garotas e do senhor Rubens.

¹⁷ Essa história relatada por dona Isaura, que ocorreu há 30 anos, não é muito diferente da rotina relatada pelas garotas de programa. Às que tem filhos, ou deixam com os avós para cuidarem ou contratam babás para passarem principalmente a noite com as crianças. Há garotas que possuem duas babás, uma para o dia e outra para a noite.

dinheiro pra pagar os gasto da criança. Aí eu sempre conversava com ela e ela deixava o menino na babá. Ela dizia que não queria aquela vida pro filho dela, porque ela sabia que ele ia ficá um tempo em uma casa e ia chamá aquela babá de mãe e depois ia pra outra e chamá a outra de mãe. Ela perguntou se eu não queria pegar ele pra mim e disse que se eu não pegasse ela ia deixar a criança lá no postinho. Aí eu fiquei com dó da criança e peguei o menino para criar (entrevista realizada em 26/01/2012).

Diante do depoimento de Dona Isaura, podemos verificar que na Vila Áurea não existia somente residências familiares, o bairro era constituído também por moradias de garotas de programa, abrigo para os peões das obras das hidrelétricas, casas de entretenimento noturno e, por mulheres que ficavam com o “cuidado” de crianças, cuja, as mães, não podiam cuidar porque prestavam serviços sexuais em diversos horários do dia e da noite. DaMatta (1997, p. 32), ao referir-se sobre o espaço, retrata que a sociedade brasileira se “singulariza pelo fato de ter muitos espaços e muitas temporalidades que convivem simultaneamente (...) mas posso dizer que tanto o tempo (ou a temporalidade) quanto o espaço, são invenções sociais”. Já Carlos (2007, p. 20) considera que “a produção espacial realiza-se no plano do cotidiano e aparece nas formas de apropriação, utilização e ocupação de um determinado lugar”.

Os seres humanos fazem sua própria história. Isto significa que as configurações espaciais de uma vida social são uma questão de importância tão fundamental para uma teoria social como as dimensões da temporalidade, e, (...) para muitos fins é conveniente pensar em termos de um espaço-tempo ao invés de tratar tempo e espaço separadamente (GIDDENS 1991, p. 28).

É no contexto de ordem temporal e espacial que se instituíram os territórios do prazer na Vila Áurea e, nesta mesma perspectiva, é que darão continuidade as novas configurações dos territórios e territorialidades da prostituição rosanense; territórios imbuídos de diversas histórias e diferentes sujeitos que darão ao longo do tempo ornamentos às alteridades da geografia do prazer em Rosana.

Durante as entrevistas ocorreram vários relatos semelhantes sobre acontecimentos que envolveram peões e garotas de programa. Contaram os entrevistados que nos dias de pagamento e de vale dos funcionários das

barragens, o número de mulheres aumentava com notoriedade. Elas vinham para fazer programas, rever um *affair*, cobrar programas passados e até mesmo comprar roupas novas, tudo pago por seus clientes.

Contou-nos um barrageiro que algumas vezes presenciou mulheres confiscarem o cartão bancário de clientes como forma de garantirem no próximo mês o pagamento do programa que haviam realizado. Era muito difícil as garotas não receberem pelo serviço prestado, pois em época de pagamento os “peões” faziam fila na porta do banco e estas chegavam a se estender por mais de dois quarteirões, e nelas as garotas sempre conseguiam encontrar seus clientes. Houve relatos em que os entrevistados disseram ter presenciado homens, no caso clientes, apanharem das garotas por tentarem não pagar o programa.

Segundo os moradores a cidade de Rosana, nas décadas de 1980 e 1990, Rosana era um “verdadeiro formigueiro”. Na época de vale e pagamento era impossível pagar contas no banco e fazer compras no supermercado, pois *“todas as pessoas da cidade estavam lá ao mesmo tempo, Rosana não possuía infraestrutura para receber um número tão grande de trabalhadores”* (barrageiro aposentado, entrevista realizada em 23/01/2012). Disseram os moradores que chegava a faltar gêneros de primeira necessidade, fazendo com que muitos cidadãos fossem fazer compras em cidades vizinhas.

Em relação às cidades, é notório que ocorram dinâmicas construídas pelos próprios sujeitos que nelas estão inseridos. Por vezes, essas transformações fogem do controle de “estruturas do planejamento urbano”, provocando alterações em sua ordem espacial e temporal São nesses espaços que ocorrem as afinidades coletivas e de conveniência pessoal, “que complexificam as regiões e os usos dos espaços construídos, fazendo com que a cidade adquira uma organização e distribuição da população que nem é projetada nem controlada” (SIMÕES, 2010, p.46).

Ao entrevistar uma moradora e garota de programa (Gal), e ao questioná-la sobre quais eram os pontos de prostituição em Rosana na década de (19)90, ela relatou, rindo, que:

Era lá na Vila Áurea, era muito mato, a gente morava numa chácara por lá e íamos para escola a pé, eu com 7 anos e meu irmão com 8, daí a gente passava por várias casas e a mulheres sempre estavam lá fora sentadas de calcinha e sutiã, e outras só de calcinha e eu tinha que ficar puxando meu irmão, porque ele não parava de olhar pra elas, ficava hipnotizado (entrevista realizada em 18/01/12).

Mesmo que a Vila Áurea tenha sido construída para abrigar as famílias dos trabalhadores das barragens, existiam bares voltados à prática do comércio sexual dentro do bairro e também nas redondezas, em áreas mais longínquas (especialmente nas fazendas próximas à estrada do Porto Amizade). Para chegar até essas casas noturnas era preciso adentrar em ruas de terras, com matas fechadas. Disseram os entrevistados que eram poucas casas (não souberam responder quantas), mas que residiam muitas mulheres, todas elas vindas de boates de cidades da região e que fazia-se perceptível a presença dessas mulheres pelas ruas da Vila Áurea, evidenciando, dessa forma, a apropriação do espaço por sujeitos que o utilizavam diferentemente das famílias e peões que residiam na mesma vila.

A história do indivíduo é aquela que produziu o espaço e que a ele se imbrica por isso que ela pode ser apropriada. Mas é também uma história contraditória de poder e de lutas, de resistências compostas por pequenas formas de apropriação. O espaço do poder enquanto espaço do vazio é o espaço do interdito / interditado. [...]. O espaço é construído em função de um tempo e de uma lógica que impõe comportamentos, modos de uso, o tempo e a duração do uso (CARLOS, 2007, p.19).

A descrição feita por Gal e a história de dona Isaura, nos leva a pensar sobre a relação espaço-tempo na perspectiva de Massey (2008, p.15), que vê o espaço imbuído por trajetórias que convivem em um mesmo espaço: “se o tempo é a dimensão da mudança, então o espaço é a dimensão do social”. Hoje a Vila Áurea transformou-se em um bairro estritamente residencial, mas, ainda, é lembrado pelos moradores rosanenses, como um lugar que outrora, encontrava-se repleto de garotas de programa e peões que utilizavam seus serviços. É neste sentido que existe uma concordância ao afirmar que o tempo é a dimensão da mudança. Se na década de (19)60 as casas de entretenimento noturno (os “bares”, como se referiram os entrevistados), localizavam-se somente próximo à estrada do Porto Amizade, quando a Vila Áurea foi formada com o objetivo de abrigar as famílias dos barrageiros, na

década de (19)70 e 19(80), os bares migraram para a Vila sob a justificativa (das proprietárias dos bares) de ficarem mais acessíveis aos peões, reconfigurando, assim, a apropriação espacial da Vila Áurea.

Dessa forma, espaço vivido e resgatado por dona Isaura demonstra o espaço da multiplicidade de vivências, não só dela, mas também das garotas de programa que residiam na Vila Áurea ou nas casas noturnas. Assim, também podemos pensar no espaço citado por Gal, na Vila Áurea, como um espaço de liberdade, sem restrições morais, com estilo unitário, um espaço onde a censura à exposição dos corpos, não faz parte dos hábitos corriqueiros dos sujeitos que compõem o ambiente de vivência.

O território da prostituição, que hoje encontra-se na Estrada da Prainha, demonstra que os hábitos mudaram ao longo do tempo: barracões e bares foram trocados por casas residenciais (Vila Áurea), calcinhas foram trocadas por mini-shorts, sutiãs por biquínis, uma maneira de expor os corpos de forma menos obscena, pois segundo uma das entrevistadas, “*quem não usa esse tipo de roupa?*”

Os territórios da atividade sexual comercial rosanense estão dotados de “toponímia”, que, para Corrêa, (2003, p. 176):

Constitui-se em relevante marca cultural e expressa uma efetiva apropriação do espaço por um dado grupo cultural. É ainda, um poderoso elemento identitário. A toponímia, articula linguagem, política territorial e identidade.

Assim, o tempo se compõe mutuamente ao espaço e este é composto pelas relações sociais que se estabelecem ao longo de um processo histórico e que consubstancia-se em um território, construindo-se desta maneira as territorialidades, explicitadas nos territórios do prazer de Rosana, principalmente pelos trejeitos, formas de vestuários e linguagens utilizadas pelas garotas de programa.

A territorialidade é um fenômeno social que envolve indivíduos que fazem parte do mesmo grupo social e de grupos distintos. Nas territorialidades, há continuidades e discontinuidades no tempo e no espaço; as territorialidades estão intimamente ligadas a cada lugar: elas dão-lhe identidade e são influenciadas pelas condições históricas e geográficas de cada lugar (SAQUET, 2009, p.88).

Os trabalhos de campo demonstraram que os territórios da prostituição rosanense são dotados de laços identitários, que se fortalecem através da convivência entre as garotas. Seus corpos trazem consigo aspectos singulares que caracterizam o território. São esses mesmos corpos que delimitam uma dinâmica, linguagens e gestos que permitem que sejam rapidamente reconhecidos em outros territórios em que ocorra ou não a atividade comercial sexual. Nesta perspectiva, o filósofo Merleau-Ponty (1994), ao discorrer sobre o comportamento corporal e a percepção, aponta para a importância do corpo e do gesto como instrumentos de reconhecimento das manifestações intersubjetivas. Através da expressão corporal de um indivíduo, é possível compreender o significado dos gestos e das palavras utilizadas por um sujeito social e, a partir daí, existe a possibilidade de entender a manifestação dos comportamentos de um grupo em um determinado território.

É nesta perspectiva que se instituíram os territórios da prostituição na Estrada da Prainha em Rosana. Ao adentrá-lo, faz-se perceptível a projeção dos corpos laborantes que dão sentido à estruturação de todo o mercado sexual que envolve a Vila das Garotas. É neste território que as garotas imprimem e exprimem as significações existentes em seus meios materiais e simbólicos, instituídas ao longo do tempo. A perspectiva de seus corpos desenha o “cenário”, dando uma dimensão territorial através desta extensão, desenhando-se as configurações, as tessituras territoriais, instituindo, assim, a relação corpo- território.

1.2 O processo de remanejamento das casas noturnas: da visibilidade à invisibilidade

O processo de desterritorialização das prostitutas da Vila Áurea iniciou-se com o mandato do prefeito Newton Rodrigues da Silva, entre 1997 a 2000 (“Miltinho”, assim denominado e conhecido pela população). Ainda em seu mandato, houve total remoção das casas noturnas da Vila Áurea para um terreno onde atualmente concentram-se as casas de entretenimento noturno – a Vila das Garotas.

A prefeitura cedeu uma área que, naquela época, encontrava-se distante da cidade de Rosana (a aproximadamente dois quilômetros). A

primeira casa a ser construída foi a da Tia Joana; sua casa foi construída com a colaboração de um político-candidato¹⁸ como forma de agradecimento aos seus trabalhos como mãe-de-santo¹⁹ - os trabalhos, destinados aos orixás, buscavam fazer com que o candidato obtivesse êxito nas eleições.

Contam as atuais proprietárias das casas da Estrada da Prainha que, quando terminou de ser construída, a casa de Tia Joana – o Corujinha²⁰ (casa azul/ Foto – 1, p. 41) – vieram seis proprietárias de casas noturnas trabalharem para ali. Posteriormente, algumas mulheres e ex-garotas de programa da Tia Joana também conseguiram terrenos ao lado do Corujinha, construindo seus próprios estabelecimentos noturnos (atualmente são oito casas noturnas). Luiza é uma dessas ex-garotas que trabalhava para Tia Joana e que conseguiu construir sua casa, próxima do Corujão.

Tia Joana e Gal²¹ afirmaram que a migração das “zonas” para a atual área, denominada de Estrada da Prainha, foi uma forma de fazer uma “limpeza na cidade”, pois na época a Vila Áurea estava se expandido para o centro da cidade e já era um bairro residencial, ou seja, a proximidade provocava estranhamentos entre uma condição socioespacial de promiscuidade e outra, familiar. Então, foi necessário desterritorializar as “zonas” da Vila Áurea, que na época era o bairro central da cidade, e reterritorializá-las em uma área periférica da cidade, mais precisamente na Estrada da Prainha.

Nas cidades brasileiras, a demarcação espacial (e social) se faz sempre no sentido de uma gradação ou hierarquia entre centro e periferia, dentro e fora. Para verificar isso, basta conferir a expressão brasileira “centro da cidade” e também a conotação altamente negativa do espaço sub-urbano (...). O espaço é demarcado quando alguém estabelece fronteiras, separando um pedaço de chão de outro. Mas nada pode ser tão simples assim, porque é preciso explicar de que modo as separações são feitas e como são legitimadas e aceitas pela comunidade da propriedade privada e suas origens (...)

¹⁸ O nome do candidato e seu cargo foram apontados por tia Joana, mas não indicaremos nem o nome e nem a data exata do mandato.

¹⁹ Tia Joana em sua juventude trabalhou com a Mãe Menininha dos Gantois, uma das mais respeitáveis mãe-de-santo da Bahia, tornando-se também mãe-de-santo; adepta do candomblé fez muitos trabalhos para outros cidadãos que possuíam cargos públicos importantes no município.

²⁰ Não conseguimos dados referentes à construção do Corujão. Corujão e Corujinha ainda pertencem à Tia Joana.

²¹ Gal é garota de programa quando está desempregada. E foi uma das principais “guias” para que eu tivesse acesso a outras garotas de programa.

(DAMATTA,1997,p.32).

No processo de desterritorialização das “zonas”, até então, situadas na Vila Áurea, segundo depoimentos, nenhum prefeito teve a intenção de erradicar a mercantilização sexual; pelo contrário, ouvimos muito que os mesmos tinham noção da importância de tal prática para os moradores, principalmente, para os milhares de peões que estavam residindo na cidade entre 1980 a 2000 (aproximadamente). Porém, era extremamente importante invisibilizar a presença das garotas de programa na cidade, ou seja, criar uma política de tolerância, mesmo que a prostituição possuísse o estigma de comportamento desviante aos olhos dos cidadãos locais. Mas, para a visão política e econômica dos administradores da cidade tornou-se um “mal necessário²²”, já que era indispensável manter os espaços de entretenimento noturno para os quase 20.000 peões que haviam chegado à cidade.

O motivo pelo qual levou o então prefeito Newton a tomar a decisão de remover as mulheres da Vila Áurea, foi justificado pelas proprietárias das casas noturnas, que vivenciaram essa migração, pelo fato da vila estar crescendo e encontrar-se situada em um bairro residencial, e também porque as “zonas” estavam ficando muito próximas da cidade, colocando em “risco” a ordem e a moral dos munícipes, já que as garotas de programa eram vistas como pessoas de “vida fácil” e com comportamentos desviantes. Simões (2010), ao realizar uma pesquisa etnográfica na Vila Mimosa, lugar repleto de casas de prostituição no Rio de Janeiro, verificou que:

O fantasma da prostituição também reforçava a noção de alteridade simbolizando um mundo onde tudo se transformava em mercadoria e instituindo, assim, fronteiras simbólicas que organizavam as relações sexuais num espaço geográfico da cidade especialmente destinado à evasão, aos encontros amorosos e à vida boêmia (SIMÕES, 2010, p. 44).

Dentro deste contexto descrito por Simões (2010) é que será importante reterritorializar as garotas de programa e suas aparentes invisibilidades, pois, o processo de remanejamento das “zonas” esteve totalmente envolto por

²² Souza (1998, p. 69), diz que essa expressão agrega uma série de conotações culturais, sociais, econômicas e políticas e que, ao tentar compreender esse termo ligado à prostituição, seria possível “entender a tese da existência dos prostíbulos como fator de proteção e preservação das famílias da sociedade”.

relações de poder. Foucault (1988), ao discorrer sobre as relações existentes entre discurso, poder e sexo, nos chama a atenção para “os silêncios” em que estes, “dão guarida ao poder”, [...] O discurso, como o silêncio, nem são submetidos de uma vez por todas ao poder, nem opostos a ele” (FOUCAULT, 1988, p.111). E foi o que ocorreu no processo de desterritorialização das “zonas”, uma vez que as proprietárias e suas garotas não se submeteram totalmente aos ditames do atual prefeito, pelo fato de conseguirem criar um novo território do prazer, sem entrar em conflito direto com as ordens/poder estabelecidos pelo prefeito.

No caso em estudo, consideramos que os “silêncios” atrelam-se a todos os processos de disseminação espacial dos territórios da prostituição, pois em todas as narrativas das mulheres envolvidas nessas dinâmicas não houve em nenhum momento uma forma de resistência ou questionamento em relação ao remanejamento de suas casas noturnas. Esses “silêncios” estão imbuídos de uma série de significados, como as relações de poder que se estabelecem ocultamente, e que, por vezes, justificam as relações sociais que são construídas territorialmente.

Ainda neste contexto, iremos nos apropriar do termo “ausência” para elucidar a invisibilidade da prática do comércio sexual por parte da maioria dos indivíduos que frequentam os territórios da prostituição – Lanchonete e Choperia Júpiter, Tenda Danceteria, Balneário e Vila das Garotas e, é invisibilizada até mesmo, por órgãos públicos, já que até 2012, nada foi feito pra minimizar tal prática que envolve também garotas na fase infanto-juvenil. Para esses indivíduos (alguns moradores, turistas, órgãos públicos), é evidente e explícita a prática do comércio sexual, mas consideram-no tradicional e ou “natural” do município, transformando-o invisível a seus olhares. Nesta perspectiva, podemos perceber que os discursos se servem de práticas descontínuas e que por vezes podem se cruzar, se ignorarem e também se excluírem.

No que concerne aos procedimentos e estratégias estabelecidos pelo prefeito do município de Rosana, em reterritorializar essas mulheres em um território afastado da cidade, pode-se apontar que:

A implantação das previsões é um efeito-instrumento: é através do isolamento, da intensificação e da consolidação das sexualidades periféricas que as relações do poder com o sexo e o prazer se ramificam e multiplicam, medem o corpo e penetram nas condutas. E nesse avanço dos poderes, fixam-se sexualidades disseminadas, rotuladas segundo uma identidade, um lugar, um gosto, um tipo de prática (FOUCAULT, 1988, p. 56).

Diante do excerto acima, ao serem reterritorializadas (as “zonas”) na Estrada da Prainha, Luiza e Lucia²³ nos contaram que quando ocorreu a inauguração da casa da Tia Joana – Corujão – e da casa da Luci, houve um movimento grande na vila:

A inauguração aqui foi linda. Lotou de gente. Veio um monte de mulheres de outras cidades para a inauguração. A Luci e a Joana fizeram uma grande festa de inauguração. A Luci trouxe uma menina de Cianorte que cantava igual a Sula Miranda. Veio muita gente, de tudo quanto era lugar, foi muito legal e alegre. Veio até o prefeito (Luiza, entrevista realizada em 27/01/2012).

Atualmente (2012), a Vila das Garotas conta com duas casas de proprietárias que no passado trabalharam para a Tia Joana: Luiza, já mencionada, e Luci, além de outras duas casas: Favorita – Night Club, da Josi, e a casa da Lucia, que já trabalhou como garota de programa na casa da Luiza.

²³ Lucia, 47 anos, trabalhou durante muito tempo na casa da Luiza e começou a se prostituir com 19 anos; atualmente é proprietária de uma casa noturna que abriu recentemente na Vila das Garotas.

Figura 5 – Croqui da Vila das Garotas

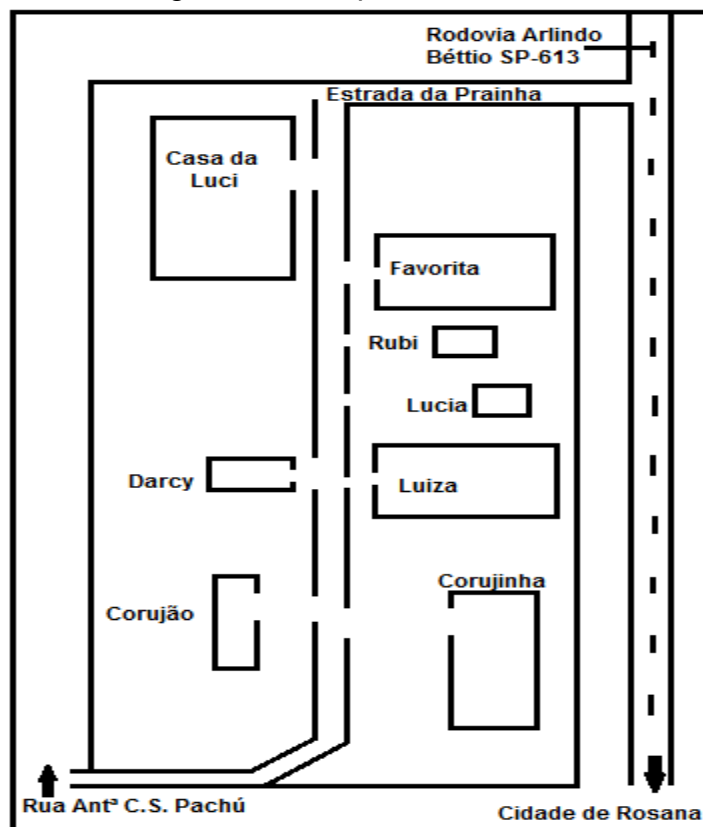


Foto 1 – Vila das Garotas I – Corujão (de acordo com placa) e Corujinha (casa à esquerda).



Juliana Maria Vaz Pimentel (trabalho de campo, 23/05/2011).

A entrada para a Estrada da Prainha, ou para a Vila das Garotas, possui dois acessos (ver figura 6, p. 42): a primeira através da rodovia que interliga o distrito de Primavera a Rosana; e a segunda, faz-se necessário passar pela cidade. A foto1 foi tirada com o sentido de quem entra pela Rodovia Arlindo Bétio, assim nos dando a impressão de que só existem essas duas casas na

Vila das Garotas²⁴.

Figura 6 - Acesso à Vila das Garotas



Google Earth: 2012

Org.: Juliana Maria Vaz Pimentel

As fotos abaixo demonstram além da fachada do Corujinha, os lugares onde se iniciam os programas no interior da casa. No período de intenso movimento na Vila (abertura da pesca), as garotas de programa que residem na casa ensaiam coreografias para possíveis shows que poderão ocorrer em momentos em que o Corujinha e Corujão possam estar repletos de turistas em suas intermediações.

²⁴ Nosso acesso às duas casas Corujão e Corujinha foi um pouco conturbado, uma vez que Tia Joana está muito doente e fazendo hemodiálise três vezes por semana em Presidente Prudente (SP), por esse motivo, ainda não conseguiu encontrar pessoas de sua confiança para administrar e gerenciar as suas casas (Corujão e Corujinha), gerando assim, um clima de tensão nas imediações internas da casa.

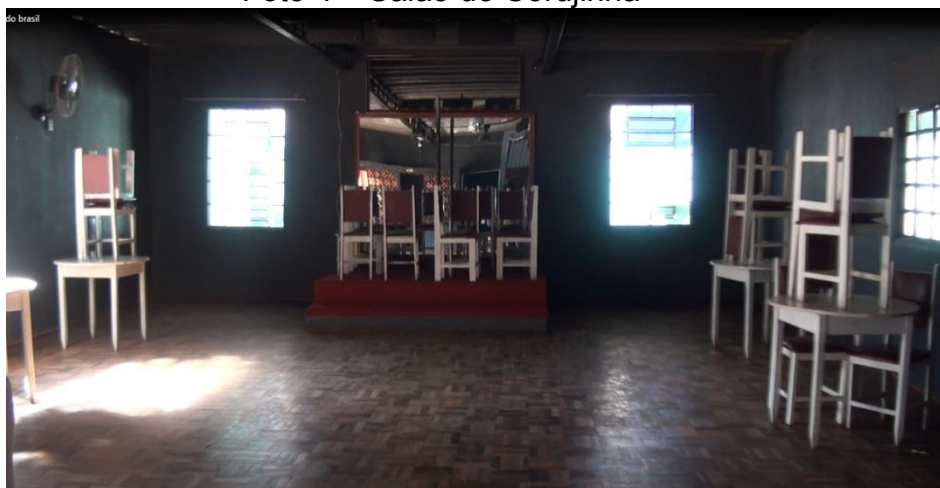
Foto 2 - Corujinha



Foto 3 - Bar do Corujinha



Foto 4 – Salão do Corujinha



Juliana Maria Vaz Pimentel (trabalho de campo, 23/05/2011)

Conseguimos, em 2011, realizar uma filmagem²⁵ no interior do Corujinha. Quem nos recepcionou foi o “Marcos do Brasil”, um babalorixá de Nova Andradina (MS), que havia sido contratado pelo filho da Tia Joana para fazer uma limpeza espiritual no lugar. Infelizmente, “Marcos do Brasil” não pode nos dar detalhes sobre a casa, como funcionamento, movimentação, garotas que ali residiam, clientes, etc., pelo fato de ter chegado ao Corujinha recentemente e por não conhecer a dinâmica da casa.

²⁵ A foto número quatro foi extraída da filmagem que realizamos.

Foto 5 - Corujão



Juliana Maria Vaz Pimentel (trabalho de campo, 23/05/2011)

Foto 6 - Salão Corujão-Noite



Foto 7 - Salão Corujão-Dia



Juliana Maria Vaz Pimentel (trabalho de campo, 17/03/2012)

Durante os trabalhos de campo, raras foram às noites que encontramos as duas casas de entretenimento noturno funcionando e, quando encontramos, percebemos que culminara na abertura da pesca. Na maioria das vezes, tanto na abertura da pesca quanto no fechamento da mesma, encontramos o Corujão ou o Corujinha com garotas de programa e turistas.

Foto 8 - Vila das Garotas II



Juliana Maria Vaz Pimentel (trabalho de campo, 23/05/2011)

A foto 8 (acima) foi tirada como que vem do centro de Rosana, através da Rua Ant^a C. S. Pachú, portanto, a ordem de localização das casas²⁶ neste sentido, se dá com início das casas da Tia Joana: Corujão e Corujinha, conforme demonstra a foto número um (p.41). Assim, quem seguir adiante encontrará as outras casas. A primeira delas será a casa da Luiza - Casa Amarela. Uma das casas de entretenimento noturno mais movimentada por turistas da Vila das Garotas, tanto na abertura da pesca, quanto em períodos de pouca rotatividade de turistas na cidade.

Foto 9 – Casa da Luiza



Juliana Maria Vaz Pimentel (trabalho de campo, 23/05/2011)

Logo defronte a Casa Amarela situa-se a Casa Verde do Darcy. Disse-nos Luiza que ele não reside mais em Rosana.

²⁶ Ver croqui da disposição das casas na Vila das Garotas (p.41).

Foto 10 – Casa do Darcy



Juliana Maria Vaz Pimentel (trabalho de Campo, 23/05/2011)

A casa do Darcy encontra-se fechada. Atualmente Luiza vem pensando em alugá-la para abrir um “karaoke” e servir porções e bebidas. Luiza pensa em oferecer serviços que não são prestados na sua casa, por isso a casa do Darcy se tornaria uma espécie de extensão da Casa Amarela. Enquanto isso, o filho de Luiza, César, está morando na casa com sua namorada.

Foto 11 - Salão da Casa do Darcy



Juliana Maria Vaz Pimentel (trabalho de Campo, 23/05/2011)

Ainda na Vila das Garotas, ao lado direito da Casa Amarela, encontra-se a casa da Lucia, inaugurada no final de 2011. Lucia já trabalhou como garota de programa na casa da Luiza. As duas possuem uma longa história de vivência e ambas também já trabalharam em outras casas noturnas como garotas de programa. Lucia, ao ser entrevistada, demonstrou-se muito feliz em conseguir abrir seu próprio estabelecimento comercial, pois nos revelou ter sofrido muito para criar seus filhos sozinha, como garota de programa.

Justificou ainda que se sente aliviada em não ter mais que prestar serviços sexuais e, então, tinha o auxílio de seu filho para ajudar nos assuntos administrativos da casa.

Foto 12 – Casa da Lucia



Juliana Maria Vaz Pimentel (trabalho de campo, 17/03/2012)

Ao lado da casa da Lucia está a Casa de Rubi-Drink's que em 2012, encontrava-se fechada. Entre 2011 e 2012 foram raras as vezes que pudemos encontrar a Casa de Rubi em funcionamento. Porém, o que nos foi dito é que a Casa de Rubi iria passar por uma reforma para ser inaugurada ainda em junho de 2012, e quem iria gerenciar o estabelecimento noturno é a mãe da proprietária da Casa Favorita-Night Club. Em uma dada tarde conseguimos realizar algumas entrevistas com as garotas de programa da Favorita, em frente da “casa”, porém, quando retornamos em outro momento, pudemos perceber que fomos invasivos, causando uma espécie de desconforto à proprietária e às garotas de programa que lá residiam. Esse fato já apontou indícios de que cada casa de entretenimento noturno da Vila das Garotas possui singularidades inerentes a identidades das proprietárias das casas.

Foto 13 – Casa de Rubi



Juliana Maria Vaz Pimentel (trabalho de Campo, 22/05/2011)

A reforma da Casa de Rubi-Drink's ocorreu, porém permaneceu por pouco tempo aberta. Não chegamos a presenciar sua inauguração e nem seu funcionamento. A última casa ao lado direito, rumo à Rodovia Arlindo Bétio, é a Favorita-Night Club, ou Casa Vermelha.

Foto 14 – Favorita - Night Club



Juliana Maria Vaz Pimentel (trabalho de Campo, 17/03/2012)

A Favorita conta com uma pista de poli-dance e um bar. Nestas intermediações da casa ocorre *strip-tease*, e é onde as garotas de programa ensaiam coreografias que serão apresentadas aos clientes.

Foto 15 - Salão da Favorita

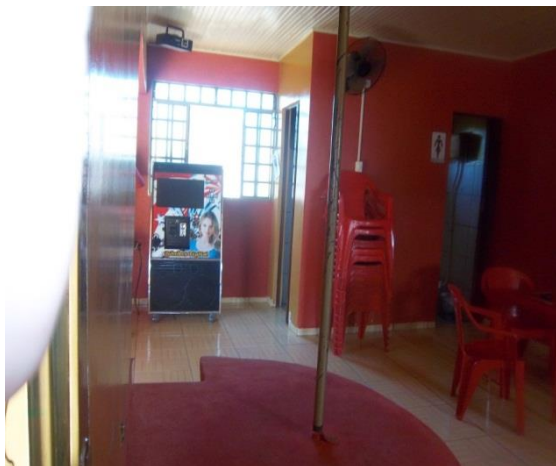


Foto 16 – Bar da Favorita



Juliana Maria Vaz Pimentel (trabalho de campo, 17/03/2012)

Pudemos conhecer o espaço interno da casa e entrevistar algumas garotas que estavam trabalhando ali. Entre as entrevistadas estavam duas garotas que migraram para a casa da Luiza e que lá permanecem atualmente. A primeira garota entrevistada é oriunda do Estado do Rio de Janeiro e chegou até Rosana por indicação de uma amiga; a segunda garota havia iniciado o ofício de garota de programa há dois dias antes da nossa entrevista. Ela trabalhava como boia-fria e disse estar muito descontente com o trabalho que exercia no campo: *“era muito difícil trabalhar de sol a sol e cortando cana, chegava em casa quase morta com esse sol e na hora de pegá o dinheiro não dava pra nada”* (Marcia, entrevistada em 16/01/2012). Atualmente, mãe e filha administram os negócios da Favorita.

Defronte à Favorita está a casa da Luci – casa Branca e Verde. Luci também já trabalhou com Luiza nos tempos em que ainda faziam programa. Hoje Luci é casada e seu marido a ajuda nos assuntos administrativos da casa. A casa da Luci, dentre todas as outras, é a mais estruturada fisicamente, pois conta com uma ampla área de lazer, dotada de piscina e área para churrasco.

Foto 17 – Casa da Luci



Juliana Maria Vaz Pimentel (trabalho de campo, 17/03/2012)

Através das imagens podemos apresentar uma aproximação visual sobre a configuração da Vila das Garotas e o interior das casas de entretenimento noturno de Rosana.

Ao retirar as garotas de programa de um determinado território e ao ser delimitado um novo território de convívio, legitimado pelos sujeitos que regem o poder local, estabeleceu-se um limite entre duas condições distintas: *nós*, os estabelecidos, e os *outros*, os *outsiders*. Raffestin (1993) aborda que o “limite é criado por uma coletividade que ao delimitar seu espaço acaba fixando um território onde este mantém uma estreita relação com o poder”.

Ao questionarmos uma das entrevistadas sobre sua relação com o território²⁷ onde vive, Bárbara nos responde:

Minha relação é boa, porque aqui é onde eu moro e trabalho para sustentar a minha vida e mandar dinheiro para o meu filho. Aqui tem gente que já passou pelos mesmos problemas que eu, ou até pior. Aqui a gente se entende, fala a mesma língua, tenho amigas. Tem meninas de tudo quanto é lugar. Todo mundo é igual, a gente se respeita (entrevista realizada em 17/01/2012).

Diante deste depoimento, fica evidente que Bárbara se identifica com o lugar onde reside e trabalha. São nestes ambientes²⁸ que muitas meninas

²⁷ O espaço em questão é o da casa noturna A Favorita.

²⁸ Utilizo essa expressão no plural, porque a maior parte das garotas que moram nas casas noturnas são oriundas de outras cidades e estados, e parece sempre estarem de passagem. O aumento do fluxo de garotas nessas casas se dá na abertura da pesca, que corresponde ao mês de março a dezembro, época de alta temporada. Nos períodos de baixa temporada da

constroem suas territorialidades. Formas de se vestir, linguagem, hábitos de lazer e subjetividades efetivam materialmente e cognitivamente o espaço, destacando os traços identitários dos sujeitos que ali estão inseridos.

Ao tentarmos elucidar os processos inerentes ao movimento territorial exercido pelas garotas de programa da Vila das Garotas, não podemos deixar de mencionar o agenciamento dos corpos (na perspectiva de Deleuze, 1995), que considera que todo o agenciamento é territorial e que, portanto, os agenciamentos são constituídos de movimentos de territorialização e desterritorialização, sendo envoltos por “um conjunto de relações materiais e de um regime de signos”. Tal concepção pode ser verificada quando passamos a compreender os aspectos simbólicos e materiais que perfazem os territórios do prazer na Vila das Garotas, e se tornaram mais explícitos para nós quando passamos a frequentar a casa da Luiza.

Dessa forma, o trabalho de campo demonstrou que a Vila das Garotas representa um território que resiste, mesmo em relação à visão estigmatizadora da sociedade. As proprietárias das casas de entretenimento noturno, juntamente as garotas que lá trabalham, acabam, mesmo que inconscientemente, transformando a Vila das Garotas em um território de potencialidades e transformação, já que outras casas foram abertas recentemente e, outras duas estão sendo construídas. Uma das casas recém-inauguradas é de propriedade da Lucia, que já trabalhou para Luiza. Na visão dessas mulheres, abrir e gerenciar uma casa noturna significa ascensão social, uma vez que estão “deixando de ser mandadas, para mandar”. Para estas mulheres que um dia foram garotas de programa e hoje tornaram-se proprietárias de seu estabelecimento comercial, essa transição significa uma ascensão hierárquica, não só um *status* social, mas a possibilidade de poder melhorar a condição de vida das pessoas que vivem de sua renda e de não precisarem mais utilizar seus corpos como instrumentos mercantis, muito embora, só consigam obter rendas, através da utilização dos corpos das garotas de programa que trabalham em suas casas de entretenimento noturno.

pesca as meninas migram para outras boates da região ou para boates de cidades de médio porte.

1.3 A dinâmica que engendra a instituição da prostituição em Rosana: a abertura da pesca

É sob a égide da pesca esportiva que se engendra toda a dinâmica do turismo sexual no município de Rosana. A pesca esportiva serve como artífice para a entrada de turistas oriundos dos mais diversos estados do Brasil, já que a localização geográfica do município de Rosana é contemplada pela presença dos rios Paraná, ao norte e oeste, e Paranapanema, ao sul, área esta circundada por uma rica hidrografia, paisagens naturais e pela existência de uma diversidade de peixes.

Contou-nos o senhor Rubens, barqueiro, encarregado do transporte das crianças que moram nas ilhas até suas respectivas escolas, que com o final das obras das hidrelétricas ocorreu um processo de pesca predatória e, conseqüentemente, houve a redução da quantidade de peixes, deixando muitos ribeirinhos e moradores ociosos, sem seus empregos, até então gerados pela construção das hidrelétricas. É neste momento que nasce o turismo em Rosana. Ainda, diz seu Rubens, foram os próprios ribeirinhos/pescadores que potencializaram o turismo e indiretamente o turismo sexual, *“por não terem outra opção de trabalho no município”*, ressaltando: se o *“turismo acabar, acaba Rosana, porque Rosana é movimentada pelo turismo”*.

A imagem apresentada na figura 2 (p. 28), elucida a posição geográfica do município de Rosana em relação aos rios Paraná e Paranapanema, confirmando, desta maneira, que Rosana é lugar propício para a atividade turística, não só da pesca esportiva, mas também para passar momentos de lazer no balneário municipal.

De acordo com esta perspectiva, durante as entrevistas de campo conseguimos estabelecer contatos com os turistas presentes tanto nos territórios onde ocorrem a prostituição de rua quanto nos territórios das casas noturnas, ou seja, na Vila das Garotas. Sempre muito atenciosos, os turistas se referem ao município rosanense como o melhor lugar para se “curtir” com os amigos. Em uma conversa informal na casa da Luiza (04/11/2011), dois clientes oriundos de Curitiba (PR) nos disseram que:

A gente vem pra Rosana com os amigos! Levamos nossas mulheres e filhos pra passear em outros lugares, aqui não! Sabe como é, né, aqui a gente se distrai cem por cento. Quando a gente chega no rancho já tá tudo certo, toda a tralha pra pesca tá arrumada e depois da pescaria a gente já faz os contatos com as mulheres, né? Pra levar pro rancho a gente já combina com elas lá na Júpiter ou pelo celular, e se a gente quer se divertir fora do rancho a gente vem pra cá, nas casas. A gente já conhece todas, porque faz três anos seguidos que a gente vem pescá aqui, mas a gente sempre prefere a casa da Luiza. Quando a gente chega passa por todas as casas pra ver as mulheres, mas a melhor casa é a da Luiza.

Durante trabalhos de campo na “rua”, pudemos nos aproximar na Lanchonete Júpiter com turistas que aparentavam ter mais de cinquenta anos, e que já frequentavam o município desde o ano de 2005. Eles nos disseram que vieram pela primeira vez indicados por outros amigos e que, por conhecerem as “riquezas naturais²⁹” do lugar, sempre optam por vir pescar em Rosana. Alegaram que a cidade é muito pacata, mas movimentada (na alta temporada), gostam dos serviços prestados pelos pirangueiros, os ranchos são bons e localizados em excelentes áreas voltadas à pesca, os moradores são afáveis e quando querem extravasar um pouco conseguem facilmente achar a companhia de uma mulher, e não precisam se preocupar em serem vistos acompanhados.

A fala mencionada acima nos leva a ter uma ideia de como os turistas “percebem” o município de Rosana e como utilizam esse lugar. As formas como interagem com a cidade são fragmentadas, pois a princípio vivenciam os territórios de prazer da pesca esportiva e, simultaneamente, desfrutam dos territórios de prazer, dos devaneios do corpo. Assim, os territórios com os quais os turistas se relacionam são segregados, inviabilizando, quase sempre, a compreensão da produção socioespacial rosanense por parte dos sujeitos que apropriam-se desses territórios por algumas horas ou dias.

Assim, os meses que antecedem a abertura da pesca – novembro a março – a cidade mostra-se pacata aos moradores. O ritmo interiorano faz-se presente. Pouco fluxo de carros nas ruas, comerciantes conversando nas

²⁹ Nesta conversa, foi possível acompanhar os flertes com as garotas e como se estabelecem os contatos entre turistas e garotas de programa. Quando utilizaram o termo “riquezas naturais”, deixaram no ar que não estavam se referindo somente às belezas hidrológicas ou florestais do município, mas também se referiam às mulheres “rosanenses”.

portas de suas lojas, supermercados e bancos com poucas filas, as famílias usufruindo à vontade do balneário municipal, sem receio de levarem seus filhos para brincarem no parque ou nas águas do rio Paraná. Não há problema em frequentar nenhum quiosque³⁰ do balneário. Tudo transcorre calmamente com a ausência dos turistas, e, não havendo turistas, também não há garotas de programa no balneário municipal, havendo dessa forma, uma espécie de contração (fechamento da pesca/diminuição de turistas) e expansão (abertura da pesca/aumento de turistas) da cidade, em relação a sua apropriação por parte dos turistas.

A expansão e contração desses territórios de prostituição vinculam-se, hoje, a diferentes atores que poderiam ser mencionados. A tradição desses espaços, muitas vezes conhecidos internacionalmente, principalmente na temporada de alta estação, corresponde ao período de verão [...]. Nesse período esses territórios aumentam os seus limites, em consequência do maior movimento e procura pelos clientes. [...] Enfim, os territórios da prostituição acompanham a dinâmica da cidade na qual estão inseridos, uma vez estabelecidos apresentam, caso aumente ou não a procura do “comércio do prazer” um processo de expansão e contração (RIBEIRO, 1997, p. 97-98).

Já na época da abertura da pesca, que condiz ao primeiro de março³¹, é notória a mudança do ritmo da cidade. Carros e caminhonetes desfilam pela cidade com barcos, lanchas e *jet ski* engatados. Toda a paisagem rosanense é alterada. A calma interiorana dá lugar ao agito. O som dos autofalantes que ecoam dos carros avisam que a temporada da pesca está em alta. Esse momento pode ser percebido também através das gôndolas semivazias dos supermercados e das filas “do pão” e do açougue:

Na época da temporada você fica uma hora na fila do pão. Você chega no supermercado do final de semana, tá lotado. O forte do comércio em Rosana é o turismo. Na temporada não arranja piloteiro, não tem diarista, se você cozinhar uma panela de milho verde, vende! Em temporada, feriado prolongado, não tem ninguém pobre em Rosana, a sociedade, todo mundo

³⁰ Durante entrevistas realizadas com cidadãos rosanenses, ficou explícito o incômodo dos mesmos em frequentarem o balneário nos períodos de alta temporada, pelo fato de não se sentirem à vontade em levar suas esposas e filhos por temerem que suas mulheres sofram algum tipo de “cantada”, e pela possibilidade delas serem confundidas com garotas de programa.

³¹ Em 2012 a abertura da pesca caiu em uma quinta-feira, porém, foi perceptível o aumento do número de carros com barcos e lanchas acoplados circulando pela cidade a partir já da sexta-feira anterior (24/02/2012).

fatura, qualquer peixe que você pegar dá pra vender. Eu acho que futuramente a cidade de Rosana vai virar fantasma, porque só tem turista (Rubens, entrevistado em 24/05/2012).

Nos feriados que correspondem à alta temporada chegam a faltar produtos nas prateleiras, fazendo-se notória a presença dos turistas nesses estabelecimentos, pois seus trejeitos assemelham-se, caracterizando-os como turistas. Além de possuírem geralmente a mesma faixa etária³², possuem o mesmo comportamento no ato de realizarem suas compras. Sempre alegres e descontraídos, demonstram seus “físicos”, satisfação por chegarem ao município da “alegria”³³, enchem seus carrinhos de uísque, cerveja, carne e carvão, conversam, falam e riem alto e depois vão embora rumo aos ranchos, em seus carros ou caminhonetes de luxo, emitindo em “alto e bom som” um fundo musical de uma dupla sertaneja (sertanejo universitário), que talvez, no momento, esteja em evidência³⁴.

O momento é de descontração geral, pois, então, em Rosana, esses homens tornam-se “desconhecidos”, porém, turistas e, assim o sendo, são aceitos da maneira como se “apresentam”: “gentis³⁵”, alegres, descontraídos e muito bem sucedidos financeiramente, aliás, na concepção das garotas de programa, todos os turistas são bem sucedidos, portanto, turista, para elas, é sinônimo de dinheiro, não importando quem seja e de onde venha, mas, sim, quais são os benefícios financeiros que esse homem pode trazer à garota de programa ou à casa noturna.

Os trabalhos de campo apontaram que os moradores não se incomodam com a presença dos turistas, pelo contrário, mostram-se favoráveis a presença

³² A maior parte dos turistas que frequentam o município de Rosana sob a justificativa da pesca esportiva, possuem a faixa etária entre 30 a 60 anos. São raros os turistas que não são casados. Vale ressaltar que as garotas de programa relataram preferir realizar os programas com turistas mais velhos e casados. Não gostam de sair com os mais novos e solteiros, pelo fato dos mesmos não a respeitarem como profissionais.

³³ Conversas informais durante os trabalhos de campo, nos revelaram a grande satisfação que os turistas sentem em frequentar o município rosanense. Essa discussão será abordada com mais complexidade nos capítulos dois e três.

³⁴ O leitor poderá ter uma ideia melhor das músicas mais ouvidas pelos turistas e tocadas nas casas de entretenimento noturno acessando os links abaixo: <http://www.youtube.com/watch?v=r2u8EQoVAwg>; <http://www.youtube.com/watch?v=CN5FEqnJdmc>; <http://www.youtube.com/watch?v=M79e5ji-53w>.

³⁵ Aqui o sentido da palavra gentil torna-se relativo ao momento e “posição” em que o turista se encontra. Segundo relatos das garotas de programa, ao realizarem o flerte com o possível cliente esse nem sempre se demonstra tão gentil. Alguns são grotescos e por acharem que pelo fato de pagar o programa, têm o direito de desrespeitar as garotas.

deles. Por mais que tenham a consciência de que esse tipo de turismo (esportivo) oculta a atividade sexual comercial, acham que o turismo na cidade traz benefícios para a economia local³⁶, já que direta ou indiretamente, seja no comércio ou no mercado informal, muitas pessoas beneficiam-se economicamente com a presença dos turistas no município.

Pousadas e ranchos são os lugares que mais abrigam os turistas. Em anos recentes (2011 e 2012), com a política de concessão de terrenos para o empreendedorismo municipal, as pousadas, foram os tipos de construções que mais ganharam espaços, não só na cidade de Rosana como também em áreas entre a cidade e o distrito de Primavera.

Segundo uma conversa informal com um ex-bombeiro que abriu sua pousada há pouco mais de dois anos, esse setor tem sido muito promissor no município, já que o número de turistas vem aumentando significativamente nos últimos anos:

Eu abri minha pousada já faz mais de dois anos e não posso nem pensar que o turismo pode acabar. Se acabar eu vou falir. A época em que mais ganho dinheiro é na abertura da pesca, aí as coisas melhoram, e bastante. Mas melhora não só pra mim, mas pra todos os comerciantes. Se acabar a pesca e a mulherada, Rosana acaba junto! Me fala onde se tem pra trabalhar aqui nesse município? Se eu não tivesse um dinheiro para abrir essa pousada, hoje eu e minha família estaria passando fome (entrevista realizada em 22/03/2012).

Se por um lado as pousadas passaram a fazer parte do tecido urbano do distrito de Primavera e Rosana, por outro, os ranchos também se tornaram ao longo do tempo forte atrativo para o mercado imobiliário e para proprietários particulares, uma vez que esses lugares transformaram-se em “territórios do prazer”, pois muitos turistas levam as garotas de programa a esses ranchos para concretizarem os programas e passarem a noite com elas³⁷.

Ao questionarmos sobre o que de fato acontece nos ranchos e como ocorre o trâmite do programa, a garota de programa Giovana nos explica:

³⁶ Não iremos nos aprofundar sobre essa temática. Deixaremos essa questão para futuros estudos.

³⁷ No caso, as garotas são meninas que trabalham na rua e possuem a liberdade de agenciar seus programas da maneira que consideram melhor para o momento.

O fechamento do programa muitas vezes já acontece aqui na Júpiter. Cada turista já sai daqui com uma menina. Aí eles já levam a gente pra lá. Quando chegamos já tem de tudo, carne, só picanha, uísque do bom, energético, cerveja, tudo o que você pensar tem. A gente é tratada como rainha, como se fosse a namorada deles mesmo. Tem uns que pede pra gente fazer um strip-tease antes de ir para o quarto, mas nem sempre. Aí a gente passa a noite lá com eles, cada um em seu quarto. No outro dia ainda a gente almoça por lá e só depois que vai embora. Se o cara ainda quiser continuar com a mesma menina, ele paga outro programa. Agora, se não foi fechado nenhum programa na Júpiter, os caras falam com uma de nós e pede pra gente arranjar um número x de garota pra que todos os homens do rancho fique com uma garota, aí não fica ninguém sozinho, e se tem um cara que tá com eles e não quer sair com uma da gente, então os caras já pede pra levar uma acompanhante, que é aquela menina que é paga só pra ficar conversando com o cara pelo tempo que ele quiser. Aí a gente liga pras meninas e descemos todas juntas de táxi até os rancho que os turistas tãõ, aí eles pagam o táxi pra gente ir e se precisar voltar também paga, mas geralmente são eles que levam a gente embora (entrevista realizada em 22/03/2012).

Ao percorrer a cidade, não é difícil encontrar placas com contatos para alugar ranchos³⁸ em finais de semana ou feriados. Até mesmo na Vila das Garotas podem ser vistas propagandas oferecendo pousadas e ranchos para alugar.

A foto 17 (p. 50) mostra a fachada da casa da Luci, com um anúncio de contato para alugar uma pousada. Essa foto foi tirada quinze dias depois da abertura da pesca (em 2012, no dia primeiro de março), e nos dias que antecederam à pesca não havia nenhum anúncio de pousadas em seu muro, demonstrando, dessa maneira, que não é somente o proprietário de pousada ou rancho que lucra diretamente com o aluguel, mas, indiretamente, outras pessoas também adquirem uma porcentagem sobre o valor das locações.

Porém, no caso da fachada da casa da Luci, o que estava sendo alugado realmente era a sua casa ou o seu estabelecimento comercial. Nesta temporada, Luci estava fechando um novo tipo de negócio voltado aos turistas. Trata-se da locação de sua casa, que nesta temporada transformou-se em pousada nos finais de semana ou pelo tempo que os turistas alugarem. Além

³⁸ Ranchos também são casas com vários quartos que se localizam dentro da cidade, ou seja, os ranchos não funcionam somente à beira-rio, estando dispersados por todos os espaços do município rosanense.

de ser alugado o espaço físico, no pacote estava incluso a locação da casa com as meninas dentro. Neste caso, os turistas não precisariam pagar pelo programa de cada uma das garotas, podendo, assim, realizar quantos programas desejassem com qualquer garota que escolhessem.

Foto 18 – Espaço de Lazer da Casa da Luci.



Juliana Maria Vaz Pimentel (trabalho de campo, 17/03/2012)

Esse tipo de negócio torna-se lucrativo tanto para os turistas quanto – como foi o caso de Luci – para a proprietária, pois ela tem a garantia do pagamento do aluguel e da diária das garotas, e, em contrapartida, os turistas poupariam dinheiro, uma vez que poderiam levar carne, cerveja, uísque, tudo o que desejarem, não havendo assim a necessidade de consumir no bar³⁹ da casa noturna, estando isentos de pagar a diária pela saída das garotas da casa. Essa nova alternativa criada por Luci tornou-se viável para ambas as partes – proprietária e turistas – pela possibilidade de se fechar um pacote com a diária das meninas incluindo o uso do lugar, que conta com os quartos de cada uma delas, todo o espaço físico concernente a uma casa, além de uma vasta área de lazer com churrasqueira, chuveiro e uma piscina, tornando-se, assim, um território atrativo para os turistas.

O diferencial da casa da Luci e o pacote que ela criou na temporada de 2012, em relação às outras casas, é que o turista, não precisa se preocupar com absolutamente nada, além de poder desfrutar da área de lazer e dos serviços das garotas no momento em que desejar, ele poderá dormir com a

³⁹ As bebidas vendidas no bar das casas noturnas são extremamente caras (ver, sobre isso, no capítulo 2).

garota de programa sem se preocupar com o horário de trazê-la de volta - para não pagar multa à proprietária da casa, e assim poder usufruir de prestações de serviços como *strip-tease*, “danças sedutoras” e sexo ao vivo, sem terem que pagar mais por estas performances.

Foto 19 – Piscina da Casa da Luci



Juliana Maria Vaz Pimentel (trabalho de Campo, 17/03/2012)

As fotos 20 e 21 demonstram o território de lazer da Casa da Luci, que fica defronte a casa que conta com um salão onde fica o bar, a máquina de música e um palco para *strip-tease*, onde as garotas desenvolvem suas performances como estratégias de sedução.

Foto 20 - Salão da Casa da Luci I

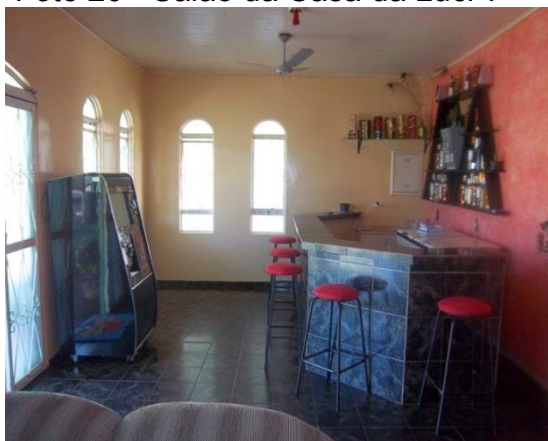


Foto 21 – Salão da Casa da Luci II



Juliana Maria Vaz Pimentel (trabalho de campo, 17/03/2012)

Na estação quente os turistas podem usufruir desse território com as garotas da Luci, sendo nenhuma outra casa da “Vila” conta com essa área de lazer. Neste sentido, quem percorrer a cidade em busca de ranchos ou

pousadas para alugar, sempre encontrará um morador que fornecerá uma indicação de quem procurar para locar. Se for em um final de semana prolongado, em que haja feriado, os cidadãos parecem combinar a resposta: “*nossa, vocês deixaram pra procurar tarde demais, agora já está quase tudo cheio, a cidade tá cheia, mas vou tentar arranjar*”. Então, iniciam-se os contatos. Quase sempre se encontra os ranchos, mas os mais simples, porque aqueles com piscina, condicionador de ar e churrasqueira bem estruturados geralmente são agendados e alugados com antecedência. .

Os turistas que fazem o contato antecipadamente para locarem os ranchos, muitas vezes procuram agilizar com o proprietário os serviços dos pirangueiros. São esses profissionais que conhecem os melhores locais do rio para a pesca e que irão organizar todos os utensílios essenciais para a pescaria, desde anzóis, iscas e até o próprio barco, caso os turistas não o tenham trazido. Em nossos trabalhos de campo, pudemos verificar que esses pirangueiros também se incumbem da tarefa de levar os turistas novatos aos territórios de entretenimento noturno, revelando que esses cidadãos fazem parte das “redes de lucratividade⁴⁰” geradas pelo turismo sexual no município de Rosana.

Esses turistas aqui vieram lá do final do Paraná. E me contrataram pra pilotar o barco. Daí eu fico com eles todo o tempo que eles quisé. Daí eles me perguntaram onde é que ficava a zona e se eu podia levar eles. Eu disse sim, né? Aí eu vim agora com eles, já ganhei só de trazer eles aqui, e olha tudo o que eu quisé tomá é por conta deles, mas é que eu não bebo muito. Mas tem colega meu que ganha pra trazê, ganha a bebida e dependendo do turista até paga um mulher pra ele ficar. Eu já não faço isso (pirangueiro, entrevistado em 08/07/2011).

Na verdade os turistas falam pra suas mulheres que vão vir prá cá pra pescar, mas a maioria não pesca é nada. Quando eles vêm para cá, já estão com o rancho alugado, cerveja gelada na geladeira, já tá tudo combinado com as meninas, o horário que elas tem que chegar no rancho. Daí os caras contratam os pirangueiros, pagam a diária pra eles pescar enquanto os turistas ficam festando com as meninas no rancho. Aí eles levam o peixe pra casa e falam que foram eles que pescaram (Márcio, entrevistado em 01/06/2012).

⁴⁰ Esse termo, adotado por mim, será discutido mais adiante.

Márcio é morador de Rosana, um velho amigo de Luiza. O início da amizade se deu na adolescência de Márcio, que já frequentava as casas de entretenimento noturno. Hoje ele é caminhoneiro, mas nos dias que permanece na cidade ajuda Luiza nos mais diversos serviços da casa, confere as bebidas que chegam, ajuda no bar, faz compras quando é preciso, conduz Luiza até a igreja, salão de beleza e na academia.

Em outra conversa com Márcio, comentamos com ele sobre a expressiva presença dos turistas e sobre as pessoas que também fazem parte das redes de lucratividade no município, indagando se sempre foi assim, e ele respondeu que:

Sempre teve turismo aqui em Rosana, só que antes, no tempo da barragem, os turistas eram confundidos com os peões que trabalhavam aqui. Era tanta gente nessa cidade, tanto peão que não dava pra perceber os turistas. Depois que acabou o serviço da barragem muito peão foi embora, daí o povo começou a perceber a presença dos turistas aqui. O turismo começou já lá nos tempos da barragem. E muito turista começou a comprar rancho aqui, daí passou de pai pra filho e também esses turistas traziam amigos que gostavam do lugar e construíam um rancho e virava sócio de quem já tinha. Tem rancho que tem uns cinco donos. Tem bastante gente que lucra com a prostituição aqui sim, e tem muito pescador que só vive da venda de peixe para os turistas, eles já sabem que os turistas vêm atrás daqueles peixes grandes e pesados, então, quando eles pescam peixe assim, já fica tudo guardado para os turistas tirar fotos como se fossem eles que pescaram, e depois levam pra casa pra comprovar que é tudo verdade (risos) (entrevista realizada em 01/06/2012).

Através dessas narrativas pudemos confirmar que a lucratividade gerada pelo turismo sexual em Rosana não se restringe somente aos territórios da prostituição. Na verdade, existe uma “rede de lucratividade”, pois moradores⁴¹ do município também obtêm rendas indiretas, através do mercado sexual. Existem até moradores e garotas de programa que no período de alta temporada alugam suas próprias residências para os turistas passarem períodos correspondentes entre quinze dias até um final de semana. É o que

⁴¹ Segundo os entrevistados o turismo sexual em Rosana se tornou vantajoso, pois muitas pessoas lucraram com o mercado sexual, desde os trabalhadores formais como, por exemplo, os comerciantes, até os trabalhadores informais, como pescadores e barqueiros. Ouvimos várias vezes das garotas de programa que o comércio é mantido pelo trabalho delas e também pelos turistas, e que existe uma loja de roupas femininas com valores superiores ao das outras lojas que só está aberta porque só elas, as garotas de programa, possuem dinheiro para comprar lá (não iremos nesta pesquisa nos ater com mais profundidade a essa discussão).

Gal, munícipe e garota de programa, faz durante a abertura da pesca:

Nesse março (2012), eu vou alugar a minha casa novamente. Vou ficar na casa da minha mãe e alugo a minha, assim é uma maneira de entrar mais dinheiro também. Aí os turistas alugam a minha casa e eu vô e faço a faxina pra eles também. Então eu lucro com o aluguel, com a faxina, além de sair e fazer programa com outros turistas. Lucro de todos os lados que der (entrevista realizada em 25/05/2011).

A partir dessa narrativa, a prostituição de rua ocorre na Lanchonete Júpiter (vide foto 22, p. 63), bem no centro da cidade e é considerado o principal território da prostituição de rua de Rosana. O agenciamento dos corpos pode se dar através de duas maneiras: pode ocorrer na Lanchonete Júpiter, localizada no centro da cidade; ou através dos contatos que uma garota de programa faz através do telefone celular⁴² para chamar as outras garotas para irem até os ranchos.

É na Lanchonete Júpiter que ocorrem todas as formas de flertes entre as garotas de programa e seus possíveis clientes, aliás, é ali que o programa é negociado. As garotas preferem fechar o programa na lanchonete para ficarem mais tranquilas em relação ao restante da noite, pois dizem que se descerem desacompanhadas para a Choperia Júpiter (situada ao lado da Danceteria Tenda), “fica mais difícil de arranjar clientes para passar a noite”, comprometendo, assim, o orçamento do mês.

⁴² As garotas de programa disseram que um dos maiores aliados para o contato com os turistas e para a negociação dos programas é o telefone celular, pois através dele as “meninas” se comunicam para dizerem como está o movimento da rua, para combinarem a hora para irem aos ranchos e a maneira como também comunicam-se com os turistas, pois muitos já avisam quando estarão chegando, quantos amigos estão vindo com eles e o rancho onde estarão. (esse tipo de contato também faz parte das “redes de pessoalidade” que será discutido no próximo capítulo).

Foto 22 – Lanchonete Júpiter



Juliana Maria Vaz Pimentel (trabalho de campo, 22/05/2011)

Os territórios da prostituição na cidade de Rosana, mais especificamente a Lanchonete Júpiter, se enquadra, de certa forma, na discussão proposta por Souza (2007, p. 87-88) sobre os territórios da prostituição feminina e masculina no Rio de Janeiro, ao apontar que esses territórios são “apropriados” pelo respectivo grupo apenas à noite:

Durante o dia as ruas são tomadas por outro tipo de paisagem humana, típico do movimento diurno das áreas de abolescência: pessoas trabalhando ou fazendo compras em estabelecimentos comerciais, escritórios de baixo status e pequenas oficinas, além de moradores das imediações. Quando a noite chega, porém, as lojas, com exceção dos bares e night clubs, estão fechadas e os transeuntes diurnos, como trabalhadores “normais”, pessoas fazendo compras e os residentes do tipo que a moral dominante costuma identificar como “descentes”, cedem lugar a outra categoria de frequentadores, como as prostitutas [...] (SOUZA, 2007, p. 88).

Podemos comparar o território da Choperia Júpiter à discussão proposta por Souza (2007), no instante em que descreve o território como sendo utilizado durante o período diurno por diversos outros tipos serviços, mas que ao término do horário comercial esses territórios passam a ser frequentados por outra categoria de pessoas, as prostitutas. Contudo, o que acontece nas intermediações da Lanchonete Júpiter, entra em desacordo com o território carioca, descrito por Souza (2007), pois, na cidade de Rosana e, principalmente, no centro, onde se localiza a Lanchonete Júpiter, a prostituição realiza-se também ao longo do dia, ou seja, as garotas de programa fazem

ponto nos períodos diurnos e noturnos, havendo assim uma apropriação do espaço pelos estabelecidos e pelos *outsiders*.

Aqui o território será campo de forças, uma *teia* ou *rede de relações sociais* que, a par de sua complexidade interna, define, ao mesmo tempo, um limite, uma alteridade: a diferença entre nós (o grupo, os membros da coletividade ou “comunidade”, os insiders) e os “outros” (os de fora, os estranhos, os outsiders) (SOUZA, 2007, p. 86).

No território da prostituição de rua, durante o dia, as garotas de programa mesclam-se entre as mesas da Lanchonete, onde “ensaiam” seus serviços sexuais e entre os estabelecimentos comerciais. Muitas vezes, pudemos verificar que as garotas também ficam paradas nas portas das lojas conversando com os funcionários ou alguém conhecido, sendo assim, quem passar não perceberá que as garotas também estão em horário de trabalho.

No período de alta temporada, os programas são realizados a qualquer hora do dia. Durante os dias da semana, de segunda a sexta-feira, a Lanchonete Júpiter é frequentada pelas garotas de programa na parte da tarde. Já aos sábados e domingos, as garotas começam a chegar a partir das onze horas da manhã. Nesses horários também já se encontram mesas com grupos de turistas. É importante ressaltar que a Lanchonete Júpiter é um lugar estigmatizado pelos moradores (*estabelecidos*), por isso é raramente frequentada por casais, famílias e principalmente por crianças, pois a lanchonete é conhecida em toda a região como ponto de referência da prostituição, portanto, qualquer mulher que estiver sentada em uma mesa é vista pelos moradores e turistas como garota de programa.

Na Lanchonete Júpiter, a partir das dez horas da noite, principalmente entre quintas-feiras e domingos, é possível encontrar algumas mesas com homens das mais variadas faixas etárias, que aparentam seus trinta anos até os com idades mais avançadas. Geralmente, os turistas mais novos sentam-se próximo às calçadas para que possam parar seus carros, abrir portas ou portamalas e colocar um “fundo musical”, sempre alto, intercalado entre um sertanejo universitário e um *funk*.

Nesses horários o território também já conta com a presença de algumas meninas, e alguns carros já transitam vagamente pelas ruas. A

maioria desses carros passa lentamente e várias vezes pela lanchonete, a fim de fazerem um “reconhecimento do território” e definir onde estacionarão. Esses homens-rapazes costumam sempre andar em grupos; são raros os motoristas solitários. Giovana, uma das garotas que trabalha na rua há mais de um ano, nos disse que elas (garotas de programa) “*reconhecem os turistas através do ronco dos motores das suas caminhonetes*”, e rapidamente falam a marca da caminhonete e quem está dentro.

As garotas não perdem nenhum detalhe de quem está presente, quem chega, com quem a amiga ou a “inimiga” está sentada, se já fecharam com seus clientes o programa, qual é a roupa mais escandalosa, o sapato mais bonito, quantos programas custaria o casaco tal, aquela calça, aquele sapato... Essas são as conversas típicas das mesas das garotas, bem como se questionam sobre um turista novo e quem o trouxe até ali. Muitos turistas que estavam presentes no dia 15/03/2012 (era uma quinta-feira) eram conhecidos de algumas garotas, e as mesmas já haviam feito programas com eles na alta temporada de 2011.

A partir das dez horas da noite é que a esquina da Lanchonete Júpiter começa a “ganhar movimento”. Quem olha para as mesas pode verificar a presença de muitas mulheres, com idades a partir de vinte anos. Umas muito bem vestidas que não aparentam ser garotas de programas, já outras com trajes mais insinuantes, deixando transparecer através de seus trejeitos os “motivos reais” que as fazem transitar por aquele território.

Em outra quinta-feira, logo após a abertura da pesca, houve a possibilidade de sentarmos na Lanchonete Júpiter com três garotas de programa que trabalhavam na rua. Ao questioná-las sobre as mulheres que estavam presentes⁴³ naquele território, se eram ou não garotas de programa, Pâmela respondeu com uma certa “risadinha marota”:

Eu não acredito que você não percebeu! Agora aqui, você é a única mulher que não é garota de programa. Todas que estão aqui, são! A maioria, pelo que estou vendo, são aqui de Rosana mesmo. Mas logo, logo vai começar a chegar garota de fora e de Primavera. Já já, vai ser tanta mulher que vai ser difícil pra

⁴³ Nesse momento contamos vinte e sete mulheres sentadas nas mesas, já acompanhadas ou não, além daquelas que transitavam pelas ruas.

conseguir um programa. Vai ter muita mulher pra pouco homem (entrevista realizada em 16/03/2012).

Durante a semana, o território de encontro para a “batalha”⁴⁴ é o da Lanchonete Júpiter. Dizem as garotas que preferem já sair com os clientes de lá. Afirmam que quando chegam à Choperia Júpiter fica mais complicado de fecharem um programa, e justificam essa preferência ao fato de que:

os homens se dispersam muito fácil, ficam prestando atenção na mulherada que está dançando, aí fica muito mais complicado você ser a atenção, e quando você já fecha o programa com o cara, ele já fica mais preso com você, só dança com você e você sabe que vai sair dali acompanhada e também dá prá curtir mais, porque quando eu desço pra choperia sem programa eu tenho que ficar lá fazendo contato pra vê se vira alguma coisa (Giovana, entrevistada em 09/09/2011).

Em época de alta temporada os territórios da prostituição de rua se ampliam. Se na baixa temporada se limitam à Lanchonete Júpiter e a ranchos/pousadas espalhados por toda a cidade, na alta temporada esses territórios se estendem à Choperia Júpiter (sexta-feira e sábados à noite) e aos sábados e domingos (à tarde) nos quiosques do Balneário Municipal.

Foto 23 – Choperia Júpiter



Foto: Juliana Maria Vaz Pimentel (trabalho de campo, 22/05/2011)

A foto vinte e três nos dá uma dimensão de como se configura o território da choperia. É um lugar aberto, com vegetações ao redor e a alguns metros da beira do rio. À noite as mesas são postas na calçada, o que nos transmite uma sensação de estar em uma cidade litorânea. Durante todos os dias a choperia

⁴⁴ Esse termo é utilizado pelas garotas quando estão na rua a trabalhar.

fica fechada e, somente a partir da sexta-feira é aberta, até o domingo.

Vale ressaltar que o proprietário da Lanchonete Júpiter é o mesmo da Choperia Júpiter e Pousada Júpiter, situada na mesma rua da lanchonete. Em 2012, o proprietário construiu dois quartos nos fundos da Choperia para “garotas” de sua confiança fazerem programa ali. A seta vermelha (vide foto vinte e três, p.66) indica a área de acesso aos quartos. Essa informação foi nos passada por uma garota de programa que já trabalhou na choperia como garçonete, e que naquele momento já possuía uma relação de confiança com o proprietário deste e de outros estabelecimentos comerciais.

No período de baixa temporada, a Choperia Júpiter fecha pela falta de movimento e nos remete um ambiente comercial abandonado com freezer, geladeira, mesas e cadeiras dentro: os objetos guardados nos dão a entender que ali funcionou um comércio que não deu certo.

Mas na primeira semana da abertura da pesca, a Choperia volta a funcionar como num passe de mágica. Os objetos que outrora estavam abandonados, agora ganham utilidade, o “território vazio” dá lugar à vida noturna. Homens e mulheres bebem, dançam sensualmente entre as mesas, falam alto, sorriem e se abraçam desejosamente. Aqueles ou aquelas que não estão acompanhados ainda procuram incessantemente um flerte. As cabeças e os corpos por inteiro se agitam à procura de um alguém que não se conhece, porém, o que se sabe, é que essa pessoa vai aparecer e como irá terminar a noite.

Na abertura da pesca de 2012, por exemplo, pudemos acompanhar o primeiro dia de estreia da choperia. Era uma sexta-feira, e foi contratada uma dupla sertaneja para fazer o som ao vivo. Eram onze horas da noite e já não havia mais lugar para se sentar. Pessoas se mesclavam entre carros parados, mesas, som ao vivo, barulho do motor das caminhonetes, muitos sorrisos e agitação. As placas dos carros demonstravam a possível origem de tantos turistas, vindos das mais variadas cidades e estados.

Foto 24 – Placas de automóveis de turistas em Rosana.



Fotos e Org.: Juliana Maria Vaz Pimentel (2011; 2012)

Por mais diversificadas que sejam as regiões que os turistas chegam, esses lugares não são capazes de mascará-los, pois todos possuem os mesmo hábitos, trejeitos, aparência e manifestações corporais que os distinguem dos moradores de Rosana, colocando-os no patamar de turistas. Como na Choperia Júpiter, a maioria está ali em busca de libertar prazerosamente o seu “eu” (foi o que várias garotas de programa, e muitos turistas, nos disseram).

Os territórios da prostituição se constroem como espaços específicos e ao mesmo tempo dicotômicos, pois de um lado encontram-se indivíduos que aparentemente demonstram-se estruturalmente bem sucedidos e estão ali a procura do prazer que o outro, no caso, “a outra” possa lhe proporcionar; e, de outro lado, existe a figura da garota de programa que está em busca do dinheiro. Várias garotas relataram o problema que enfrentam para suprirem suas necessidades básicas, principalmente às dos filhos. Atrasos no pagamento do aluguel, da conta na farmácia, da mercearia e em lojas foram as reclamações que mais ouvimos. Então, para angariarem mais dinheiro, procuram fazer o máximo de programas possíveis na semana/dia; é o momento no qual o corpo feminino se transforma em uma mercadoria e ele não está sendo vendido, mas está sendo trocado por um valor monetário que possibilitará à garota de programa utilizá-lo para suprir suas necessidades básicas.

Após tentarmos esclarecer como o turismo da pesca esportiva oculta o

turismo sexual no município de Rosana, podemos tentar estabelecer relações com o que Carlos (2007) também aponta sobre o turismo em geral:

A indústria do turismo transforma tudo o que toca em artificial, cria um mundo fictício e mistificado de lazer, ilusório, onde o espaço se transforma em cenário para o "espetáculo" para uma multidão amorfa mediante a criação de uma série de atividades que conduzem a passividade, produzindo apenas a ilusão da evasão, e, desse modo, o real é metamorfoseado, transfigurado, para seduzir e fascinar. Aqui o sujeito se entrega às manipulações desfrutando a própria alienação e a dos outros (CARLOS, 2007, p. 64).

O turista que chega a Rosana para desfrutar dos territórios do prazer, “amortiza” as relações sociais desiguais que envolvem a garota de programa e o histórico de sua inserção na prostituição. Os aspectos simbólicos inerentes ao “ser” garota de programa são ocultados por ambas as partes – garotas e clientes – que ao consolidarem o programa procuram desenvolver performances que não desmistifiquem suas verdadeiras identidades. Neste sentido, quando Carlos (2007) aborda que o turismo “transforma tudo o que toca em artificial e cria um mundo fictício e mistificado de lazer”, faz-se possível compreender como os territórios da prostituição foram se consolidando ao longo do tempo em “espaços do prazer”. Eis então a grande metamorfose: os turistas concebem Rosana como “Rozona”, a cidade da alegria e da diversão, a cidade do lazer voltado para o público masculino, o lugar onde esses homens acabam fazendo o uso efetivo do lugar através do uso dos corpos. Esses turistas percebem a cidade de Rosana como um lócus do prazer, desfrutado através da força laborante dos corpos femininos. Antes de chegarem a “Rozona”, os turistas já fazem contatos com garotas de programa para que elas providenciem outras meninas para encontrarem os turistas nos ranchos. Quando os turistas são novos, chegam a “Rozona” e dirigem-se a Lanchonete Júpiter, ponto de referência para aqueles que procuram o lazer sexual e, será, neste território, que também encontrará informações sobre como chegar a Vila das Garotas. *“Aqui é que eu me distraiu, me desligo da família, do trabalho, eu venho é pra curtir mesmo; pesco e sempre encontro garotas pra bate um papo, aqui é o melhor lugar pra curtir com os amigos e a cidade é calma e bonita”* (Conversa informal com um turista realizada em 03/02/2012)

O turismo, muito embora seja uma atividade formal e responsável pela contribuição de divisas para a riqueza a um país, região, estado e ou cidade, apresenta em muitas oportunidades diversos turistas que recorrem às atividades de caráter informal, entre elas, a prostituição de rua que organiza verdadeiros territórios frequentados por uma clientela de turistas nacionais e internacionais, que usufruem de um conjunto de serviços necessários para atraí-los e situados em fixos, tais como restaurantes, bares e hotéis, além de, evidentemente, o espaço público (RIBEIRO, 1997, p. 90).

Do ponto de vista econômico, os turistas dinamizam a economia da cidade, porém, os territórios do prazer vivenciados por eles (principalmente o da Vila das Garotas), ocultam os espaços palpáveis vividos pelas garotas de programa. Durante nossos trabalhos de campo tivemos o privilégio de nos tornar amigos das garotas que trabalham nas casas de entretenimento noturno e das garotas de programa da rua. Assim, pudemos conhecer suas histórias e suas casas (das garotas de programa da rua). Todas, sem exceção, extremamente pobres. Moravam “de aluguel” ou “de favor” nos fundos de outra casa. Geralmente os espaços físicos limitavam-se a um quarto, cozinha e banheiro. Os filhos dessas garotas, durante o dia, ficam na creche, e durante a noite são cuidados por uma pessoa⁴⁵, uma espécie de babá.

A produção espacial realiza-se no plano do cotidiano e aparecem nas formas de apropriação, utilização e ocupação de um determinado lugar, num momento específico e, revela-se pelo uso como produto da divisão social e técnica do trabalho que produz uma morfologia espacial fragmentada e hierarquizada. Uma vez que cada sujeito se situa num espaço, o lugar permite pensar o viver, o habitar, o trabalho, o lazer enquanto situações vividas, revelando, no nível do cotidiano, os conflitos do mundo moderno. Deste modo a análise do lugar se revela — em sua simultaneidade e multiplicidade de espaços sociais que se justapõem e interpõem — no cotidiano com suas situações de conflito e que se reproduz, hoje, anunciando a constituição da sociedade urbana a partir do estabelecimento do mundial (CARLOS, 2007, p.20).

A forma como as garotas de programa vivenciam a cidade se dá de

⁴⁵ Geralmente as mães que são garotas de programa passam pouco tempo com seus filhos, pois durante o dia estão nas escolas que funcionam em tempo integral ou ficam nas creches, e à noite, quando os filhos voltam, elas têm que sair para trabalhar. Nos finais de semana as garotas são contratadas para irem para os ranchos. Assim, vêm-se obrigadas a deixar seus filhos com os avós, parentes próximos ou com pessoas contratadas para cuidar deles. Algumas garotas de programa chegaram a nos relatar que estavam enfrentando problemas, como rejeição ou indiferença por parte dos filhos.

formas diferenciadas ao longo do dia, pois, quando estão na Lanchonete Júpiter, Choperia Júpiter e no Balneário Municipal, estão a trabalho e, portanto, incorporam a performance necessária para interagir com os clientes/turistas e, dessa forma, poderem arcar com as despesas mensais. Mas, quando terminam o expediente, vão de encontro à outra realidade, que, muitas vezes, é ocultada pela *performance* que incorporaram durante o tempo que estiveram ao lado de seus clientes. Assim, os problemas cotidianos ressurgem: o cliente vivencia os momentos de prazer e a garota de programa oculta os problemas financeiros, sociais e morais que enfrenta todos os dias.

Partindo do pressuposto que o espaço geográfico é uma produção social e que, portanto, nele existe um valor decorrente de um trabalho materializado e acumulado, através de uma multiplicidade de usos por parte dos sujeitos neles inseridos, podemos dizer que a cidade de Rosana é constituída por modos de produções e apropriações multifacetadas. Carlos (2007, p. 62) faz uma discussão acerca do espaço levando em consideração a necessidade de articulá-lo a dois processos: o de produção e o de reprodução: “Enquanto o primeiro se refere ao específico, o segundo considera a acumulação do capital através de sua reprodução, permitindo apreender a divisão do trabalho em seu movimento”.

Ao articular o território à forma como os sujeitos nele inserido o (re) produzem, passamos a ter uma visão mais geral de como a sociedade rosanense estabelece suas relações sociais, pois o processo de (re) produção está associado à dinâmica de vida dos grupos sociais. No caso da pesquisa, podemos dizer que o processo espaço-temporal da formação do município de Rosana construiu uma identidade cultural⁴⁶ e um mecanismo de acumulação de capital⁴⁷ voltado ao mercado turismo sexual.

Ao considerarmos que a prostituição se tornou uma identidade cultural

⁴⁶ Iremos considerar identidade cultural como sendo as características simbólicas e sócio econômicas das mulheres que prestam serviços sexuais, como forma de sobrevivência e, o conjunto de signos que acabam por reforçar suas identidades.

⁴⁷ Nesta pesquisa não iremos discutir quem são os sujeitos sociais que fazem parte das redes de lucratividade do turismo sexual em Rosana. Muito embora nossas pesquisas já tenham nos fornecidos fortes indícios sobre as redes de lucratividades que ocultam-se sob a dinâmica do turismo esportivo ou sexual.

do município, já que vários turistas nos disseram que conhecem Rosana pelo codinome “Rozona” e, por sabermos que a atividade comercial sexual no município é realizada aproximadamente a três décadas, podemos apontar quatro fatores que justificam nossa posição.

Primeiro, o município é conhecido nacionalmente tanto por suas riquezas naturais quanto pela prostituição, *“aqui é muito, mas muito conhecido mesmo como o lugar da prostituição, há uns quatro anos atrás saiu até no jornal porque tinha muita mulher e menina nova se prostituindo”*, nos disse Pamela⁴⁸, garota de programa que mora no município há quinze anos.

Segundo, coordenadores, diretores e professores das escolas públicas de Rosana nos disseram que no período de alta temporada muitas mães vão à noite nas escolas pedirem para que os diretores/coordenadores dispensem suas filhas, e quando os mesmos passam pela Lanchonete e Choperia Júpiter, vêm mães e filhas fazendo pontos nestes locais. Vale ressaltar, que em muitos casos, as alunas são menores e, prestam serviços sexuais com o consentimento da mãe. Vários foram os relatos de moradores que apontaram para um crescente número de menores que frequentam ranchos com os turistas. Ao indagarmos um proprietário de uma pousada na cidade de Rosana, sobre a entrada de menores acompanhadas por turistas na pousada, ele nos respondeu que, atualmente (2012), os proprietários das pousadas estão mais atentos e rigorosos quanto a presença de garotas menores em suas propriedades, mas, que mesmo assim, são vários os turistas que levam acompanhantes para os quartos sem a apresentação de documentos⁴⁹ da garota.

Terceiro, os relatos das garotas de programa evidenciam que o município não oferece oportunidades de emprego nem para homens e muito menos para mulheres. Muitas já trabalharam em outras atividades, mas por serem pouco remuneradas pelas funções que exerciam e pelo fato de terem

⁴⁸ Pamela nos disse já ter saído com turistas oriundos dos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Rondônia, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, mas que a maior parte vem de vários lugares de São Paulo.

⁴⁹ Menores não podem entrar nas pousadas sem que estejam acompanhadas pelos pais/responsáveis, porém, como já foi mencionado, é corriqueira a presença de garotas menores que entram nas pousadas com os turistas.

peças além de seus filhos que dependem delas, encontraram na prostituição uma alternativa para ganharem dinheiro de uma forma mais rápida, já que convivem com muitas garotas que sobrevivem da prestação de serviços sexuais; e, por último, a prostituição se tornou invisível/“natural” aos olhos dos cidadãos rosanenses, pois uma parcela desses moradores, ao serem indagados sobre a ocorrência da prostituição no município responderam naturalmente: *“sempre teve, desde a época da barragem e não é agora que vai acabar, não”*.

Neste sentido, ao refletirmos sobre os fatores que engendram a instituição dos territórios da prostituição em Rosana, podemos conceber esses territórios com elementos do espaço geográfico que ocultam parte das territorialidades do lugar. Na visão de turistas, Rosana/“Rozona” *“é o melhor lugar do mundo para se visitar com os amigos”*. Na concepção das garotas de programa, Rosana é *“o meio [o lugar] mais rápido para se conseguir dinheiro”*. Do ponto de vista dos moradores dali, *“é necessário a presença dos turistas, já que são eles que fazem circular o dinheiro aqui e todo mundo acaba lucrando com eles”*.

Em relação à nossa pesquisa, norteadas por um levantamento bibliográfico juntamente com trabalhos de campo, podemos considerar que esse assunto é extremamente complexo por lidar com múltiplas teias de sociabilidade, cada qual com suas especificidades simbólicas, identitárias, econômicas e materiais que acabam por configurar os territórios nos quais as garotas estão inseridas. Assim, tentaremos compreender esse campo de luta social levando em consideração aos aspectos acima citados, pois ao analisarmos separadamente estaríamos correndo o risco de negligenciar a apreensão total desse contexto social. Nesta pesquisa iremos nos abster sobre a discussão valorativa ou moral da prostituta em sociedade, já que consideramos que o ofício de garota de programa distancia-se de um debate homogêneo, sendo este campo repleto de conjunções biográficas, socioeconômicas, culturais que inviabilizam uma explicação rígida e estática.

CAPÍTULO II

Prostituição e territorialidades:

as casas de “entretenimento” noturno e a prostituição de rua

“O corpo não é uma entidade fechada e lacrada mas uma “coisa” relacional que é criada, delimitada, sustentada e em última análise dissolvida num fluxo espaço temporal de múltiplos processos. Isso implica uma visão relacional-dialética em que o corpo [...] internaliza os efeitos dos processos que o criam, delimitam, sustentam e dissolvem”.

(David Harvey, 2011)

Abordaremos neste capítulo como se dão as relações sociais entre as garotas de programa e os espaços nos quais estão inseridas, como a Vila das Garotas – local onde estão situadas as casas de “entretenimento noturno” e a Lanchonete, a Choperia Júpiter e a Tenda Danceteria, lugares que também compõem a prostituição de rua. Buscamos compreender os territórios da prostituição através da interpretação das mulheres que os instituem, levando em consideração a identidade das garotas de programa e da proprietária de uma das casas noturnas (Luiza), já que tais sujeitos criam mecanismos de sobrevivência e de trabalho inerentes aos territórios que vivenciam, produzindo assim as suas territorialidades.

Goffman (1963), ao reportar-se aos atores sociais, menciona a importância de se perceber o papel/performance que o sujeito deseja desempenhar em uma dada circunstância. Dentro dos territórios do prazer, podemos observar que as garotas de programa desenvolvem performances e linguagens que também se constituem em elementos que elucidam toda uma estrutura social, é, em aproximação, o que Duncan (1990) denomina de “textos

urbanos”. Será na perspectiva de considerar as manifestações sociais e as linguagens estabelecidas pelas garotas de programa que transcorrerá a análise de como ocorre a “opção” das “meninas” em definirem seus territórios de trabalho: casas de “entretenimento noturno” ou a “rua”, para prestação de serviços sexuais.

Neste capítulo também será trabalhado o “lugar” como espaço imbuído de ações e sentidos por aqueles que o frequentam, podendo assim ser apreendido de diversas maneiras, tanto pelos habitantes da cidade que sabem da existência dos lugares de prostituição deixando se levar por suas imaginações sobre o que possivelmente pode acontecer em um lugar de prostituição e, como se comportam as mulheres que prestam tais serviços, como também, pela forma como os “outros” que ali habitam percebem o lugar como território de vivência.

2.1 Os “estabelecidos” e as casas de “entretenimento” noturno

A Estrada da Prainha é o território onde se concentram as casas de entretenimento noturno. As fotos 25 e 26 (p.76) nos dão a impressão de estar em meio à zona rural⁵⁰. A foto 25 representa a boiada vindo do sentido da rua Carlota de Souza Pachú e seguindo caminho a Rodovia Arlindo Bétio. Os peões de boiadeiros tem o hábito de levar o gado para pastar nas redondezas da Vila das Garotas, por ser um lugar abundante em pastagem. A foto 26 foi tirada em um sábado à tarde, aproximadamente às dezoito horas. Disseram algumas garotas, que residem na casa da Luiza, que é corriqueiro a passagem desses boiadeiros, e sempre ao amanhecer do dia ou ao cair da tarde é normal a passagem deles pela Vila. Pudemos perceber por essa descrição que o território da prostituição na Vila das Garotas se coaduna com outras espacialidades que o utilizam de maneiras diferenciadas.

⁵⁰ A Vila das Garotas faz parte de regiões do município que ainda não receberam saneamento básico. Cada casa possui um sistema de fossa individual e a água é captada por uma bomba elétrica de um poço semiartesiano. Procurei realizar os trabalhos de campo em horários diferenciados, na tentativa de me inserir ao máximo no cotidiano das garotas de programa. Pude visualizar boiadeiros conduzindo a boiada, peões adestrando cavalos, galinhas e patos circulando livremente entre as casas noturnas. Pude participar, também, de toda uma dinâmica comercial dentro das casas, vendedoras de “Avon”, “Natura”, joias, *langeris* e roupas, demonstrando, assim, que muitas pessoas lucram indiretamente com o comércio sexual. Estas vendedoras inserem-se nas “redes de lucratividade” oriundas do turismo sexual.

Foto 25 – Boiada seguindo para as pastagens da Vila das Garotas



Juliana Maria Vaz Pimentel (trabalho de campo, 13/10/2012)

A foto 26 apresenta o “peão” conduzindo a boiada a caminho da rua Carlota de Souza Pachú. Logo na saída para essa rua existe um lote onde são criados animais típicos da zona rural. Várias vezes pudemos presenciar a entrada e saída do gado desse local. Porém, a foto 26 também revela muito mais do que uma simples paisagem bucólica. Existe um contraste: o que é rural passa a ser invadido por elementos do urbano! Esse urbano se ramifica nas entranhas dos territórios do prazer, que outrora fez parte de uma zona urbana na Vila Áurea. Neste sentido, o sujeito que se adentra na estrada que dá acesso à Vila das Garotas, e que passa ao lado dos gados, está à procura do lazer sexual ou de saber como se configura o território do prazer na Estrada da Prainha e quem são as garotas que ali vivem.

Foto 26 – Boiada próxima à Vila das Garotas



Juliana Maria Vaz Pimentel (trabalho de Campo, 06/10/2012)

Atualmente a Vila das Garotas conta com o estabelecimento de oito⁵¹ casas noturnas: Tia Joana, proprietária do Corujinha e do Corujão (foto 1), Luiza (foto 9), Darcy⁵² (foto 10), Lucia (foto 12), Casa de Rubi-Drink's (foto 13), Favorita (foto 14) e Luci (foto 17). Conseguimos visitar todas as casas e conversar com todas as proprietárias, exceto o proprietário Darcy (da Casa Verde), que não morava mais no município de Rosana e não conseguimos mais informações a seu respeito.

Ao traçar uma delimitação entre a Vila das Garotas com a cidade de Rosana e o distrito de Primavera, automaticamente se estabelece uma linha fronteiriça entre *estabelecidos* e *outsiders*. É dessa forma que os habitantes de Rosana e Primavera vêm às garotas de programa. As pesquisas de campo revelaram que nas falas dos moradores existe uma nítida diferenciação (de ordem “moral”) estabelecida por sujeitos/moradores que não frequentam os territórios da prostituição. A maneira como diferentes sujeitos tecem conclusões a cerca dos territórios da prostituição e das garotas de programa aproxima-se da discussão feita por Bourdieu (2008, p. 57), quando aponta que “a aversão pelos estilos de vida diferentes é, sem dúvida, uma das mais fortes barreiras entre as classes” e por Ornat (2011, p.35), onde considera que “o local de vivência cotidiana tem sido exatamente a fronteira entre a ‘normalidade e a não normalidade’”. No tema em questão, a “normalidade” refere-se ao modo de vida dos sujeitos/moradores rosanenses que vêm à prostituição como algo degradante ao meio social, assim, concebem o modo de vida das garotas de programa, como fora da “normalidade” estabelecida por eles.

A territorialidade, ou localização, possibilita o estabelecimento de modos diferenciados de acesso a pessoas, coisas ou relações. Assim é que os contornos da área em questão ficam mais precisos na medida em que dela nos aproximamos, pois os comportamentos tornam-se passíveis da observação e do questionamento direto, fazendo emergir os referenciais cotidianos, temporais e espaciais de seus habitantes [...] No espaço das ações cotidianas é que se registra um estado da luta das classificações. Visto que a realidade é socialmente

⁵¹ Ver primeiro capítulo.

⁵² A casa do Darcy estava fechada, mas no dia 17/03/2012 foi aberta. Luiza alugou a casa que fica defronte à sua, para recepcionar mais 5 meninas que estavam chegando, porque não havia lugar para essas garotas ficarem em sua casa. Vale ressaltar que o processo migratório faz-se presente na dinâmica da prostituição e, em Rosana, esse fato, acentua-se com a abertura do período da pesca.

construída, mesmo as classificações percebidas como naturais resultam da assimilação das convenções, imposições no campo das lutas simbólicas (SIMÕES, 2010, p. 72-73).

A Vila das Garotas localiza-se em um lugar afastado da cidade. Ao entrarmos neste território, pudemos rapidamente perceber as singularidades das territorialidades que o constituem, o distinguindo de qualquer outro lugar em Rosana. Não foram poucas às vezes, que ao se adentrar a estrada que conduz à Vila para a realização do trabalho de campo, munícipes teceram comentários jocosos e fui alvo de risadas, pois a entrada da rua Carlota de Souza Pachú conduz o transeunte à Vila, enquanto a “Sítio do Índio” (localizado também da Estrada da Prainha que dá acesso à Vila das Garotas) é receptáculo de tráfico de drogas e prostituição infantil, ou seja, não existe nesse atalho nenhum outro lugar que não seja as casas de entretenimento noturno ou o acesso ao Sítio do Índio.

Mas nossos espaços nem sempre são marcados pela eternidade. Há também espaços transitórios e problemáticos que recebem um tratamento muito diferente. Assim, tudo o que está relacionado ao paradoxo, ao conflito ou à contradição como as regiões pobres ou de meretrício - fica num espaço singular. Geralmente são regiões periféricas ou escondidas por tapumes. Jamais são concebidas como espaços permanentes ou estruturalmente complementares às áreas mais nobres da mesma cidade [...] (DAMATTA, 1997, p. 45).

Levando em consideração a análise de Damatta (1997) quando diz que “tudo o que está relacionado ao paradoxo” situa-se “num espaço singular” e, também, o apontamento feito por Bourdieu (2008) referente à “aversão pelos estilos de vida diferentes”, podemos acrescentar que além da sociedade possuir resistência em aceitar grupos excluídos, ao se voltar às garotas de programa ainda existe o agravante de adentrarmos ao campo da conduta moral e da sexualidade, pois ainda elas são vistas como pessoas de conduta desviante e que podem infringir “modelos de comportamentos sociais normalizadores” (conforme apontado por ORNAT, 2011, p. 35).

Goffman (1963) ressalta quatro modelos de estigma: o primeiro relaciona-se às deformidades físicas; o segundo trata sobre as culpas individuais; o terceiro sobre estigmas tribais, nação e religião; e, finalmente, o quarto, que é

[...] ilustrada por aqueles que inicialmente são socializados numa comunidade diferente, dentro ou fora das fronteiras geográficas da sociedade normal, e que devem, portanto, aprender uma segunda maneira de ser, ou melhor, aquela que as pessoas à sua volta consideram real e válida (GOFFMAN, 1963, p. 33).

Desde o início da pesquisa senti nas narrativas dos entrevistados um tom estigmatizador. Poucas foram as pessoas que trataram a minha pesquisa e as garotas da Estrada da Prainha com naturalidade, assim existindo em seus pontos de vista um “nós” e um “eles”. Percebi que as pessoas se inquietavam comigo e muito mais com a identidade das “meninas”, demonstrando que o desconhecido causa estranheza e, junto a isso, suas mentes produziam “cenários” e situações que se contrapunham aos hábitos e costumes reais, vivenciados pelas garotas de programa.

Em uma conversa informal com duas munícipes, fui abordada por uma série de perguntas e afirmações sobre como as garotas se manifestavam dentro e fora das casas noturnas em horário ou não de trabalho:

Elas ficam peladas dançando no palco? Ficam só de calcinha e sutiã desfilando pra arranjar cliente? Elas devem dar em cima de todos os homens em todos os momentos, né? Como você tem coragem de levar seu marido lá?⁵³ Não dá pra confiar nessas mulheres, não, quero distância desse tipo de gente, não sei como você tem coragem de frequentar esses lugares. Essa gente não tem vergonha na cara, tem é preguiça de arranjar um emprego decente. Elas só existem pra desfazer casamento e dar em cima do marido da gente (fala de moradoras, com aproximadamente trinta anos e casadas).

Em relação aos discursos proferidos pelas munícipes rosanenses, fica nítido que suas indagações operam no sentido de marcar uma diferença entre eles e os “outros”, no caso, as garotas das casas noturnas. Woodward (2000) tenta compreender essa comparação entre o “nós” e “os outros”, dentro da perspectiva das diferenças de identidades, verificando que:

As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto

⁵³ As pesquisas de campo sempre foram realizadas na companhia de meu marido, Jair. Sua presença foi muito importante para reflexões pós-campo, pois ao conquistarmos a confiança das garotas, as mesmas sempre se sentiram à vontade em nos dar depoimentos e entrevistas - muitas se tornaram nossas amigas e confidentes.

da diferença. Nas relações sociais, essas formas de diferença - a simbólica e a social - são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de sistemas classificatórios. Um sistema classificatório aplica um princípio de diferença a uma população de uma forma tal que seja capaz de dividi-la (e a todas suas características) em ao menos dois grupos postos - nós/eles; eu/outro (WOODWARD, 2000, p. 39-40).

Desse modo, podemos compreender que as identidades são marcadas pelas diferenças e que essas diferenças podem ser caracterizadas por um sistema classificatório, em Rosana, em relação às garotas de programa. Diante das inquietações acima expostas pelas cidadãs de Rosana, pode-se tecer uma série de considerações, sendo que uma delas consiste na colocação que essas mulheres fizeram em relação às garotas de programa, o fizeram como expressão de uma posição àquele semelhante à postura de “*establishment*”, apontada por Elias⁵⁴ e Scotson (2000): “grupos e indivíduos que ocupam posições de prestígio e poder, que se auto percebe como uma boa sociedade”.

Ao relacionar a fala das mulheres com quem conversamos, juntamente ao excerto do livro de Elias e Scotson (2000), fica nítido que os atributos utilizados por elas estão incutidos de estigmas e de signos que foram criados pelo imaginário local, como forma de auto afirmarem a anormalidade do outro. Assim, ao estigmatizar as garotas de programa, essas mulheres abriram a possibilidade de afastar qualquer forma de inserção dos *outsiders* ao mundo dos *estabelecidos*, já que grande parte de munícipes do sexo feminino, as quais tivemos a oportunidade de conversar informalmente sobre o trabalho em

⁵⁴ Elias e Scotson realizaram uma pesquisa etnográfica-sociológica em uma pequena comunidade urbana no interior da Inglaterra denominada de Winston Paiva (nome fictício) no século XX, em que descrevem e analisam as relações sociais existentes entre os estabelecidos (moradores mais antigos/tradicionais) e os outsiders (novos moradores). O excerto a seguir ilustra um pouco questões de ordem hierárquica entre estabelecidos e outsiders: [...] Já naquela época, é evidente que os ‘aldeões’ formavam, em muito maior grau, um grupo relativamente fechado. Tinham desenvolvido tradições e padrões próprios. Quem não cumpria essas normas era excluído como sendo de qualidade inferior. [...] Eles cerraram fileiras contra os intrusos, usando todas as armas características de que dispõem as comunidades bem estabelecidas e razoavelmente unidas. Excluíram-nos de todos os postos de poder social, fosse na política local, nas associações beneficentes ou em qualquer organização local em que sua influência fosse predominante. Acima de tudo, desenvolveram como arma uma ‘ideologia’ [...], que enfatizava e justificava sua própria superioridade, e que rotulava as pessoas do loteamento como sendo de categoria inferior. [...] Sua ideologia de status disseminou-se e foi mantida por um fluxo constante de fofocas, [...] que se agarrava a qualquer acontecimento entre as pessoas da outra zona, capaz de reforçar a imagem negativa do loteamento (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 65).

pauta, foram incisivas ao declarar que não querem “*qualquer tipo de proximidade com uma garota de programa*”.

Deve-se também levar em consideração que o estigma criado em relação às garotas de programa está ligado ao universo no qual essas mulheres cresceram e foram educadas, portanto, o modo de viver das prostitutas foge totalmente à regra da normatividade para o grupo estigmatizador.

A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias: os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas. As rotinas de relação social em ambientes estabelecidos nos permitem um relacionamento com “outras pessoas” previstas, sem atenção ou reflexão particular (GOFFMAN, 1963, p. 5).

Diante de tal posicionamento, percebe-se que o estigma está envolto de ideologias que foram construídas historicamente e que, portanto, constituem-se como processo social, neste caso dividido entre estigmatizados e “normais”. Assim, “o normal e o estigmatizado não são pessoas e sim perspectivas que são geradas em situações sociais” (GOFFMAN, 1963, p. 117).

Foucault (1988) considera que a nossa sociedade, ao criar barreiras em relação à sexualidade, acabou por desencadear uma forma de poder sobre a manifestação do prazer dos corpos:

Trata-se, antes de mais nada, do tipo de poder que exerceu sobre o corpo e o sexo, um poder que justamente, não tem a forma da lei nem os efeitos da interdição: ao contrário, que procede mediante a redução das sexualidades singulares. Não fixa fronteiras para a sexualidade, provoca suas diversas formas, seguindo-as através de linhas de penetração infinitas. Não a exclui, mas inclui no corpo à guisa de modo de especificação dos indivíduos. Não procura esquivá-la, atrai suas variedades com espirais onde o prazer e poder se reforçam. Não opõem uma barreira, organiza lugares de máxima saturação. Produz e fixa o despropósito sexual. A sociedade moderna é perversa, não a despeito de seu puritanismo ou como reação à sua hipocrisia: é perversa real e diretamente (FOUCAULT, 1988, p. 54-55).

Neste sentido, pode-se pensar que os estigmas, “tabus” ou barreiras, criados por uma parcela da população em relação às mulheres que

mercantilizam seus corpos através da atividade sexual, tornaram-se paradoxais se levado em consideração o ponto de vista de Foucault (1988), pois o poder da imaginação, aliado ao desejo interdito, portanto, inibido, acarretou na “não fixação das fronteiras⁵⁵ através de linhas de penetração”, trazendo a tona um efeito inverso, unidos, o poder, o prazer e o interdito se reforçam, “organizando lugares”.

É através do isolamento, da intensificação e da consolidação das sexualidades periféricas que as relações do poder com o sexo e o prazer se ramificam e multiplicam, medem o corpo e penetram nas condutas (FOUCAULT, 1988, p. 56).

Os territórios do prazer em Rosana se “fortalecem” através desses jogos de poder, exercendo uma estrutura estratégica para se consolidarem na sociedade rosanense, ou em um território onde haja forças múltiplas envoltas por relações “desiguais e móveis”.

É nesse contexto que ocorre a propagação dos locais de prazer, bem como da instituição dos territórios de prostituição no município de Rosana. Territórios criados paradoxalmente em um contexto da visibilidade a da invisibilidade, a partir do momento que os *estabelecidos* se incomodam com os *outsiders*, fazendo-se necessário criar estratégias que “invisibilizem” os “outros” que estão territorialmente instituídos pelas relações de poder e prazer.

2.2 As Casas

É a partir das vinte horas, exceto aos domingos, dia de descanso⁵⁶ das mulheres, que a Vila das Garotas apresenta movimentação. Nesse momento, quem entrar nas casas poderá compartilhar dos últimos detalhes que antecedem a entrada das garotas ao salão⁵⁷. É neste instante que as meninas dão os retoques finais em seus cabelos, maquiagem e adereços que adornam

⁵⁵ Consideramos a “não fixação das fronteiras” e “linhas de penetração” como sendo os agenciamentos dos corpos, ou seja, a prática da atividade comercial sexual que ocorrem fora dos territórios do prazer mencionados nesta pesquisa. Garotas de programa, disseram que a prostituição ocorre em vários lugares da cidade, mas não quiseram dizer exatamente onde.

⁵⁶ Segundo as proprietárias de duas casas noturnas (Luiza e Favorita), o domingo, dia de descanso das “meninas”, ocorre no período em que a pesca está fechada, momento em que corresponde à pouca movimentação nas casas, porém, com a abertura da pesca, não existe o dia de descanso.

⁵⁷ Salão é o local da casa onde as meninas ficam para receber os clientes e onde ocorrem todos os flertes e a possibilidade da concretização do programa.

seus corpos. A meia luz que ilumina o salão inspira um ar de sedução, o som alto convida os clientes a conhecer o local e a possível acompanhante da noite.

Foto 27 - A espera de um cliente



Juliana Maria Vaz Pimentel (trabalho de Campo, 20/09/2012)

BOX 2

**Sons de mundos:
dos tempos que (não) passam e das músicas que (não) ficam.**

(Leia escutando a música em...)

<http://letras.mus.br/amado-batista/#mais-acessadas/8920>

Não faça jamais como eu fiz

Foi lá pelos anos 60, o mês eu não me lembro mais
Eu andava noite adentro, a procura de amor e de paz
Fui parar num bordel, lugar distante do céu,
Morada do satanás.

Parece que foi um castigo, de fato não me controlei
Ao ver aquela mulher linda sentada na mesa do canto
Me envolvi em seus encantos, por ela me apaixonei.

E por orgulho ou vaidade, eu nunca contei pra ninguém
Temia a língua do povo, temia a sociedade
E fui levando essa paixão sempre na obscuridade.

Porém um dia lá cheguei pra encontrar com ela
Não vendo ela no salão por ela procurei
Fiquei sabendo que ela estava no quarto vendendo
O amor que eu neguei.

Me vi completamente louco de arma na mão
Quebrando a porta do quarto atirei sem perdão
Não pude fugir da justiça o preço do amor eu
Paguei na prisão.

E depois de tantos anos eu já cumpri minha sentença
Hoje estou livre das grades mas preso pela consciência
Por matar um desconhecido na mais completa inocência.

Portanto meu prezado amigo, se acaso lhe acontecer
De amar uma mulher da vida, você nunca deve esconder
Não faça jamais como eu fiz, matar uma pobre infeliz
Pelo amor que ela foi vender.

Amado Batista, cantor e compositor, em 1978 (LP "Sementes de Amor".)

* * *

... a partir de agora nenhum filho da puta põe a mão em mim...

*Esse homem acabou com a minha vida,
por isso é que eu virei mulher de programa e vim trabalhar na rua.
Na época que eu trabalhava aqui, ele veio e me seduziu,*

*e eu era tão simples, tão ingênua, era apenas uma moça que trabalhava aqui.
Eu fui ver de perto o que era prostituição quando comecei a trabalhar aqui.
Até então eu tinha o maior preconceito, eu não vinha aqui quando eu
tinha namorado, porque eu falava que tava cheio daquelas vagabundas.
Cansei de falar pra minha mãe que jamais eu ia ficar com
aqueles velho, nojento, barrigudo, por causa de dinheiro.
Nunca vou fazer isso, falava pra minha mãe, nunca vou ter coragem.
Na época eu era certinha, sabe?
Eu era crentinha.
Quando eu tava namorando eu vinha comer um lanche,
mas só ia nas lanchonetes do outro lado da rua.
Daí eu vim trabalhar aqui, porque eu precisava.
Acabei abandonando a igreja,
porque no horário da igreja eu tava trabalhando aqui.
Aí me afastei da igreja e conheci ele,
aí me apaixonei.
Aí a gente começou a ficar.
Num belo dia eu tava aqui trabalhando, veio uma, veio outra e falô:
'olha, fulana tá lá no rancho com seu namorado'...
Aí eu descobri que ele me levava embora,
voltava pra cá, pegava outras garotas pra levar pros ranchos.
Aí eu fiquei louca porque eu gostava muito dele.
Sabe o que eu fiz?
Pedi as contas e virei mulher de programa e disse:
a partir de agora nenhum filho da puta põe a mão em mim sem ter que pagar!
Foi dessa maneira que eu entrei na prostituição...*

Giovana, garota de programa, em 2012.

Na rua, carros passam lentamente com o intuito de perceberem o local que, possivelmente, algum morador do município tenha indicado. No entanto, não são raros os clientes que chegam às casas por indicação de algum amigo que, outrora, tenha conhecido e frequentado o lugar e até, possivelmente, tenha se tornado um *affer* de alguma garota de programa, ou vice-versa.

No início da noite, momento de pouca movimentação na Vila, as garotas colocam cadeiras na frente da casa ou ficam sentadas no murinho (Casa da Luiza) da entrada à espera dos primeiros clientes. Ao perceberem a chegada de um carro, agitam-se e chamam a atenção dos transeuntes através de palavras e da exposição de seus corpos, sempre muito arrumadas, com roupas insinuantes, cabelos soltos e maquiadas. Não só as garotas da Casa da Luiza, como também as meninas das outras casas, sempre se apresentam muito bem vestidas (roupas condizentes ao lugar de trabalho) e bem cuidadas – essa condição muda em relação a algumas garotas de programa que fazem ponto na rua (Lanchonete Júpiter).

No salão, as garotas transitam entre o bar e a frente das casas. Em dia de pouco movimento, ficam sentadas conversando sobre assuntos diversos, namorados, filhos, cabelos, roupas, clientes, todas à espera da chegada dos primeiros clientes. Quando estes chegam, ocorre um clima de frenesi entre as meninas, pois, quais serão as escolhidas da noite? É neste momento em que se inicia a projeção dos corpos aos olhares libidinosos dos homens que ali chegam à procura de uma transa, uma boa conversa e, mais raramente, um *strip-tease*.

Nos meses de baixa temporada, que corresponde aos meses de novembro a março, as casas ficam mais vazias. No período de baixa temporada, o fluxo de clientes que gera a maior parte da lucratividade para a dona da casa, diminui. Nesta época, a casa é frequentada principalmente por homens da cidade que apresentam um baixo poder aquisitivo, não gerando uma espécie de lucro significativo para o estabelecimento, uma vez que pouco consomem no bar e não possuem dinheiro para pagar um programa, fato este que explica a mudança comportamental das garotas no salão. Nestes períodos, pode-se perceber que as “meninas” não se empolgam e não se “doam” tanto aos clientes, pois já conhecem os seus perfis socioeconômicos.

Neste período é muito difícil manter a casa, porque a maior parte dos clientes que entram não conseguem pagar um programa e consumir no bar. Outro dia veio um aqui, que consumiu e saiu com uma menina minha e na hora que veio acertar ficou pálido e desesperado porque não tinha dinheiro para pagar. Aí ele falou que ia deixar os documentos dele o relógio e uma corrente de ouro, como forma de demonstrar que ele iria voltar para me pagar. Mas como ele foi muito educado e soube falar comigo, eu fiquei com dó e deixei. Depois de um tempo ele voltou para pegar os documentos e com o resto do dinheiro. Outro dia, um veio aqui, consumiu, ficou com uma garota e na hora de pagar acabou com a gente, xingou de tudo quanto era nome, ofendeu bastante, daí eu tive que chamar o gerente e uns amigos que estavam aqui pra dar um jeito no sujeito, acabei perdendo quinhentos reais (Luiza, dona de uma casa noturna, entrevistada em 12/11/2011).

É difícil fazer programa com esses caras, porque eles não bebem muito, porque não têm dinheiro, aí a gente já sai perdendo porque não dá pra lucrar com a porcentagem da bebida que a gente recebe, e ainda ficam chorando pra gente diminuir o valor do programa, mas mesmo assim eu tento

fechar o programa, né? Eu vivo disso! (Mirella, entrevistada em 15/07/2011).

Nos meses de alta temporada, tudo muda. A Vila fica agitada com novas garotas, há muito movimento de turistas, despertando grandes expectativas nas proprietárias, que se alegram ao ver as casas cheias de turistas/clientes. Pudemos acompanhar na Vila das Garotas nas primeiras semanas de abertura da pesca (em 2011 e 2012). Ao longo da pesquisa nunca vimos a Vila com tanta movimentação de carros e caminhonetes nos dois sentidos (entrada/saída). Som alto, buzinas, luzes e muita agitação. Os carros passavam e as garotas se insinuavam, palavras provocantes eram despejadas a todos que trafegam por aquele território. A maior parte das meninas ficava na frente das casas, expondo seus corpos, uma estratégia desenvolvida por elas para atrair a atenção dos turistas e provocá-los a entrar nas casas.

Na temporada de 2012, as casas estavam cheias, até o Corujão estava aberto, juntamente ao Corujinha. Durante um trabalho de campo entrei na Vila das Garotas sozinha, estava de carro, como o vidro é escuro acabava dificultando a visualização de quem está dentro do carro por parte das garotas que estavam na frente das casas, como a de Tia Joana. Ao me aproximar do Corujão e do Corujinha, três garotas de programa entraram na frente do carro e ficaram a uma distância de aproximadamente uns dois metros, o que me fez parar o carro. As três trajavam vestidos “tomara que caia”, extremamente curtos, uma vestia um tom de “azul celeste”, a outra um “vermelho paixão” e a última um vestido preto, todas usavam sapatos com saltos; de repente, elas se viraram de costas e colocaram as mãos no chão e ficaram rebolando sem calcinha, por aproximadamente uns quinze segundos, aí se levantaram e foram junto às outras garotas que estavam na frente do Corujão. Fiquei parada, estática, olhando! Minha reação foi seguir em frente, me aproximar delas, abaixar o vidro, sorrir e falar “oi”. Quando notaram que se tratava de uma mulher dentro do carro, demonstraram sentir-se constrangidas, o que as levou a pedir várias desculpas.

Esse acontecimento acabou por reforçar o que já havíamos percebido entre as garotas de programa: elas respeitam outras mulheres que não fazem parte do seu universo de trabalho e das suas relações cotidianas. Muitas

vezes, ao frequentar a Casa da Luiza, eu e meu marido ficávamos no salão, junto às garotas, após conquistarmos a confiança delas, e qualquer garota explica aos clientes se adentrassem no salão, quem éramos nós e que, portanto, não deveríamos ser confundidos com uma garota de programa e seu cliente. Quando frequentava o salão sozinha, as meninas sempre se aproximavam para conversar, e quando chegava um cliente, logo diziam que poderiam conversar comigo, mas que eu não era garota de programa e por isso não deveriam fazer qualquer tipo de insinuação. O mesmo aconteceu com as garotas de programa da rua. Ao me sentar com as garotas na Lanchonete Júpiter, às vezes só e em outros momentos acompanhada por meu marido, nunca houve qualquer situação constrangedora, pois as garotas sempre fizeram questão de nos respeitar e situar as outras garotas de quem éramos nós, dizendo umas às outras: “*ele é marido dela e eles são muito legais*”.

Esse relato elucidava que essas mulheres racionalizam o seu trabalho e estabelecem regras de conduta morais e éticas, principalmente quando se referem ao “outro”, porque nós, ali, nos territórios de prostituição, nos transformávamos nos “outros” delas – elas, as *estabelecidas*, e nós, os *outsiders*.

A estrutura de funcionamento e lucratividade das casas e das garotas de programa dá-se da seguinte forma: primeiramente existe a figura da proprietária da casa, é ela quem gere tudo dentro da casa, a começar pelas garotas que lá irão residir. A maior parte das garotas que moram nas casas⁵⁸ de entretenimento noturno vem de outras cidades e chegam até ali através da indicação ou acompanhadas de outras meninas, que um dia já residiram nestas casas e que por motivos diversos tiveram que voltar a morar na Vila. Juliana⁵⁹ é

⁵⁸ Na casa da Luiza, as garotas não pagam nada para morar e recebem três refeições diárias: café da manhã, almoço e jantar, e recebem uma porcentagem sobre a bebida que consomem junto a seus clientes, além do programa que realizam.

⁵⁹ Em um trabalho de campo realizado em 25/05/2012, pudemos conversar mais com Juliana, que nos disse estar deixando a gerência da casa da Luiza pelo fato de estar perdendo a audição devido ao som alto da máquina de música. Ela já usava um aparelho auditivo, mas por ainda estar em contato quase todos os dias da semana com o som alto, o médico recomendou que ela parasse, porque está correndo o risco de perder toda a audição. Juliana ficou bem chateada, porque a princípio gosta muito de trabalhar com Luiza, sendo que era de lá que ganhava seu salário para criar a filha, que então tinha quinze anos. Luiza, que sabia da dificuldade que Juliana teria para arranjar outro emprego, iria colocá-la como funcionária durante o dia para ajudar na limpeza da casa e serviços do almoço.

um exemplo! Em uma quinta-feira à tarde fui fazer um trabalho de campo na casa da Luiza, lá estávamos nós tomando um café quando Juliana entrou na cozinha, perguntei para Luiza: “Lú, é menina nova?” Luiza respondeu dando risada: “é menina velha-nova!” E logo foi dando explicações para tentar me situar do que estava acontecendo:

A Juliana já trabalhou comigo há muito tempo atrás, eu sempre confiei muito nela, e gosto ainda muito dela, mas aí ela resolveu casar e ir embora, eu falei pra ela não fazer isso, mas não adiantou. Ela casou e foi embora para Campinas, ficou um tempo lá e não deu certo o casamento. Daí ela tava passando por uns problemas, tava numa situação ruim e me ligou perguntando se ela podia voltar para trabalhar aqui na minha casa, é claro que eu disse sim (entrevista realizada em 20/01/12).

A maior parte das garotas que moram nas casas de entretenimento noturno são migrantes, em dois sentidos: por virem de outras cidades e estados para morarem e trabalharem nas casas e, por não se adaptarem às regras⁶⁰ das casas e às proprietárias, acabam migrando de uma casa noturna para outra. Tem meninas que ficam anos, como também existem aquelas que não conseguem ficar mais que uma semana.

A forma como as garotas chegam até as casas se dá através de redes sociais, que são criadas entre garotas de programas de cidades e estados diferentes. Essas redes sociais se aproximam daquelas denominadas por Silva (2002) de “redes de pessoalidade”. No caso da pesquisa, o processo de concretização das redes se dá através das meninas que saíram das casas noturnas da Vila das Garotas, principalmente em período de baixa temporada, para trabalharem em boates de outras cidades.

A entrada de novas meninas à Vila se dá pela indicação de uma amiga de trabalho que outrora tenha trabalhado em uma das casas, demonstrando,

⁶⁰ Ao contrário do que o senso comum pensa a cerca da zona ser um espaço desregrado, de bagunça, desorganizado, sem horários, a zona ou as casas de entretenimento noturno, mais especificamente a casa de Luiza são territórios totalmente organizados, limpos e dotados de regras, principalmente relacionados ao cumprimento de horários, limpeza, higiene dos quartos e proibição do uso de drogas nas dependências das casas. Pudemos compartilhar com Luiza sua tristeza em despedir Bia, uma das meninas mais velhas da casa. Luiza a pegou em uma madrugada após a casa ser fechada fazendo o uso de cocaína na mesa de sua cozinha. Dissemos Luiza que já não era a primeira vez que chamava a atenção de Bia. Essa já era a terceira e, portanto, a última vez, fato este que culminou na demissão de Bia.

dessa forma, que a migração das garotas de programa para uma nova casa para trabalhar, se faz pela troca de informação entre as garotas e pelas relações de confiança que se estabelecem entre elas.

Essas “redes de pessoalidade” constituem-se em um dos fatores que engendram a dinâmica da prostituição no município de Rosana. As redes são organizadas através de “textos” construídos por determinados grupos, no caso, pelas garotas de programa. É por meio destes textos que se acaba criando um sistema de significados e aspectos simbólicos que representam os atores sociais em qualquer local onde ocorra a prostituição e, conseqüentemente, essas redes acabam por estabelecer um território dotado de signos, comunicados e negociados pelos sujeitos ali inseridos.

As redes de pessoalidade são criadas e mantidas pela sua própria estrutura organizacional, segundo código e condutas morais instituídas pela sociedade [...] e redefinidas nas relações urbanas modernas. Essas redes promovem a regulação de práticas individuais (...). Os contratos baseados na palavra empenhada só são possíveis em um contexto social e espacial fortemente regulados pelo estreito contato interpessoal [...]. O indivíduo, pelo ato de conhecer e ser conhecido, realiza uma auto-regulação, que é correspondente aos valores do grupo que lhe deposita confiança. É esse processo de regulação social e auto-regulação que promove as redes pessoais que possibilitam aos indivíduos que as compõem ganhos econômicos, políticos e prestígio social. As redes de pessoalidade são criadas e mantidas pela sua própria estrutura organizacional, segundo códigos e condutas morais instituídas pela sociedade (SILVA, 2002, p. 72-74).

É nesse contexto das redes de pessoalidade que ocorre a chegada e a saída das garotas nas casas, seja em Rosana ou em outras cidades, extrapolando, assim, os limites das fronteiras estaduais e até mesmo internacionais⁶¹.

Os processos migratórios ocorrem mais efetivamente no cotidiano das garotas de programa que residem na Vila das Garotas, pois quase cem por cento delas são oriundas de diferentes lugares – justifica-se aí o porquê desses

⁶¹ No período da abertura da pesca foi notória a presença de garotas oriundas de vários estados, como São Paulo, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Paraná, Goiás e Rio de Janeiro, mas também do país vizinho, Paraguai. As meninas vêm tanto de regiões vizinhas como também de grandes centros. Durante as entrevistas muitas preferiram falar os estados de onde estavam vindo e não especificamente das cidades, como forma de não se exporem totalmente.

territórios serem dotados de relações efêmeras. A mesma lógica não ocorre com as garotas de programa da rua, pelo fato dessas garotas serem munícipes e possuírem laços familiares que as impedem de estar constantemente viajando, embora tenhamos conhecido duas garotas de programa da rua que em períodos de baixa temporada optavam por trabalhar em boates do estado de outras cidades de São Paulo e mesmo do Paraná.

Ao indagar Paloma, garota de programa da rua, de como acontecem os programas, ela nos respondeu que a maior parte do agenciamento entre garotas e clientes acontece via telefone celular. Essa tática utilizada tanto pelas garotas quanto pelos clientes também pode se inserir nas lógicas das redes de personalidade.

A maior parte do fechamento dos programas acontece aqui na Lanchonete. Tudo acontece muito pelo celular, o celular ajuda muito. A maioria se comunica pelo celular, chega uma turma aqui, eu ligo para ela ou ela para mim, daí a gente vai ligando para as outras e vai pro rancho [...] (Paloma, entrevistada em 09/03/2012).

Em uma tarde de sábado fomos à casa da Luiza e pudemos ouvir uma conversa de uma das meninas, que havia chegado há três dias, com sua amiga pelo telefone celular: *“aqui ela trata a gente muito bem, a casa é muito limpa, é tudo muito organizado, a comida é maravilhosa e servida na hora certa, a gente não passa fome, tem até ventilador no quarto, sai logo daí e vem pra cá, aqui é muito bom para trabalhar”*. Ao ouvir essa fala, resolvemos contá-la a Luiza, que nos informou de onde essa menina tinha chegado:

Ela veio de uma cidade muito longe do Paraná, a história dela é muito sofrida e triste, e na casa que ela estava trabalhando antes de chegar aqui a proprietária era muito severa, quase não tinha o que comer, ela passou muita fome. Eu entendo muito a vida sofrida dessas meninas, é por isso que eu faço questão de tratar elas muito bem, já que elas trabalham pra mim e moram na minha casa, vão ser tratadas como princesas, é por isso que tento dar do bom e do melhor para elas comerem, e tudo o que estiver ao meu alcance eu faço (Luiza, entrevistada em 05/11/2011).

BOX 3
“Rosanas”

Rosana, um “paraíso”!



“Rozona”: outro “paraíso”!

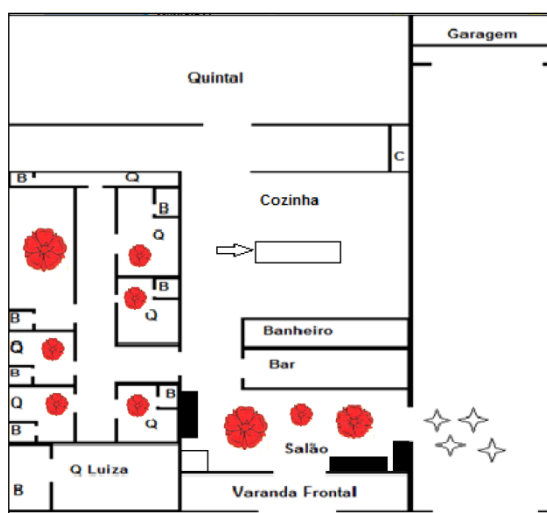
TURISMO SEXUAL EM ROSANA-SP: UMA VERDADE INCONVENIENTE

Publicado em fevereiro 12, 2012

Em matéria publicada no dia 10/02, o MARAKUTHAY NEWS apresentou alguns dos principais pontos turísticos do município. A matéria obteve grande repercussão e foi uma das mais lidas durante a semana. Agora, nos vemos na obrigação de revelar o outro lado da moeda, a “verdade inconveniente” por trás da prática do turismo em Rosana: A EXPLORAÇÃO SEXUAL.



Clima De putaria e vadiagem



Sites das imagens (a última é produção nossa):

<http://www.rosana.sp.gov.br/> (acessado em 20/01/2013)

<http://www.baixaki.com.br/papel-de-parede/47903-rosana-sp.htm> (acessado em 20/01/2013)

<http://marakuthaynews.wordpress.com/2012/02/12/turismo-sexual-em-rosana-sp-uma-verdade-inconveniente/> (acessado em 20/01/2013)

<http://desciclopedia.ws/wiki/Rosana> (com parte destacada - acessado em 20/01/2013)

Outro fator que pode ser inserido nas lógicas das redes de personalidade corresponde ao modo de como muitos turistas se referem a Rosana: “Rozona”. Essa denominação enquadra-se como expressão da “cidade enquanto texto”, discutida por Duncan (1990) comparando as espacialidades da cidade com um texto dotado de linguagens, que tanto recebe quanto também transmite informações. Assim, a expressão “Rozona” é dotada de significados que reportam e caracterizam o lugar utilizado pelos homens que chegam de vários lugares à procura do lazer sexual no município.

No decorrer dos trabalhos de campo foi possível conversar informalmente com clientes que estavam acompanhados de garotas de programa na Casa da Luiza. Durante essas conversas, constatamos a maneira como esses clientes, oriundos de Curitiba, Mato Grosso, Goiás, São Paulo, entre outros, chegaram até o Município de Rosana.

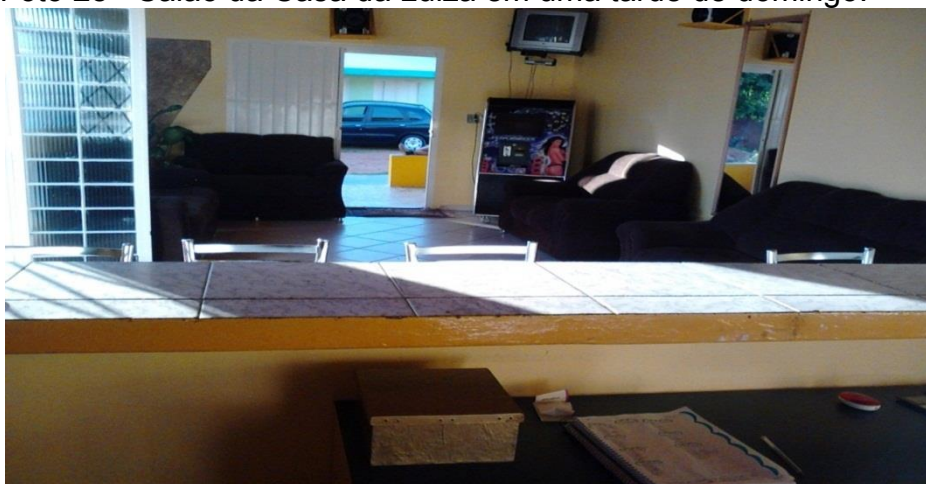
Segundo os relatos, todos conheceram o município através de outros colegas, que já haviam visitado a cidade e saíram com uma impressão muito positiva e a recomendaram como um local afastado dos grandes centros, isenta de violência, segura para se frequentar e com uma “riqueza natural” não encontrada na cidade ou na região onde residiam. Além desses atributos ao município, deixaram bem claro que sempre eram muito bem tratados pelos moradores, pirangueiros, proprietários de ranchos e estabelecimentos comerciais e, principalmente, pela proprietária Luiza; por isso, sempre retornavam à casa e a recomendavam aos colegas como um lugar descontraído, propício para esquecer os problemas e relaxar junto aos amigos e as possíveis garotas, contratadas para passar o final de semana nos ranchos ou nos quartos das casas noturnas.

A forma como Luiza trata seus clientes é bem diferente em relação às outras casas. Ela consegue transformar seu estabelecimento comercial em um ambiente onde o cliente, o estranho, o não conhecido, se sente como integrante da casa, pois o espaço físico contribui para que haja essa interação entre proprietária, garotas de programa e cliente – também um espaço sociocultural.

Quando chegam à Casa Amarela, os turistas, ao passarem pela porta

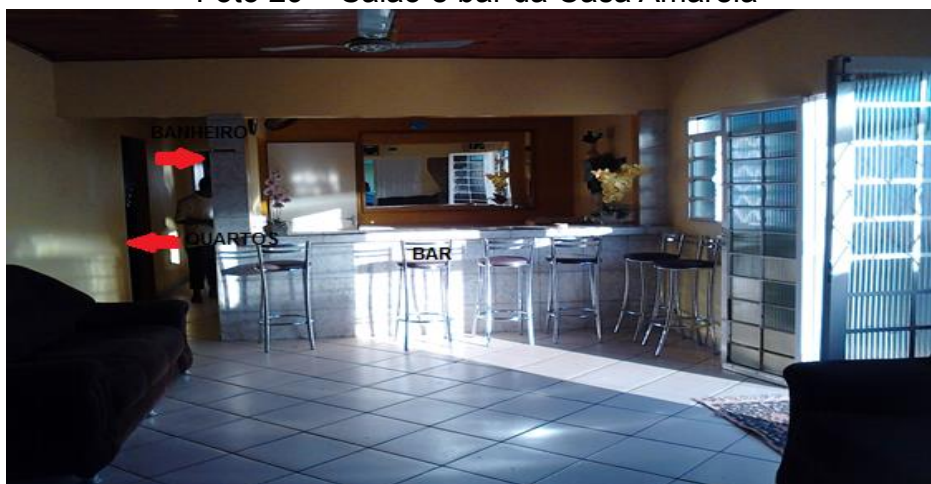
branca inserem-se no salão, geralmente a máquina já está tocando alguma música paga por um turista ou pela própria Luiza como forma de atrair quem passa lá fora, então uma garota já se aproxima e rapidamente dirigem-se ao bar. Ao lado do bar existe um pequeno corredor que dá acesso ao banheiro, aos quartos e a cozinha da casa.

Foto 28 - Salão da Casa da Luiza em uma tarde de domingo.



Juliana Maria Vaz Pimentel (trabalho de campo, 14/10/2012)

Foto 29 – Salão e bar da Casa Amarela



Juliana Maria Vaz Pimentel (trabalho de Campo, 14/10/2012)

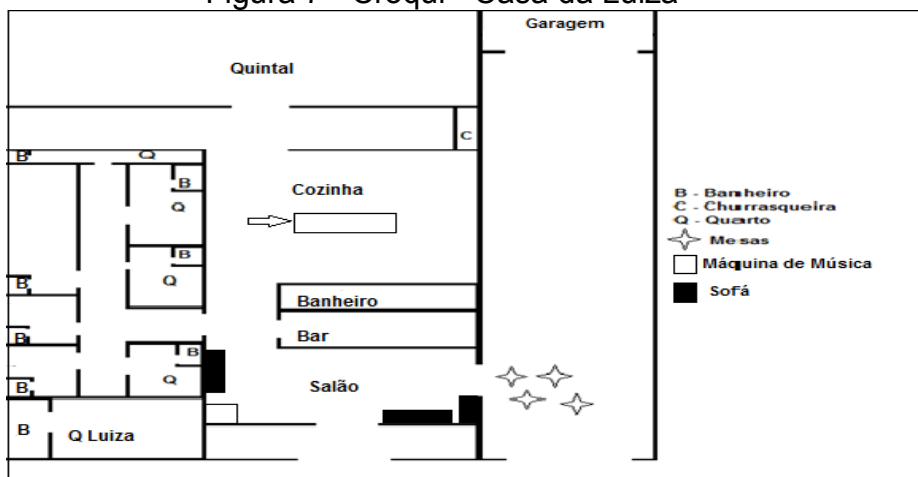
A cozinha é um local de interação entre a proprietária, o salão e as pessoas que chegam e saem, pois a posição que Luiza ocupa na mesa é o ponto que dá acesso ao salão, assim podendo monitorar o que está acontecendo em toda a casa e quais são as garotas que seguem para os quartos acompanhadas. A seta na cozinha (vide figura sete, p.96) indica o lugar exato onde Luiza se posiciona; esse lugar é ocupado estrategicamente durante a recepção de amigos na cozinha. A localização que Luiza opta por sentar-se

pode ser compreendida pela análise do território feita por Guattari e Rolnik (2005):

Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes (...). O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido quanto a um sistema percebido no seio da qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos (GUATTARI; ROLNIK, 2005, p. 323).

Geralmente os turistas ou cidadãos que estão na fila do banheiro acabam chegando até a cozinha para cumprimentar Luiza, sempre solícita, pergunta se precisam de alguma coisa, se estão se sentindo bem em sua casa e logo oferece-lhes algo para “beliscarem” junto com a bebida, pois é de costume de Luiza sempre deixar alguma coisa pronta para que as garotas possam comer após terminarem o expediente, e também para oferecer a quem chega.

Figura 7 - Croqui - Casa da Luiza



Org.: Juliana Maria Vaz Pimentel

Ao perguntar a um turista quais são os motivos que o faziam voltar todo ano ou duas vezes ao ano, mesmo em época de baixa temporada, ele respondeu:

Venho aqui com os meus amigos, porque me sinto livre, não corro o risco de ninguém me conhecer, estou a mil e seissentos quilômetros da minha casa. Aqui posso liberar o meu eu verdadeiro. No rancho eu não tenho hora pra nada, posso

curtir, beber, ficar com a garota que eu escolhi. Venho aqui na casa da Luiza e sou bem tratado por ela e pelas garotas dela, posso dançar, sair com a garota que escolhi sem ter medo que alguém vai ver e o que vai falar, posso andar de mão dada com ela pela cidade e pelo balneário. No tempo que ela fica comigo, trato ela como minha namorada, pra mim aqui é o paraíso (entrevista realizada em 22/03/2012).

A forma como esses turistas⁶² chegam até Rosana insere-se, também, na lógica das “redes de personalidades” discutidas por Silva (2002). Podemos perceber que nas explicações citadas pelos clientes como forma de justificarem suas presenças nos territórios da prostituição, existe a presença de uma organização específica entre o grupo, que faz uso dos espaços de entretenimento noturno. Essa organização também é marcada por aspectos simbólicos e identitários que os distinguem (turistas ou clientes das casas) dos demais grupos de turistas que frequentam o município, principalmente o Balneário Municipal⁶³.

Foto 30 – Veículos de Turistas/Clientes na Casa da Luiza.



Juliana Maria Vaz Pimentel (trabalho de campo, 01/11/2011)

Contudo, diante de tantos atributos mencionados ao município e à Vila das Garotas, sobretudo à Casa da Luiza faz-se necessário ressaltar a importância da presença dos corpos femininos para o rendimento dos estabelecimentos noturnos, porque é pela mercantilização dos corpos das garotas que ocorre a rotatividade de clientes e, conseqüentemente, todos os

⁶² O termo turista é utilizado com frequência pelos moradores e diz respeito a qualquer pessoa que não resida no município.

⁶³ O Balneário Municipal não é frequentado somente por turistas que vêm em busca de lazer sexual. O balneário é visitado por grupos de terceira idade e excursões originários de diversas cidades da região.

proventos das casas.

David Harvey (2011) faz uma relação entre corpo e trabalho, e considera que:

[...] o corpo é uma construção social, não podemos compreendê-lo fora do âmbito das forças que giram em torno dele e o constroem. Um dos determinantes principais disso é o processo de trabalho, (...) esse processo é moldado por forças político-econômicas e por forças culturais associadas de maneiras distintas (HARVEY, 2011, p. 31).

Os corpos prestadores de serviços sexuais em Rosana transformam-se em uma estratégia de acumulação de capital, tanto para as garotas que prestam seus serviços como forma de garantirem sua sobrevivência e seus territórios dentro das casas, como também às proprietárias das casas. “O capital, por assim dizer, circula através do corpo do trabalhador como capital variável, transformando-o em mero apêndice da própria circulação do capital” (HARVEY, 2011, p. 157).

Pela lógica do capital variável⁶⁴ de Harvey (2011), podemos compreender o modo como as proprietárias e as garotas de programa extraem os seus proveitos.

No cerne das casas, as garotas de programa obtêm rendimentos não somente através dos programas que realizam, mas ganham também uma porcentagem sobre o valor de cada dose de bebida que consomem. A cada conjunto de sessenta reais que é composto por uma dose de uísque com “Redbull” (bebida alcoólica), a garota ganha dez reais; já o conjunto de bebidas quentes como “Vodka” e “Martine” (também bebidas alcoólicas), saem pelo valor de trinta reais a dose, a “menina” ganha cinco reais por cada dose, no caso da “Coca-Cola” (refrigerante) e da cerveja, ambas com preço de dez reais, não há repasse nenhum para as garotas – em uma das entrevistas, a garota J.S. disse que esse último tipo de bebida só é vendida como forma de manter os clientes na casa.

Assim, quando os clientes entram no salão, logo começa uma conversa

⁶⁴ Harvey (2011, p. 142), vale-se da ideia marxista pra explicar o conceito de capital variável, considerando-o como “uma expressão que se refere à venda/compra e ao uso da força de trabalho”, em que este “é extraído na forma de mercadoria do corpo do trabalhador”.

informal, como maneira do possível cliente poder conhecer a garota e certificar-se que ela será sua acompanhante. No início da conversa, a menina pede para que sua companhia pague uma bebida a ela... Não foram poucas as vezes que pude presenciar os clientes pagando doses, não só para a sua acompanhante como também a suas companheiras de trabalho. Luiza disse que a bebida que mais traz lucro para a casa é o uísque, e que, portanto, prefere que as meninas consumam essa bebida.

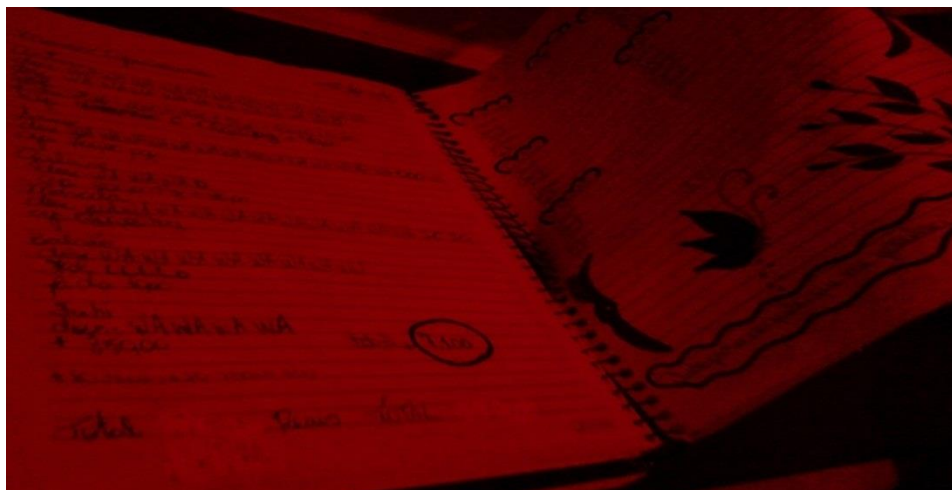
Ao acompanhar o movimento do salão em uma noite de quinta-feira, fora do período aberto à pesca, uma das garotas relatou como ocorrem as relações que tendem a culminar no programa sexual:

os caras chegam aqui e conversam com todas nós, mas aí ele sempre se interessa por uma, né? Daí a gente começa a conversar e eu já peço uma dose para ele, aí peço pra ele colocar uma ficha na máquina pra gente dançar, tento ficar com ele no salão o maior tempo que der e vou tentando pedir o máximo de bebida possível, às vezes, nem bebo tanto, mas vou dando a bebida pra ele, já chegou vez do cara comprar um litro de uísque fechado e levar pro quarto para gente passar a noite (Katiúscia, entrevista realizada em 09/02/2012).

As bebidas são pedidas diretamente ao/a gerente. A pessoa que irá tomar conta do bar é denominada de gerente. O fator que determinará a possibilidade de tornar-se gerente são os laços de confiança que se estabelece entre essa pessoa e a proprietária da casa. Desde a segunda quinzena de janeiro de 2012, quem vinha ocupando o cargo de gerente da casa da Luiza era a Juliana, já mencionada acima. Quando a gerente (geralmente uma mulher que trabalha na casa) está tomando conta do bar, estipula-se como regra que ela não beba, e enquanto estiver na gerência não realize nenhum programa; o gerente chega a ganhar duzentos e cinquenta reais por final de semana. É frequente a troca da gerência ou sua alternância, assim, quando a garota não estiver com a responsabilidade de administrar o bar da casa, ela pode ficar no salão à espera de um cliente⁶⁵, e tudo o que ela consumir e o número de programas que realiza fica anotado em um caderno.

⁶⁵ No caso, a gerente Juliana não faz mais programa porque já está “cansada dessa vida” (como ela mesma disse), e quer fazer qualquer outra coisa para ganhar dinheiro, menos se prostituir, além de estar com sérios problemas auditivos.

Foto 31 – Caderno de anotações de consumo de casa de entretenimento noturno.



Juliana Maria Vaz Pimentel (trabalho de campo, 06/09/2012)

Fundamentalmente, o papel do gerente é administrar a venda da bebida e anotar para qual menina está sendo vendida. O caderno onde se faz as anotações da noite, sobre a quantidade de bebida consumida pelo cliente, fica em nome da menina que o está acompanhando. Dessa forma, tudo o que for consumido dentro da casa e inclusive o quarto onde se consolidam os programas ficarão sob a responsabilidade da garota de programa.

É apenas no dia seguinte que irá ser realizado o balanço da noite. Esse balanço, no caso da Casa da Luiza, é realizado por outra garota de extrema confiança da proprietária, que é a J.S. Ao entrevistá-la, ela nos falou sobre sua relação com Luiza: *“estou morando aqui há um ano e dois meses, conheço a Lú há nove anos, ela é madrinha do meu ex-marido, que agora é meu namorado e que temos um filho juntos, e tenho um grande carinho por ela.”* Esse relato demonstra os laços afetivos que no decorrer do tempo podem ser construídos entre proprietária da casa e as garotas que lá residem.

Durante o contato construído com as garotas que já moraram com Luiza ou que ainda moravam, pode-se verificar que todas as falas das entrevistas possuíam um sentimento de gratidão, respeito e carinho por Luiza. Os relatos demonstraram que Luiza sempre possuiu uma grande preocupação com a saúde, alimentação e com a vida sentimental das garotas, tornando-se uma conselheira e uma espécie de “mãe” para as “meninas”, muito embora, saibamos que nesses laços afetivos fica implícita a relação de poder que Luiza exerce sobre as meninas. Não podemos afirmar que o relacionamento que

trava-se entre Luiza e as garotas de programa que trabalham em sua casa acontecem em outras casas. Através da convivência com Luiza e, também, por meio de suas narrativas, pudemos entender que por Luiza ter passado momentos muito difíceis em sua trajetória como prostituta, ela se compadece com a situação e histórias de vida de suas garotas, tentando, dessa forma, minimizar os problemas das que chegam a sua casa. Esses laços afetivos, construídos entre Luiza, garotas de programa e também com seus funcionários, parecem ao encontro da descrição das afinidades que ocorrem, muito semelhantemente, nos territórios de prazer da Vila Mimosa, no Rio de Janeiro:

A fidelidade mantida pelas prostitutas e parte da freguesia com os estabelecimentos é também outro fator substantivo que lhes confere esse nome. A designação parece expressar afinidades, simpatias e os laços de solidariedade que se estabelecem entre frequentadores, prostitutas, gerentes e donos de uma mesma casa, ao mesmo tempo em que estrutura, com revestimentos invisíveis, os espaços e seus usos [...] (SIMÕES, 2010, p. 49).

As “funcionárias” de Luiza carregam consigo traumas de um passado presente em suas memórias, porém, Luiza procura ter tato para trata-los e, sempre que possível, tenta estabelecer uma relação harmoniosa entre todos os membros da casa, pois caso não haja garotas para prestar serviços sexuais, Luiza enfrentará sérios problemas financeiros.

O programa nas casas noturnas em época de alta temporada girava (anos 2011 e 2012) em torno de duzentos e cinquenta reais, e varia entre quarenta minutos a uma hora. Já para sair com as garotas da casa, os clientes têm que pagar a taxa da saída⁶⁶ para a proprietária, que era de duzentos e cinquenta reais a cada vinte e quatro horas, mais o programa da garota que, em média, tinha um preço entre duzentos a duzentos e cinquenta reais. J.S relatou que já chegou a ganhar mil reais por semana, fora o lucro com as bebidas. Luiza disse que já teve menina que chegou a acumular sete mil reais durante um mês, entre programas e doses de bebidas. Já Gal, que hoje trabalha na Casa da Luci, disse já ter “tirado” três mil reais, além dos presentes que ganhou.

⁶⁶ Caso a garota de programa não chegue no horário estabelecido, ela terá que pagar uma multa à casa.

Portanto, pode-se perceber que as relações mercantis e as formas de lucratividade, que se estabelecem dentro das casas de entretenimento noturno, perpassam a esfera somente dos corpos que se prostituem. Existe um conjunto de fatores que culminam no gerenciamento desses estabelecimentos, que vão desde a procura de mulheres para residirem nesses lugares; a tentativa de manter na casa, mesmo em períodos de baixa temporada, pessoas que trabalham na parte interna; resolver “pendências” com clientes que em certas vezes agem de forma truculenta com as garotas para não pagarem o programa; “encaminhar” sobre a permissão de pessoas que entram para venderem os mais diversos tipos de produtos; e, até mesmo, o gerenciamento das relações afetivas que ocorrem entre proprietárias e garotas ou, até mesmo, com garotas de programa e clientes.

2.3 A Rotina

Vila das Garotas

A claridade da manhã, juntamente ao canto dos pássaros e dos galos, dissipam todo o alarido da noite passada. Neste momento, restam poucas pessoas na casa, amigos da proprietária, ela e mais alguns poucos clientes que, inebriados, ainda jogam conversa fora, já sonolentos. São oito horas da manhã do sábado, quando realmente acaba o expediente. Todos vão dormir, acompanhados ou não.

O único movimento e som da casa, no período da manhã, se dá através do som da vassoura emitido por Josi, a pessoa que presta serviços de limpeza na casa. É pela manhã que se faz toda a limpeza do salão, pois ainda as meninas estão dormindo. Josi é responsável por toda a limpeza da casa e do quarto da proprietária Luiza; já os quartos das meninas ficam por suas próprias responsabilidades: essa é uma regra geral instituída pelas proprietárias das casas. Durante os programas, os quartos são locados por sessenta reais; se o cliente não consumiu na casa, pode permanecer por apenas quarenta minutos, caso ele já tenha dado lucro com o consumo de bebidas, o quarto sai por quarenta reais e ele poderá permanecer no quarto por uma hora.

Foto 32 - Quarto de uma das garotas de programa da Casa da Luiza.



Juliana Maria Vaz Pimentel (trabalho de campo, 20/09/2012)

Em geral, os quartos das garotas são compostos por uma cama de solteiro, uma de casal, um guarda-roupa e um banheiro, além dos utensílios utilizados por cada uma delas. O quarto é, além de um local voltado para a realização dos programas, o território “da garota” dentro da casa em que reside. É nesse lugar que a garota tem ou não seus momentos de privacidade, pois em períodos de alta temporada, com a chegada de novas garotas de programa na casa, os quartos chegam a ser ocupados por mais de duas garotas.

São duas horas da tarde e Josi já fez toda a limpeza do salão, e agora, juntamente a J.S, agilizam o almoço do dia. A mesa posta fica à espera das garotas, mas também torna-se convidativa às pessoas⁶⁷ que chegam à Casa de Luiza. É a partir das quinze horas que as “meninas” começam a acordar e o movimento da casa ressurgem. Em meio às pessoas “de fora”, as garotas conversam sobre os acontecimentos da noite passada, trocam informações rotineiras e do cotidiano com Luiza e voltam para seus quartos. Antes do cair da tarde, lá pelas dezessete horas, as meninas se reúnem no salão para assistirem programas de “auditório”, pois ali, além do quarto de Luiza, é o único local onde há televisão.

⁶⁷ Pude presenciar e fazer parte, várias vezes, do horário de almoço, momentos de socialização entre Luiza, garotas e alguns amigos da proprietária.

Foto 33 – Salão da Casa da Luiza



Juliana Maria Vaz Pimentel (trabalho de campo, 17/03/2012)

Em meio ao entretenimento televisivo, há no salão a presença de vendedoras de roupas, de produtos da “Avon”, “Natura” e joias, que estão à espera das “meninas” para vender ou receber o pagamento dos produtos que as mesmas compraram no mês anterior. A foto 33 mostra uma sacola branca no sofá com produtos a serem vendidos, e ao lado o produto que possivelmente iria ser comprado por alguma garota de programa ou até mesmo pela proprietária da casa.

O fluxo de pessoas na parte da tarde é intenso, principalmente aos sábados; nesse movimento, estão também clientes. Não existe um rigor sobre uma hora estabelecida para o programa. Se entrar cliente, as meninas devem estar disponíveis, o que implica na escolha de uma garota de programa optar pela rua ou pela casa noturna (na rua, o horário é estabelecido pela garota; nas casas, não há horário).

No período do dia as pessoas que são mais próximas à proprietária podem chegar na casa e seguir rumo à cozinha, sem nenhum receio. Para chegar à cozinha, faz-se necessário cruzar o salão. Sempre há um café ou um suco pronto para recepcionar quem chega, e sempre há alguém transitando pela casa e principalmente pela cozinha, pois é lá ou na varanda, que encontra-se no fundo da casa, que Luiza recepciona seus amigos e conhecidos, e até mesmo clientes que já possuem laços de amizade com as garotas e com a Luiza.

São, nesses momentos, fora do horário de trabalho, que podemos perceber as garotas destituídas de performances⁶⁸ que “trajavam” na noite anterior, como maneira de interatuar com os clientes ou até mesmo com os sujeitos que estavam interagindo com o cenário da casa noturna.

Pudemos acompanhar o fechamento da casa da Luiza em um dia de pouco movimento e presenciamos as garotas desfazendo-se de suas representações. Os corpos, que momentos atrás trajavam roupas insinuantes, coladas na pele delineando suas curvas corporais, vestidos curtos que cobriam somente as nádegas, cores vivas nas tonalidades de pink, laranja, vermelho, rostos enrubescidos pela maquiagem, lábios coloridos pela tonalidade vermelha, saltos extremamente altos... agora, exatamente às duas e meia da madrugada, estão semicobertos, alguns, por uma camiseta de algum partido político da campanha eleitoral passada, seus rostos expressam o cansaço da semana, e dores no corpo pelas noites mal dormidas e pelo uso excessivo do salto alto. Nesse horário, sentam-se à mesa da cozinha e vão jantar e o entusiasmo e a energia são trocados por bocejos, problemas de saúde também provocado pelo “embelezamento” dos cabelos e unhas, e na entrega à Luiza de dinheiro recebido durante a noite, com comentários sobre os acontecimentos noturnos⁶⁹.

⁶⁸ Termo utilizado por Goffman (1963, p. 23), entendido como “toda a atividade de um determinado participante, em dada ocasião, que sirva para influenciar, de algum modo, qualquer um dos outros participantes”. Será feita uma discussão mais profunda sobre performance no capítulo três, onde irei discutir identidade e representações das garotas de programa.

⁶⁹ Neste instante foi possível vivenciar a relação das garotas com a proprietária Luiza fora do horário de trabalho. Duas delas não pouparam a proprietária de elogios referentes ao modo como Luiza as trata, referiram-se também à boa alimentação oferecida na casa e o respeito que Luiza tem por elas. Assim, Luiza transita entre várias representações em seu cotidiano e o principal é o de perpassar do papel de dona de casa à amiga e até à “mãe”, assim chamada por algumas meninas que vêm nela a figura materna.

Foto 34 - Roupas do cotidiano na Casa da Luiza



Juliana Maria Vaz Pimentel (trabalho de campo, 20/09/2012)

Goffman (2011) denomina os estados anterior e posterior – em nosso caso, a das garotas da passagem de “prostitutas” a “filhas”, ou da passagem do trabalho para o descanso – de “fachadas”:

Será conveniente denominar fachada a parte do desempenho do indivíduo que funciona regularmente de forma geral e fixa com o fim de definir a situação para os que observam a representação. Fachada, portanto, é o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconsciente empregado pelo indivíduo que funciona regularmente de forma geral e fixa com o fim de definir a situação para os que observam a representação. [...] Entre as partes da fachada pessoal podemos incluir os distintivos da função ou da categoria, vestuário, sexo, idade e características raciais, altura e aparência, atitude, padrões de linguagem, expressões faciais, gestos corporais e coisas semelhantes (GOFFMAN, 2011, p. 29-31).

Ao nos referir sobre os corpos que exercem performances, como a maneira de atrair a atenção de pessoas que estão próximas, Alves (2010) relaciona-os a representações que determinados grupos exercem em função de outros. Já Goffman (1963, p. 29) utiliza o termo representação como “toda atividade de um indivíduo que passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes algumas influências”.

Leite (1992), ao tratar sobre os territórios da prostituição, mais especificamente as casas noturnas, aponta que os corpos possuem uma base fixa para seu desenvolvimento e estabelecimento e, em seu cerne, existe a

construção de relações de convívio que expressam os aspectos simbólicos dos grupos sociais que ali interagem:

A zona é um mundo como outro qualquer, às vezes tenho a imagem romântica de uma cidade dentro da cidade. Tem gente que acorda cedo, tem gente que acorda tarde, gente com ressaca, gente alegre, gente triste. Igual ao mundo de fora, só que é o mundo de dentro. Há cordialidade de cidade pequena, mas há também a possibilidade de explosão de uma violência típica de cidade grande (LEITE, 1992, p. 70).

Assim, nos espaços que ocupam fora do horário de trabalho, essas mulheres⁷⁰ mostram-se ser iguais a quaisquer outras pessoas: preocupadas com seus filhos que deixaram para seus pais ou para uma pessoa mais próximas cuidar, apreensivas quanto à reflexão sobre o uso de seus corpos para sobreviver, se algum dia conseguirão deixar essa vida de programa, quanto de sua renda conseguirão enviar para seus familiares, preocupação com seus cabelos, roupas, sapatos, enfim, demonstram estar tentando viver da melhor forma possível, através dos meios que dispõem para ganhar dinheiro, fundamentalmente para ajudar as pessoas que delas dependem.

Estou aqui na casa da Luiza há pouco tempo, vim do Paraná, uma amiga que me trouxe, tô com vinte e quatro anos. Comecei a fazer programa aqui na casa da Luiza, assim que cheguei. Estou adorando e sou muito bem tratada pela Luiza e pelas outras meninas que estão aqui comigo. Nem meu pai e nem minha mãe sabe no que eu tô trabalhando de verdade, nem sei o que dizer. Ligo e digo que tá tudo bem, melhor impossível. Aí eles me dizem: se tá tão bom assim, então vem buscar seu filho pra morar com você, e daí não sei o que respondo, eles não podem nem sonhar o que tô fazendo, como vô trazê meu filho pra morá comigo? (Bárbie, entrevistada em 18/04/2012)

Diante do depoimento de Bárbie, podemos considerar que sua opção em vir trabalhar na Vila das Garotas, e não na rua, justifica-se por dois motivos: o primeiro condiz ao fato de se sentir segura quanto à preservação do seu verdadeiro ofício, pois a rua é o lugar de maior exposição dos corpos. Garotas

⁷⁰ Um fato que nos chamou a atenção foi que na maioria das vezes encontramos as garotas em horários de trabalho, e são nesses momentos que estão exercendo suas performances. Quando retornamos à Casa de Luiza em horários fora do expediente das garotas, tivemos dificuldades em reconhecê-las sem suas roupas insinuantes, maquiagem e sapatos de saltos altos. De alguma forma, não seria exagero considerar que as garotas transitam de uma para outra performance, pois também, diante de mim como de Luiza, elas tendem, fora do trabalho, a construir outra condição performática.

de programa que trabalham na rua dizem que “a rua é o lugar da exposição dos nossos corpos, estamos aqui como se estivéssemos em uma vitrine”. O segundo fator relaciona-se à interação de Bárbie com o novo lugar de vivência, ficando claro, em sua fala, a interação que ela estabelece com o lugar e com as pessoas que o dividem com ela. Carlos (2007, p. 17) tem ressaltado que “o lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisada pela tríade habitante-identidade-lugar”:

A tríade cidadão-identidade-lugar aponta a necessidade de considerar o corpo, pois é através dele que o homem habita e se apropria do espaço (através dos modos de usos). A nossa existência tem uma corporeidade, pois agimos através do corpo. [...] Uma vez que cada [*“corpo”*⁷¹] se situa num espaço, o lugar permite pensar o viver, o habitar, o trabalho, o lazer enquanto situações vividas [...]. São os lugares que o homem habita dentro da cidade que dizem respeito a seu cotidiano e a seu modo de vida onde se locomove, trabalha, passeia, flana, isto é pelas formas através das quais o homem se apropria e que vão ganhando o significado dado pelo uso. Trata-se de um espaço palpável (CARLOS, 2007, p. 18-20).

Assim, podemos perceber que esses espaços de convívio transformam-se em lugares de interações, tecidos pelas relações sociais que se realizam no plano do vivido, construindo-se, dessa forma, uma rede de signos que convergem em interações entre o “eu” e as pessoas que partilham dos mesmos históricos de vida, dos mesmos anseios, alegrias e sentimentos. Nesta perspectiva, Alves considera que:

A interação se constitui na forma como determinados impulsos, sentimentos de desejos – conteúdo – que estão no indivíduo são materializados, à medida que este, por sua vez, sai da individualidade em busca de certas finalidades e cujo objetivo consiste em interagir com o outro (ALVES, 2010, p. 35).

Ao presenciar o dia-dia dos sujeitos que fazem parte da casa noturna de Luiza, pudemos verificar que existe uma notória visibilidade em relação à *performance* utilizada pelos corpos femininos no salão e as diferentes práticas que os mesmos indicam fora do expediente de trabalho. Se no período de trabalhos os corpos demonstram-se delineados por trajes insinuantes e as garotas parecem irradiar alegria, após o expediente os corpos apresentam-se por de trás de uma camiseta larga, surrada com propaganda de um produto,

⁷¹ Termo inserido por mim.

loja ou partido político; neste momento, as faces não trazem mais tons marcantes e vibrantes da maquiagem, agora revelam o cansaço do trabalho e das noites perdidas e mal dormidas.

E assim, finaliza-se mais um dia de rotina da Luiza e das garotas... Porém, ao cair da noite, começam os preparativos para a abertura da casa, que se dá por volta das vinte horas. Luiza é quem se prepara primeiro para recepcionar os primeiros clientes e orientá-los em relação ao horário de funcionamento, se existem meninas novas e quais estão na casa. Posteriormente, as meninas deixam seus quartos para estreiam em mais uma noite de trabalho. Neste momento, o bar também já está todo organizado pela gerente para iniciar a venda das bebidas.

Inicia-se mais uma noite de trabalho para quem vive nas/das casas noturnas; já para os clientes é o início do horário como possibilidade de “suavizar a tensão” do dia. São nos territórios de entretenimento noturno que muitos homens ficam inebriados pela sensualidade das garotas de programa, pelos seus “papos”, por seus perfumes, suas maneiras de fazer carinho e dar atenção, e encantam-se pelas diferentes performances desenvolvidas pelas garotas, ou, em especial, pela mulher que ele escolheu para realizar seus desejos mais íntimos, ou para simplesmente conversar sobre os mais diversos tipos de assuntos, como, por exemplo, problemas familiares ou do trabalho – e não são poucas as vezes, que revelam problemas com a própria esposa...

2.4 A Rua e a Lanchonete Júpiter

“Eu fui apaixonada por uma pessoa, inclusive ele tá aqui hoje. Esse homem acabou com a minha vida, por isso é que no final de dois mil e dez eu virei mulher de programa⁷²”. É com essa frase que Giovana iniciou seu depoimento quando perguntamos sobre os motivos que a levaram a se tornar garota de programa⁷³.

⁷² Entrevista realizada na Choperia Júpiter em 09/03/2012.

⁷³ Qualquer mulher que chegar e se sentar na Lanchonete Júpiter será alvo de curiosidade por parte dos homens. Logo os olhares se fazem mais presentes. Nesse caso, se você não for uma garota de programa é melhor que não olhe diretamente para nenhum rosto masculino e, mesmo assim, você estará correndo o risco de ser interpelada na porta do banheiro, ou até mesmo na mesa, por algum turista.

Ao fazermos o trabalho de campo pela primeira vez na rua, mais especificamente na Lanchonete Júpiter, sentimos uma grande dificuldade em discernir determinadas garotas de programa das mulheres que realizam outras atividades profissionais. É claro que também se fazia perceptível, no local, a presença de garotas com trajes mais provocantes, aliás, neste dia em que realizávamos o trabalho de campo a temperatura havia caído bruscamente, e a noite estava muito fria, quando nos deparamos com quatro garotas que “desfilavam” pelas calçadas da lanchonete com minivestidos “tomara que caia”, meias do tipo “arrastão”, maquiagens provocantes e sapatos com saltos extremamente altos. Não havia como não notar a presença delas.

Uma das maneiras das garotas comunicarem a prostituição que praticam é observada na forma como elas se maquam e se vestem. O tipo de roupa das garotas de programa é um dos indicadores das estratégias de sedução em relação aos clientes da corporalidade, da realização da prostituição. A comunicação desses significados sociais é realizada através dos corpos dessas mulheres, entendendo a roupa como parte da corporalidade, portanto, também como componente dessa performance (PASINI, 2000, p. 190).

Neste dia (09/03/2012), chegamos a Lanchonete e as mesas já estavam quase todas ocupadas. Sentamos de frente a três garotas (Giovana, Pamela e Crismar), por um instante de tempo chegamos a pensar que elas não eram garotas de programa. Comportavam-se com descrição, trajavam roupas nada insinuantes. Seus gestos e comportamentos não eram condizentes aos de uma garota de programa (pelo menos em relação às garotas de programa que vimos na lanchonete Júpiter e na Vila das Garotas). Depois de muito nos questionarmos se eram ou não profissionais do sexo, tomamos a atitude de nos aproximar, nos apresentar e falar o que estávamos fazendo ali, aí então conseguimos sanar nossas dúvidas: eram, realmente, garotas de programa.

As três foram muito abertas ao dizerem o que estavam fazendo ali. Nos deixaram bem claro que eram profissionais do sexo e que não sentiam nenhum tipo de constrangimento em assumirem essas identidades, considerando que exerciam uma profissão como outra qualquer. Durante a entrevista foi possível conhecer um pouco da história de vida de cada uma e quais foram os motivos

que as levaram a optar por essa profissão. Nos deram relatos de experiências com clientes, o que sentem no ato do programa, quais suas perspectivas de vida e outras subjetividades que fazem parte de suas vidas dentro e fora de suas profissões.

Dentre as três histórias, a que mais nos despertou a atenção foi o motivo pelo qual Giovana tornou-se uma garota de programa. Os trabalhos de campo demonstraram que grande parte das garotas começaram⁷⁴ a se prostituir pela falta de dinheiro, por não terem encontrado outra alternativa de emprego e por precisarem criar seus filhos de alguma forma. No entanto, Giovana nos contou que acabou se tornando uma profissional do sexo devido a uma desilusão amorosa:

Esse homem acabou com a minha vida, por isso é que eu virei mulher de programa e vim trabalhar na rua. Na época que eu trabalhava aqui⁷⁵, ele veio e me seduziu, e eu era tão simples, tão ingênua, era apenas uma moça que trabalhava aqui. Eu fui ver de perto o que era prostituição quando comecei a trabalhar aqui. Até então eu tinha o maior preconceito, eu não vinha aqui quando eu tinha namorado, porque eu falava que tava cheio daquelas vagabundas. Cansei de falar pra minha mãe que jamais eu ia ficar com aqueles velho, nojento, barrigudo, por causa de dinheiro. Nunca vou fazer isso, falava pra minha mãe, nunca vou ter coragem. Na época eu era certinha, sabe? Eu era crentinha. Quando eu tava namorando eu vinha comer um lanche, mas só ia nas lanchonetes do outro lado da rua. Daí eu vim trabalhar aqui, porque eu precisava. Acabei abandonando a igreja, porque no horário da igreja eu tava trabalhando aqui. Aí me afastei da igreja e conheci ele, aí me apaixonei. Aí a gente começou a ficar. Num belo dia eu tava aqui trabalhando, veio uma, veio outra e falou: 'olha, fulana tá lá no rancho com seu namorado'... Aí eu descobri que ele me levava embora, voltava pra cá, pegava outras garotas pra levar pros ranchos. Aí eu fiquei louca porque eu gostava muito dele. Sabe o que eu fiz? Pedi as contas e virei mulher de programa e disse: a partir de agora nenhum filho da puta põe a mão em mim sem ter que pagar! Foi dessa maneira que eu entrei na prostituição, e tô traumatizada até hoje (entrevista realizada em 09/03/2012).

O relato de Giovana, bem como os de outras garotas que hoje são profissionais do sexo, mas, que no passado, trabalharam como garçonetes na Lanchonete e Choperia Júpiter, nos leva a pensar que esse lugar tornou-se um ponto de referência para as mulheres adentrarem no ramo da atividade comercial sexual. *“Aqui foi a minha escola, aqui aprendi a fazer programa,*

⁷⁴ Esse assunto será abordado no capítulo três.

⁷⁵ Giovana, por um tempo, trabalhou como garçonete à noite na Lanchonete Júpiter.

aprendi a sair com os turistas e cobrar”, disse-nos Giovana sentada na mesa e olhando os turistas que passavam à nossa frente.

A fala de Giovana condiz com a realidade de outras garotas, que acabam por entrar no ofício da prostituição por frequentarem a Lanchonete Júpiter e serem influenciadas pelas amigas que já são garotas de programa. Outro fator que as motiva a mercantilizar seus corpos é a sensação de ganhar dinheiro rapidamente: *“em um dia eu já cheguei a ganhar quinhentos reais em dois programas, isso eu tirava no mês trabalhando como faxineira”*, relatou uma garota de programa que não quis se identificar. A maneira como as novas garotas entram para a prostituição insere-se nas redes de pessoalidade, uma vez que essas garotas iniciam seus programas por indicações e convite das amigas; *“experimenta, se você não gostar é só você sair”*, ouvir Fernanda de uma garota de programa, e foi dessa maneira que entrou para a atividade comercial sexual.

Nos trabalhos de campo tivemos a oportunidade de conhecer garotas que haviam chegado em Rosana recentemente, e que antes de chegar ao município nunca haviam realizado nenhum tipo de programa. Podemos citar, como exemplo, Crismar, que com 26 anos havia chegado recentemente de Campinas (SP):

Vai fazer três semanas que eu tô aqui, iniciei o meu primeiro programa na noite de ontem. Quando eu comecei a andar com elas [referindo-se a Giovana e Pamela] eu fui muito criticada, mas eu não fui pela cabeça dos outros. A Gi eu conheço há sete anos e a gente tem que ser curioso pra tudo aquilo que tem no mundo. Ela começou a me contar, me explicar, eu não incentivo ninguém porque também não é vida que a mulher queria ter, e tô porque é muita precisão [...], tô porque preciso realmente, eu tenho filhos, tenho casa pra sustentar e tenho dois sobrinhos que moram comigo. Eu pago aluguel, eu pago água, luz, eu preciso comer, é uma necessidade, eu não vou fazer porque eu gosto, porque sou vagabunda, não! Vou fazer porque tenho pessoas que dependem de mim! (entrevista realizada em 17/02/2012).

Diante da explicação dada por Crismar⁷⁶ para nos situar quanto à

⁷⁶ Ainda continuamos tendo contato com Crismar, que depois nos disse não ter nascido pra fazer programa. Quando à sua situação, está muito “apertada” financeiramente, ela faz programa, mas está tentando ganhar dinheiro exercendo outras funções, como também está

maneira e os motivos que a levaram a se tornar uma profissional do sexo, fica evidente o fato de não possuir outra opção para garantir a renda dos sobrinhos e de seus outros dependentes, vendo-se obrigada a fazer programa. Ela percebeu que a melhor opção para aquele momento era seguir os caminhos de Giovana, mesmo nos deixando claro que não sofreu influência nenhuma por parte da amiga e ainda nos indagou o que faríamos se estivéssemos no lugar dela:

Olha, acabei de chegar aqui com minha irmã e dois sobrinhos, fora os meus filhos que deixei em Campinas com a minha mãe e meu pai. Ontem cheguei em casa e na geladeira não tinha nada pra comer, meus sobrinhos estavam chorando, um de três e outro de cinco [anos], fiquei com uma raiva de não ter um nada na carteira pra ir pelo menos comprar um danone pra eles. Então, como eu já tinha conversado com a Gi, falei para minha irmã, a partir de hoje essas criança não vai mais chorar de fome não, eu vou sair e vou fazer dinheiro. Daí, hoje de manhã cheguei, dormi um pouco e a primeira coisa que eu fiz foi torrar o dinheiro do meu programa com comida pra eles e pra gente. Fala o que você faria se tivesse no meu lugar, num lugar onde não tem nem como trabalhar de empregada? (Crismar, entrevistada em 17/02/2012).

Neste momento, eu não consegui responder absolutamente nada, o que venho em minha cabeça foram outras tantas perguntas referentes à conjuntura econômica, social e histórica das garotas que encontravam-se ali na Lanchonete Júpiter. Então, só balancei a cabeça, demonstrando concordar com o ponto de vista de Crismar...

As falas de Crismar e de Giovana nos dão indícios de alguns fatores preponderantes que explicam como ocorrem os primeiros contatos para que ocorram os programas, ou seja, o início da inserção das mulheres na atividade comercial sexual no município de Rosana. Essa exposição nos permite chegar a uma conclusão (pelo menos parcial) de que o corpo é um meio para compreender essas interações e também o mecanismo que oferece uma possível inscrição social dos sujeitos envolvidos nesse ofícios.

As histórias que justificam a inserção de certas mulheres à prática do comércio sexual são inúmeras, mas a maior parte das entrevistadas disse ter

tentando arranjar emprego em alguma loja do comércio. Antes de vir para Rosana estava trabalhando em Campinas, de atendente de uma loja de informática.

trabalhado em outras atividades antes de aderir à prostituição. Porém, no caso das garotas que exercem seus ofícios no município de Rosana, e dentre as quais tivemos acesso, somente uma, Pamela, disse estar nesta profissão porque julga o meio mais rápido para alcançar o que almeja, e que “*não precisava muito estar ali*”. Pamela não tem filhos, mas tem sonhos e ambições:

Entrei, não foi por necessidade não! Eu achava curioso à noite, porque eu gosto da noite e acabei entrando, claro que eu precisava, mas não foi tanto por isso não! Eu queria saber muito como era. Mas hoje é com esse dinheiro que eu banco o meu curso, meu aluguel, mas eu quero sair [...] Eu faço curso técnico – Estética, pretendo terminar e ir embora para uma cidade maior, pra arranjar um emprego legal, ter meu próprio negócio, No momento é só isso mesmo, eu moro aqui e dependo disso, não tem outra coisa para fazer, eu tenho minhas necessidades e eu preciso mesmo (Pamela, entrevista realizada em 17/02/1012).

Pamela mora em Rosana há 15 anos, e antes de trabalhar na rua, trabalhou na Casa da Lucia (localizada ao lado da Casa da Luiza. Quando perguntamos a ela o por quê de ter deixado a Casa da Lucia e preferir fazer ponto na rua, Pamela nos respondeu:

Porque a gente não tem o compromisso que tem que ter na boate. Na boate você tem que cumpri horário, você tem que beber quando não quer, tem que viver no ritmo da casa. Agora na rua é outra coisa, você sai quando quer, fica com o cara que você quer, entendeu? Aqui [na rua, você] sai com quem você quiser e na hora que você quiser. Aqui na rua você tem liberdade. É tudo na hora que você quer. E outra: o babado é aqui na Júpiter, aqui é o lugar pra fazer programa. Todo o lance tá concentrado aqui na Lanchonete Júpiter (Pamela, entrevista realizada em 17/02/2012).

Os motivos que levam as garotas a optarem pelas casas de entretenimento noturno ou pela rua estão totalmente ligados à concepção que elas têm de liberdade ou flexibilidade em relação ao agenciamento de seus corpos.

Não vamos pra boate por conta da liberdade, e [tem] outra [explicação], ganha mais dinheiro aqui [na rua] do que lá nas casas. Aqui você tá livre. Lá os caras tem que pagar a saída até um determinado tempo. Aqui você volta na hora que você quiser, o cara gostou de você, vamos ficar mais, o babado continua. Às vezes você vai para o rancho na sexta e no sábado se você quiser ficar tomando banho de piscina você fica, comendo do bom e do melhor, curtindo uma música, e se

o cara gosta de você ele paga os três dias o pacote. Sai quinhentos a seiscentos reais livre, e se bobeá rola até um presentinho, ou rola até de mandar uma grana depois (Giovana, entrevista realizada em 17/02/2012).

Na concepção de Pamela, Giovana e Crismar, trabalhar na rua é sinônimo de liberdade, pois são elas que agenciam diretamente seus corpos. São elas que determinam o horário que irão trabalhar, quanto irão cobrar pelo programa e se aceitam ou não sair com um determinado turista, ou se aceitam ou não ficarem no rancho ou irem para uma pousada.

Em relação aos territórios da prostituição de rua, as três garotas nos disseram que preferem sair acompanhadas da Lanchonete Júpiter, mas, se acaso neste lugar não houver nenhum cliente que as interesse, ainda podem tentar negociar um programa na Choperia Júpiter ou na Tenda⁷⁷.

Foto 35 - Danceteria Tenda em Rosana



Juliana Maria Vaz Pimentel (trabalho de Campo, 17/03/2012)

A Danceteria Tenda abre somente nas sextas-feiras ou nos sábados. Sempre o proprietário da “danceteria” contrata um carro de som que anuncia antecipadamente que dupla ou banda sertaneja irá tocar. Durante a propaganda que circula pelo distrito de Primavera e na cidade de Rosana, a “vinheta” geralmente anuncia que a entrada para as mulheres é livre, ou que até a uma hora da manhã as mesmas não pagam ingresso; também mais recentemente tem sido anunciada a proibição da entrada de menores de 18 anos, mas não é o que acontece, sendo possível encontrar menores de idade

⁷⁷ A “danceteria” recebe este nome pelo fato de lembrar uma tenda, já que sua cobertura é feita de lona.

na danceteria.

O percurso feito pelas garotas de programa e pelos turistas segue o seguinte itinerário: primeiramente o ponto da prostituição de rua se dá na Lanchonete Júpiter. Após a meia noite da sexta-feira ou do sábado, as garotas já acompanhadas ou não, e os turistas, seguem rumo à Choperia Júpiter. Se não houver nenhum show na Tenda, haverá algum tipo de som ao vivo na choperia. O movimento desse lugar se estende aproximadamente até as três a quatro horas da madrugada. Caso tenha show na Tenda, a Choperia Júpiter fica aberta até o início do show programado. Então, quem estiver na choperia entrará na danceteria, pois lá se torna o último lugar para conseguir um programa. A figura 6 nos dá uma noção espacial de como se configuram os territórios da prostituição de rua e quais são os principais fluxos de turistas e garotas de programa nas ruas centrais de Rosana.

É importante salientar que quando o movimento está fraco na Casa da Luiza, ao término do expediente ela permite a ida das suas garotas à choperia ou para a Tenda. Caso arranjem programas por lá, elas têm o consentimento de Luiza para levar seus acompanhantes para dentro da casa e realizarem o programa em seus quartos, e nesse caso a garota não precisa pagar nada à proprietária. A figura 8 (p.117) representa as possíveis trajetórias que as garotas fazem ao término do expediente.

Figura 8 – Trajetórias das garotas de programa



Google Maps: 2012
Org.: Juliana Maria Vaz Pimentel

Ao tratar de assuntos que envolvam a prostituição, os olhares se direcionam para aquelas mulheres de “vida fácil” ou aquelas agentes que estão condicionadas à marginalidade, a imposição de poderes que estão ocultos nas relações com o mundo externo, com clientes e com as proprietárias das casas noturnas. Seria uma visão reducionista considerarmos que estas mulheres estão à mercê de uma ou outra coisa. Essas garotas possuem uma autonomia relativa de conduzir a mercantilização de seus corpos territorialmente e financeiramente. Em outras palavras, essas mulheres possuem uma autonomia relativa em fazer a escolha quanto a seu território de atuação e quais serão os agenciamentos estabelecidos com seus clientes, referentes aos serviços sexuais que seus corpos estarão dispostos a prestar.

Nesse sentido, é também possível afirmar que os corpos das garotas travam uma fronteira simbólica entre o corpo e laços afetivos e o corpo-mercadoria. Assim, ao agenciarem seus corpos, inserem-se nas regras das casas de entretenimento noturno ou nas lógicas da prostituição de rua, porém buscam cumprir as regras que de acordo com os serviços sexuais que prestam.

Muito embora o senso comum vislumbre as casas de entretenimento

noturno como um lugar sem regra, visto como uma “zona”, um lugar desviante onde nenhuma pessoa de princípios morais deva frequentar, no caso da Casa da Luiza – lugar onde pudemos acompanhar parte da rotina não só das garotas como também da proprietária –, essas concepções não cabem, pelo menos na sua totalidade, ao local, já que a casa de Luiza, bem como as outras casas da Vila das Garotas possuem várias regras que devem ser cumpridas pelas garotas de programa.

O que se pode verificar é que, ao contrário do que comumente pensamos, uma zona de prostituição não é um ambiente caótico e de permissividade total. Assim como em outros locais, regras são estabelecidas e sua infração gera sanções. E mesmo algumas dessas regras sejam impostas, sobretudo para evitar brigas nos locais e, conseqüentemente, problemas com a polícia – como no caso da proibição da entrada de mulheres que roubam ou que utilizam drogas [...] (ARAÚJO, 2006, p. 78).

Araújo (2006) discorre sobre as regras que são impostas em alguns bairros de Goiânia (GO). No caso da Casa de Luiza, as regras não são diferentes. Quando as “meninas” chegam, um dos primeiros assuntos da pauta de Luiza é o funcionamento da casa: horário para entrar e sair, regras de higiene, *“tudo deve ser muito bem limpo”*⁷⁸, sendo que o lema é: *“sujou, lavou, enxugou, guardou”*, apagar a luz, desligar o ventilador e *“desligar a torneira quando estiver lavando a louça, são atitudes que contribuem para o meio ambiente”*, diz Luiza. Durante nossas entrevistas, tivemos dois depoimentos que apontaram que se todas as casas familiares tivessem as regras impostas na Casa de Luiza, muitos adolescentes não estariam dando trabalho a seus pais...

Ainda em relação à escolha das garotas de programa em optarem em fazer programa na Vila das Garotas ou na rua, duas entrevistadas, que optaram por não falar seus nomes, em uma conversa informal nos disseram:

A gente prefere trabalhar aqui [na “Vila”] porque aqui a gente se sente mais segura. Não vai acontecer igual outro dia, que a mulher do cara chegou lá na Lanchonete Júpiter e pegou a fulana pelo cabelo e acabou com ela na frente de todo mundo. E nem foi a fulana que foi atrás do cara, era ele que vivia atrás

⁷⁸ Na Casa da Luiza existe uma funcionária que fica encarregada da limpeza. Cada menina deve ter o produto de limpeza que será usado em seu quarto.

dela. Agora, aqui nas casas ela não é nem louca de chegar aqui, primeiro que tem nossos chegados⁷⁹, e segundo que nós estamos parada aqui, não tamo indo corrê atrás de ninguém. Aqui a gente se sente bem mais segura (garotas de programa da Vila das Garotas 02/02/2011).

O relato nos demonstra maneiras paradoxais de se pensar o uso dos territórios da prostituição. Questões relacionadas ao uso pleno da liberdade contradizem-se à presença da “figura” que exerce, além de outras funções, o de segurança da casa. Diante de algumas narrativas de garotas de programa da Vila, pudemos perceber que essas garotas optam por trabalhar nas casas por questões de segurança, e isso acaba por nos dar indícios dos diferentes tipos de poder que estão ocultos e que envolvem o cotidiano das garotas que vivem na Vila.

A territorialidade é identificada pelas práticas sociais que, por um lado, são definidas por relações de poder, através do controle, e, por outro, pela apropriação simbólica e efetiva de uma área geográfica por indivíduos ou grupos. Assim sendo, o território, nada mais é, do que a manifestação geográfica dessa territorialidade, através dos seus limites, que se dão de modo diferenciado (RIBEIRO, 1997, p. 96).

É no cerne desses paradoxos que as regras agenciadas pelos corpos das garotas de programa comunicam-se, mesmo que simbolicamente, com as relações entre os dois territórios: a Vila das Garotas e a rua.

Se na Vila das Garotas existe a presença do “segurança” (ou uma maior segurança, estabelecida pela presença do gerente), na rua há a observação por aqueles que fazem parte do universo de vivência das garotas como taxistas, conhecidos, garçonetes, amigos e pelas próprias garotas de programa. Dentro da perspectiva das meninas poderem optar pela “rua” ou pela “casa”, podemos desmistificar que o corpo da garota de programa não é tão alienado e vitimizado quanto parece, pelo contrário, diante das narrativas fica explícito que essas mulheres possuem a liberdade (pelo menos relativa) de transitarem nos territórios os quais elas acreditam que seja melhor para o seu desempenho profissional.

A partir dessa constatação, faz-se necessário reavaliar nossos olhares

⁷⁹ Espécies de seguranças, às vezes gerentes ou amigos das proprietárias das casas que ficam de prontidão caso aconteça alguma coisa como, por exemplo, um cliente que não queria pagar o programa ou a bebida que consumiu.

sobre as escolhas que as garotas de programa fazem entre os territórios que irão atuar. Essas preferências revelam que as meninas possuem uma autonomia em relação ao seu trabalho, seja no campo territorial de ação, ou nas formas de agenciamento de seus corpos. Seus corpos, assim, exprimem neles e com eles mesmos os territórios das relações sociais e sexuais, em identidades que se modificam a depender dos espaços que ocupam, pois, como é o nosso caso em análise, os corpos tomam dimensões diferentes se encontrados na rua ou se encontrados na Vila.

CAPÍTULO III

“Eu, Prostituta!” Território e identidade das garotas de programa

“Fica comigo essa noite e não te arrependerás. Lá fora o frio é um açoite, carinho aqui tu terás. Quero em teus braços, querida, adormecer e sonhar, esquecer que nos deixamos, sem querer nos deixar. Tu ouvirás o que eu digo, eu ouvirei o que dizes, fica comigo essa noite e então, seremos felizes⁸⁰”.

(“Fica comigo essa noite”. Adelino Moreira/ Nelson Gonçalves, 1961).

O presente capítulo tentará versar sobre a identidade das garotas de programa, levando em consideração seus aspectos simbólicos de representatividade. Tentaremos analisar a interação dos sujeitos no interior das casas de entretenimento noturno – na Vila das Garotas – e nos espaços de prostituição de rua, principalmente nas intermediações da Lanchonete Júpiter. Na concepção de Goffman (2011), ao analisarmos um indivíduo pelo prisma de sua interação com o meio onde atua, temos a possibilidade de compreender quais são os papéis que necessitam desempenhar como forma de garantir-se territorialmente. Em nossa análise, das garotas de programa em Rosana, o uso dos corpos é um instrumento essencial na busca do agenciamento de programas com o turista, pois seus corpos fazem parte dos jogos de seduções, *performances* criadas principalmente no cerne das casas de entretenimento noturno, como meio de atrair a atenção de clientes. Vale ressaltar que as “técnicas corporais”, utilizadas pelas garotas, revelam diferentes lógicas simbólicas concernentes ao uso dos territórios nos quais exercem a atividade sexual comercial.

Procuraremos analisar o papel da garota de programa em seus

⁸⁰ O leitor poderá ouvir a música acessando o link: <http://www.ouvirmusica.com.br/nelson-goncalves/47656/#mais-acessadas/47656>

territórios de atuação. Como se apropriam de tais espaços e quais são os aspectos simbólicos componentes em suas relações profissionais. Muito embora sejamos levados a pensar que os territórios de prostituição são lugares de hábitos totalmente desregrados, os trabalhos de campo demonstraram o contrário: as garotas de programa possuem um código de ética profissional, estabelecido entre elas regras que as permitem considerá-las como “profissionais do sexo”.

Outro aspecto importante para a análise condiz aos vínculos que são criados entre as garotas de programa e seus clientes. Vários foram os relatos de envolvimento mais duradouro, que se desdobraram em um romance, mesmo que a grandes distâncias, pois a maioria dos clientes mora em outras cidades. Nesses casos, o cliente se transforma em uma espécie de namorado (sempre casado e com filhos) que auxilia financeiramente a garota, e ela continua exercendo normalmente sua profissão. Esse fato ressalta para as mulheres o ideal de encontrar um homem que possa tirá-las desse ofício, para garantir-lhes uma vida melhor e a possibilidade de constituírem uma família. Porém, há depoimentos que relatam os traumas psicológicos que a profissão pode causar. Dentre alguns problemas citados encontram-se a descrença no “amor verdadeiro” e a perda de sentimentos de afetividade, conduzindo algumas garotas a optarem por não se relacionarem amorosamente com ninguém. Além disso, ainda existe a racionalidade em tentar separar o “corpo-afeto” do “corpo profissional”; neste momento, mesmo que a garota sinta qualquer afinidade sentimental para com o cliente, obriga-se a conceber que é apenas uma “prestadora de serviços” por tempo limitado, portanto, sua relação com o cliente se restringe ao âmbito mercantil de seu corpo.

No tocante ao estigma, tanto as garotas de programa quanto a proprietária Luiza sofrem por ter escolhido a profissão que exercem. É o que Goffman (1963) denomina de “culpas de caráter individual”. Luiza nos contou que vinha se sentindo deprimida, culpando-se em viver da mercantilização dos corpos de outras mulheres. Para tentar aliviar o peso de sua consciência, desde o final de 2011 começou a frequentar a Igreja Mundial do Reino de Deus, e tenta tratar suas meninas da melhor forma possível. Assim, com o estigma de garota de programa, essas mulheres, principalmente as que

residem nas casas da Vila das Garotas, tentam omitir sua condição para que possam ser aceitas por seus familiares, filhos e pela sociedade. Elas vivem em um constante paradoxo, pois têm que conviver com os estigmas criados por setores da sociedade que entendem que a venda dos corpos transgride a regra da normatividade; em contrapartida, as garotas dizem que não podem ser julgadas porque estão trabalhando, enquanto outras mulheres saem com vários homens apenas por divertimento. Ainda, parece que assimilam para si os estigmas que recaem sobre sua profissão, exprimindo tal sentimento ao dizerem que “*esse dinheiro é amaldiçoado*”, porque quase não conseguem comprar nada e quase não conseguem suprir suas necessidades pessoais. Os fragmentos das narrativas apresentaram características semelhantes quanto à ordem temporal dos caminhos trilhados por essas mulheres: desestrutura familiar, abuso sexual por parte de pessoas próximas e abandono e baixa renda são contextos e situações presentes em suas vidas.

Quanto às trajetórias de vida, iremos nos pautar na história da proprietária da Casa Amarela, Luiza. Por meio de suas narrativas tentaremos analisar como uma garota de programa consegue certa ascensão social, ou seja, como Luiza, que começou a se prostituir aos treze anos de idade, agora (2012), com cinquenta e dois anos, conseguiu criar seus filhos com a prostituição e tornou-se a proprietária de uma das casas na Vila das Garotas.

Além dos apontamentos mencionados acima, será pertinente considerar que uma garota de programa não exerce sua função de profissional do sexo o tempo inteiro, portanto, essas mulheres acabam por estabelecer uma relação fronteiriça entre o uso de seus corpos e seus aspectos simbólicos no que concerne ao seu cotidiano, seja enquanto profissional ou enquanto ao papel que desempenham entre seus familiares, seus filhos e suas vidas pessoais. No sentido da pesquisa, partiremos do pressuposto de que essas mulheres não exercem somente uma atividade, mas várias, pois seu cotidiano não se restringe somente ao universo da prostituição e à atividade de prostituir-se, necessitando, assim, assumir diferentes identidades nos espaços que transitam.

3.1 O Corpo como instrumento de trabalho e o quarto como espaço de ofício

As várias maneiras de viver o prazer, de desejar o outro não inserido em padrões da normatividade, não deixam de ser desejos sugeridos e promovidos socialmente, sejam eles aceitos ou não por um determinado grupo social. A forma pela qual os indivíduos procuram “saciar” seus desejos mais íntimos podem esbarrar em normas de condutas, que muitas vezes são renovadas e reguladas por uma determinada forma de pensar, ou até mesmo condenadas ou negadas por uma parte da sociedade.

Ao trabalhar com a temática sexual, vários são os assuntos que a envolvem. Não podemos reduzir sua discussão a uma mera questão pessoal ou de ordem econômica. Quando penetramos no universo das mulheres que exercem a atividade comercial sexual, percebemos que os fatores que as levaram a se tornar garotas de programa são complexos e produzem discussões que envolvem esferas socioeconômicas, políticas e simbólicas dos sujeitos nelas inseridos.

Podemos entender que a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções [...]. Processos profundamente culturais e plurais. Nessa perspectiva, nada há de exclusivamente “natural” nesse terreno, a começar pela própria concepção de corpo, ou mesmo de natureza [...] os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição dos gêneros – femininos ou masculinos – nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade – das formas de expressar os desejos e prazeres – também são, sempre socialmente estabelecidas e codificadas (LOURO, 2000, p. 5).

Diante da complexidade da temática discutida, não é possível criar um debate sobre os diversos conteúdos que envolvam a prostituição sem dar relevância ao uso do corpo e, nesta perspectiva, podemos refletir acerca dos territórios da prostituição em Rosana, que se configuram também através da forma como as garotas de programa fazem o uso de seus corpos. Serão esses corpos que irão expressar os aspectos simbólicos que caracterizam as identidades que instituem os territórios do prazer rosanense.

Rodrigues (1979) considera que o corpo é um objeto cognitivo e pode

expressar “aspectos instrumentais”, dando a noção da serventia do corpo, e “aspectos expressivos” de comportamento, exprimindo os aspectos simbólicos do sujeito, ou seja, a maneira pela qual o indivíduo transmite corporalmente suas intenções. Mauss (2003, p. 420) aponta que esses aspectos “[...] são mais ou menos habituais e mais ou menos antigos na vida do indivíduo e na história da sociedade”.

Neste sentido, mesmo que os sujeitos assumam um certo caráter natural, biológico e universal dos corpos, qualquer observação mais precisa a seu respeito não o destituirá de sua condição social, formada temporalmente através de influências institucionais, familiares e por outros aspectos sociais e culturais do meio o qual sofreram influências.

O corpo porta em si a marca da vida social, expressa-o a preocupação de toda sociedade em fazer imprimir nele, fisicamente, determinadas transformações que escolhe de um repertório cujos limites virtuais não se podem definir. Se considerarmos todas modelações que sofre, constataremos que o corpo é pouco mais que uma massa de modelagem à qual a sociedade imprime formas segundo suas próprias disposições [...]. Em cada sociedade poder-se-ia levantar o inventário dessas impressões-mensagens e descobrir-lhes o código: bom caminho para se demonstrar, na superfície dos corpos, as profundezas da vida social (RODRIGUES, 1979, p. 62-63).

Essas impressões são emitidas por meio dos corpos das garotas de programa, principalmente quando estão exercendo seus ofícios, pois seus corpos são utilizados nos jogos de seduções ao projetarem-se para seus possíveis clientes. O jeito como andam, vestem-se, maquiam-se e olham para os clientes está totalmente ligados às “técnicas do corpo”, desenvolvidas por elas para alcançar um objetivo, neste caso, fazer um programa e obter o pagamento, e também, em alguns casos, presentes.

Ao tratarmos das formas como as garotas adornam seus corpos, podemos verificar uma diferença quanto ao modo de se vestir entre as “garotas da vila” e as garotas de programa que trabalham na rua – Lanchonete Júpiter. As primeiras se vestem de uma forma muito mais provocante; geralmente usam vestidos justos de *lycra*, ressaltando as curvaturas das nádegas, seios e cintura. As cores são sempre vibrantes: vermelho, verde, amarelo, pink, e

raramente utilizam o tom preto. Esses trajes são usados por todas as mulheres, independentes da idade, estatura e peso. As garotas que estão “fora do peso”, ou seja, que não são “magras” demonstram uma preocupação com seu aspecto físico, mas isso não as isenta de se vestirem com roupas justas⁸¹. Os sapatos de saltos altos exprimem aos corpos uma certa elegância, e dão a impressão do prolongamento das pernas, realçando seus contornos. As maquiagens sempre enfatizam os olhos e boca, por estes órgãos serem os principais emissores de significados e expressões faciais no que concerne ao campo da sedução e do erotismo. Juntamente a essas técnicas corporais, interliga-se os conjuntos de gestos e a forma como as garotas andam, elementos importantes na postura corporal utilizados como “métodos” de chamar a atenção e atrair clientes.

O ambiente da casa noturna remete a garota de programa a um espaço de segurança e de ocultamento de sua identidade. Nesta perspectiva, a garota de programa pode desempenhar suas *performances* com uma maior autonomia. No salão podem fazer *strip-tease*, sexo explícito, dançar sensualmente, sempre valorizando o corpo e o erotismo, “namorar” o cliente nos sofás e muito, muito mais... Caso estejam desacompanhadas, podem representar uma dança na frente de um espelho, atraindo assim a atenção de todos que estejam no salão e, principalmente, despertar o desejo dos homens que não optaram ainda por um programa. Existem clientes que frequentam a Casa da Luiza mas nem sempre chegam em busca de um programa. Vão até lá porque já conhecem as meninas, que em outros momentos possam ter realizado um programa com elas e, por isso, passaram a estabelecer algum tipo de amizade, tornando-se assim uma espécie de “amigo”. Portanto, o bar torna-se um lugar da casa propício a ser frequentado pelos clientes para se distraírem, tomar um *drink*, olhar as garotas e “jogar conversa fora”. A foto 36 (p.127) abaixo representa dois clientes que frequentam a casa de Luiza, ora para estar em companhia de uma garota, ora para entreter-se com alguém que esteja sentado no bar, com uma garota, com outro cliente ou mesmo com o

⁸¹ Luiza nos disse que ela tem vários clientes que preferem as mulheres mais “cheinhas”, e que nem sempre os homens vão até sua casa à procura de um corpo perfeito, mas vão em busca de realizarem desejos que não conseguem concretizar com suas esposas.

gerente da casa.

Foto 36 - Clientes no bar da Casa da Luiza



Juliana Maria Vaz Pimentel (trabalho de campo, 01/09/2012)

Já as garotas de programa que exercem suas atividades na rua vestem-se⁸² de uma maneira diferente em relação às meninas da Vila das Garotas. Não que as roupas deixem de ser insinuantes, mas os modelos são outros. As garotas de programa que frequentam a Lanchonete Júpiter utilizam trajes colantes que delineiam os corpos. Geralmente usam calças compridas sempre coladas ao corpo, com cós baixo. Os sapatos de salto alto são evidentes. As camisetas e blusas utilizadas também marcam os contornos do corpo e os decotes ressaltam os seios; a opção pelas camisetas curtas faz-se notória, pois deixam o corpo mais em evidência, e a utilização de adereços dá um retoque final nos modelos utilizados. A maneira como as garotas expõem seus corpos aos olhares dos turistas, culmina no mesmo sentido da importância que Goldenberg (2006) dá ao corpo:

Pode-se pensar, neste sentido, que, além do corpo ser muito mais importante do que a roupa, ele é a verdadeira roupa: é o corpo que deve ser exibido, moldado, manipulado, trabalhado, costurado, enfeitado, escolhido, construído, produzido, imitado. É o corpo que entra e sai da moda. A roupa, neste caso, é apenas um acessório para a valorização e exposição deste corpo [...] (GOLDENBERG, 2006, p. 118).

⁸² Nos trabalhos de campo, chegamos a encontrar garotas vestidas com roupas insinuantes como às das garotas da casa, mas a proporção desse tipo de vestimenta é bem inferior ao das meninas que trabalham na Vila das Garotas.

Enquanto as garotas das casas de entretenimento noturno utilizam maquiagens carregadas, na rua existem aquelas que as utilizam e outras não. Na rua é perceptível a diferença entre a maneira como as garotas se vestem. Existem aquelas que usam trajes e maquiagens extravagantes, mas também mulheres vestidas com roupas e sapatos simples. Isso nos dá indícios das diferenças sociais existentes⁸³ entre elas.

A maneira como as garotas se vestem faz total diferença na rua, pois os programas são cobrados também de acordo com os gastos das garotas em relação às indumentárias, sapatos e cabelereiro. Aliás, quando as garotas se atentam para as roupas que outras garotas de programa estão usando, logo falam entre elas coisas como, “*aquele sapato deve custar um programa, aquela calça dois programas*”; esse tipo de fala entre as “meninas” possibilita pensar que o programa pode ser considerado uma “moeda de troca”, mesmo que simbólica, pois elas sabem quantos programas terão que realizar para comprar a calça, sapato ou a blusa almejada naquele momento.

Existe um padrão quanto o valor do programa, que então (2012) girava em torno de cento e cinquenta a duzentos e cinquenta reais, porém, em época de baixa temporada, esse valor pode diminuir e, ao contrário, em períodos de alta temporada pode chegar a setecentos reais – dependendo da garota e do cliente, o valor pode chegar a mil reais.

No decorrer do trabalho de campo nos encontramos com Beta, uma garota que trabalhava na rua, mas seu ponto de trabalho não era na Lanchonete Júpiter, e sim na praça que encontra-se logo em frente. Essa praça contém vários “boxes” que ficam abertos até aproximadamente a meia noite. Esse local é frequentado por diversos munícipes, inclusive famílias que levam as crianças para brincar em brinquedos infláveis que são expostos nas sextas-feiras, após as dezenove horas. Nestes dias, até a meia noite, podemos verificar um agrupamento de pessoas que exercem diferentes tipos de profissões. Porém, os cidadãos que estão na praça de alimentação raramente atravessam a rua para irem à lanchonete, enquanto as garotas de programa transitam tranquilamente entre um e outro lado da rua.

⁸³ Essa situação não é perceptível nos espaços das casas de entretenimento noturno.

Foto 37 - Praça de alimentação no centro de Rosana



Juliana Maria Vaz Pimentel (trabalho de Campo, 20/05/2011)

Até nosso primeiro contato com Beta, não sabíamos que na praça de alimentação também existia ponto de prostituição, por isso perguntamos a ela⁸⁴ os motivos que a levavam a fazer programa ali e não na lanchonete:

Eu não faço programa lá na Júpiter porque tenho vergonha. Eu não tenho dinheiro para me vestir igual às outras mulher. Eu já tentei fazer programa lá, mas não dá não, eu não me sinto bem. Eu não tenho nem roupa pra frequentar lá, se vou lá com a roupa que uso, parece que toda elas fica me olhando. As mulher que frequenta a Júpiter tem dinheiro pra comprar roupa boa, sapato bom, bonito e sempre tão com o cabelo arrumado. Ali não é pra mim não, é por isso que eu fico aqui na praça. Aí eu saio mais com homem daqui do município mesmo, homem que não tem dinheiro igual turista. Daí eu cobro cinquenta reais e reclamam que tá caro, quando eu preciso mesmo e os home não qué pagá cinquenta eu faço por trinta reais. É pra eu te o que comê, pagá minha água e luz. É muito difícil, e o povo ainda fala que essa vida é fácil. Além de saí com o home por trinta reais ainda, tenho que trazê ele pra dentro da minha casa. Eu não quero mais isso pra mim não. Outro dia, levei um lá em casa que me roubô, eu queria era um emprego de verdade, não gosto de fazê programa não, mas não tô conseguindo emprego em canto nenhum, tá tudo muito difícil (Beta, entrevistada em 01/10/2012).

Beta nos disse também que havia outras mulheres⁸⁵ que também trabalhavam nas mesmas condições que a sua, mas que não tinha amizade

⁸⁴ Neste dia tivemos a oportunidade de levar Beta (de 27 anos) até sua residência e conhecemos sua casa. A casa localizava-se em um bairro afastado do centro, a princípio nem número havia nela. Beta reclamou que isso dificultava sua vida, principalmente pra marcar os programas. A casa era muito simples, sem reboco, chão de “terra batida”, telhado de “brasilit” e sem forro. Beta disse ter vergonha de morar lá e ainda depender de seu pai, pois era ele que mandava dinheiro para o pagamento do aluguel.

com nenhuma delas⁸⁶. Disse-nos, ainda, que havia mulheres fazendo programa por vinte reais e ela não concordava com isso, pelo fato de se sentir muito humilhada em fazer programa a esse preço.

Através da fala de Beta, pudemos verificar que os territórios da prostituição de rua no município de Rosana podem compreendidos como territórios definidos e delimitados por relações de poder e de domínio, havendo assim uma segregação espacial, uma fronteira, que delimita os espaços entre as garotas de programas de “médio-luxo”⁸⁷ e as de “baixo padrão”. As garotas de programa com possibilidades financeiras para frequentar salão de beleza e adquirir roupas e sapatos da moda, exercem por meio de seus corpos uma relação de poder e domínio sobre os espaços os quais fazem ponto e, assim, acabam por destacarem-se mais em relação às garotas de programa que não possuem poder aquisitivo para acompanhar a moda.

[...] os homens têm poder de centralidade na formação de cada território: cristalizando relações de influências afetivas, simbólicas, conflitos, identidades, etc. Tanto os processos identitários como os conflituosos e transformativos são históricos e relacionais e, ao mesmo tempo, materiais e imateriais. A própria identidade é substantivada por relações desiguais e por diferenças [...]. A territorialidade é um fenômeno social que envolve indivíduos que fazem parte do mesmo grupo social e de grupos distintos. Nas territorialidades, há continuidades e descontinuidades no tempo e no espaço; as territorialidades estão intimamente ligadas a cada lugar: elas dão-lhe identidades e são influenciadas pelas condições históricas e geográficas de cada lugar (SAQUET, 2009, p.85-88).

Ao observar o movimento das garotas de programa na lanchonete Júpiter, pudemos verificar que as territorialidades presentes nas ruas da lanchonete são marcadas por relações de desigualdades, principalmente no que tange a um fator fundamental para a garota de programa, a roupa: esse

⁸⁵ Além de Beta, outras garotas nos disseram existir mulheres e adolescentes que se prostituem em troca de lanche e comida. A exploração sexual infanto-juvenil é algo corriqueiro no município e está longe de terminar. Um morador nos disse que é normal encontrar menores nos ranchos.

⁸⁶ Nos trabalhos de campo realizados na rua, não conseguimos encontrar outras mulheres que faziam ponto na praça em frente à lanchonete.

⁸⁷ Termo utilizado pelas garotas de programa de rua para diferenciá-las das garotas de luxo de alto padrão: “*garota de luxo é quando você encontra um magnata e ele te põe lá em cima e você vira madame, ele te dá carro, joia, paga curso...*” (Pamela, entrevistada em 22/02/2012).

questo é decisivo para que a garota de programa se sinta à vontade em dividir o mesmo espaço com outras garotas.

Os pontos de prostituição de rua em Rosana configuram territórios construídos através das identidades e das condições sociais das garotas que os utilizam como forma de ganharem dinheiro. Neste sentido, a rua torna-se uma dimensão material das relações sociais num dado momento e acabam por revelar a apropriação dos corpos sobre o lugar, pois esses darão visibilidade aos gestos, olhares, formas de se vestir, andar, conversar, podendo, assim, expressar indiretamente as diferenças sociais existentes entre os grupos que fazem de seus corpos mecanismos de rendimento econômico.

Enquanto Beta, por sua condição social e pela comparação que faz entre ela e as outras garotas que frequentam a Lanchonete Júpiter, sente-se mais à vontade em frequentar o “lado de lá” da lanchonete, com seus programas de mais ou menos cinquenta reais em sua própria casa, a realidade das garotas que frequentam a lanchonete⁸⁸ é bem diferente:

Quando a gente vai para os ranchos na sexta e no sábado, se a gente quiser fica tomando banho de piscina, comendo do bom e do melhor, cerveja boa, uísque da melhor qualidade, fica curtindo uma música, e se o cara gosta de você ele paga os três dias. O pacote sai por quinhentos a seiscentos reais e é livre. A gente não gasta com nada, nem com táxi ou eles pagam pra gente ou eles mesmo vêm trazer a gente. Se bobeá rola até um presentinho, rola até de mandar uma grana depois. Se rolar um namorinho o cara te manda dinheiro pra você ir pra lá, na cidade dele, pra você ficar no hotel pra ele te ver. Eles tratam a gente como se fosse damas, eles tratam a gente super bem, como se fosse a verdadeira namorada deles (Crismar, entrevistada em 22/01/2012).

Por esta fala de Crismar fica explícito que existe uma segregação territorial e social nos espaços onde ocorre a prostituição de rua e àquela das casas noturnas e dos ranchos. Para que Beta consiga realizar seus programas, ela leva seus clientes à sua casa, sujeitando-se, assim, a várias situações de risco. No caso das garotas que frequentam a Júpiter, as relações estabelecidas

⁸⁸ Segundo informações dadas pelas garotas de programa a Lanchonete Júpiter, a Choperia Júpiter e a Tenda são lugares de referência para os homens que procuram algum tipo de entretenimento sexual. Mas a atividade sexual comercial ocorre em vários pontos da cidade, “estão espalhados pela cidade toda”, como nos disseram algumas garotas (mesmo sem apontar quais eram estes outros lugares). Podemos compreender essa informação pelo fato dos ranchos estarem espalhados por todo o município de Rosana.

entre elas e seus clientes diferem-se das condições de Beta. Segundo uma garota de programa, ao se referir ao seu trabalho no rancho, disse “*unir o útil ao agradável*”, ou, em outras palavras, “*eu trabalho ao mesmo tempo que festo, ganho dinheiro, sou bem tratada, como comida da melhor qualidade e rola até uns presentinhos depois*”.

Para que consigam atrair clientes, são muitas as estratégias utilizadas pelas garotas de programa. Quando estão na rua à procura de um cliente desenvolvem diferentes performances corporais. A primeira delas é transformar a rua em uma passarela, desfilando e exibindo seus corpos. Caso algum homem se interesse por alguma “garota”, logo a chama para sentar junto a ele na mesa e começa a pagar a bebida de sua preferência. É muito raro ver um homem sozinho sentado na mesa da lanchonete. Geralmente, os turistas frequentam esses lugares acompanhados por amigos. Quando uma mulher senta-se ao lado de seu pretendente, logo os outros a interpelam sobre suas amigas. Então, essa garota chama as amigas mais próximas e aí ocorrerá a negociação do valor do programa e os serviços oferecidos pela profissional do sexo.

As garotas de programa também nos disseram que é frequente um cliente estar com uma garota (sem ter fechado o negócio) e quando outras amigas chegam à mesa, pode acabar por escolher outra delas. As garotas nos explicaram que essas trocas estão relacionadas ao tipo do “papo” da garota, se ela é carinhosa e ao mesmo tempo sensual, se sabe tratar bem seu cliente, se é atenciosa; assim, outra tática de sedução realizada pelas garotas refere-se ao diálogo.

A princípio, as garotas procuram conversar os assuntos tratados pelos turistas. Depois de escolhidas, são elas que dão sentido e a direção das conversas, direcionando-as para uma fala mais íntima, com trejeitos sensuais e com demonstrações de afeto. Já as garotas da Vila ficam com seus corpos mais expostos, como se estivessem em uma vitrine, e quando passa um possível cliente na frente das casas articulam frases “diretas”⁸⁹ e insinuantes. Quando os clientes entram na casa, as garotas utilizam o diálogo como uma

⁸⁹ Esse termo refere-se ao que as garotas fazem com os clientes caso entrem na casa.

estratégia de sedução.

Durante as observações de campo, verificamos que as garotas da rua percebem a Lanchonete Júpiter, a Choperia Júpiter e a Tenda Danceteria como ambientes comuns de trabalho, portanto, lugares normalizados como qualquer outro local. Esses espaços são dotados de relações sociais, havendo assim redes de intriga, rivalidades, afinidades, respeito e amizade. Esses tipos de relações e sentimentos fazem-se perceptíveis através das falas das garotas. Os laços de afinidades e amizades ficam explícitos através das redes de pessoalidades que se configuram também pelo uso do telefone celular. Quando as garotas estão na Júpiter e surge a oportunidade de realizarem os programas nos ranchos, e se neste momento não há número suficiente de mulheres para cada homem, estes pedem para que as garotas chamem suas amigas e marquem um horário para que elas estejam no rancho. Assim, cada garota de programa procura chamar outras garotas com algum tipo de ligação em seu cotidiano.

Outro dia um cliente antigo, amigo meu, veio passar o feriado aqui e estava na pousada tal com mais sete amigos, aí ele me ligou perguntando se eu já tinha alguma coisa pra fazer naquela noite, aí eu disse que não. Aí ele falou pra eu arranjar mais seis meninas, pegar um táxi e ir para lá. Aí eu liguei pras meninas que eu sei que não iam fazê eu passar vergonha, né? E fomos todas pra lá na mesma hora. Era um monte de mulher descendo dos dois táxi, fora a mulherada que já estava lá com outros turista (Giovana, entrevistada em 09/03/2012).

A mesma entrevistada nos relatou que entre as garotas de programa que fazem ponto na Lanchonete Júpiter não existe uma rivalidade pelo local de trabalho, mas existem intrigas entre elas no que condiz à uma certa “ética profissional” (nos termos usados por Giovana). Existe uma relação de respeito entre as garotas enquanto profissionais do sexo. Entre elas, são consideradas profissionais aquelas que conquistam seu território por si só e que desempenham um bom trabalho, não abusando da boa vontade do cliente, portando-se educadamente ao lado deles, que não sejam arrogantes e que respeitam o trabalho das outras garotas, principalmente quando suas companheiras de trabalho já negociaram o programa com um cliente.

Eu não furo o olho de ninguém. Se eu chegar aqui e você tiver acompanhada, eu respeito. Só que tem menina que puxa papo

e dá entrada. Eu não faço isso com ninguém. Que nem tipo, nós tamo aqui e você vai pro banheiro e eu queimo o seu filme com o cara ou dô entrada pra ele fazê o programa comigo. Se a menina fica sabendo, nunca mais ela olha na sua cara e você ainda se queima com as outras (Giovana, entrevistada em 09/03/2012).

Existe uma preocupação entre as garotas em relação às indicações que elas fazem aos clientes. Quando um cliente antigo chega à cidade e liga⁹⁰ para a garota querendo negociar um programa e ela já está acompanhada, a mesma faz uma indicação. Essa garota liga para outra de sua confiança pedindo que entre em contato com o cliente. Em uma breve indicação a garota responsável pelo contato pode ter dois tipos de responsabilidade: a primeira, indicando uma garota profissional para seu ex-cliente, pois caso contrário ela estará expõe negativamente a sua imagem diante do cliente, que poderá não procurá-la mais, além da garota que foi indicada ser “mal falada” – entre os clientes – e não poder mais frequentar ranchos, inclusive com outros turistas.

Eu só indico menina que eu conheço mesmo, que sei que é ponta firme, profissional mesmo. Porque se não o turista vai falar que eu pisei na bola com ele, e corro o risco dele não querer mais fazer nenhum programa comigo, vai que ele acha que eu sou igual a outra que aprontou com ele? Cada uma é cada uma e eu procuro ser a mais profissional possível. [...] Outro dia a fulana foi fazê um programa num rancho lá embaixo, bebeu todas e ficou com ciúme de uma outra garota que tava com um cara que ela queria ficar. A fulana fez o maior barraco, quebrou tudo, xingô todo mundo, foi a maior baixaria. Os turista fico tudo com medo, um deles colocô ela no carro e levô embora. Sabe o que aconteceu? Já tem um monte de turista sabendo o que ela aprontô e agora ela tá proibida de entrá naquele rancho quando o cara tivê lá. Fora que menina nenhuma indica mais ela pra nada (Giovana, entrevistada em 17/02/2012).

O segundo fator de responsabilidade quanto à indicação refere-se ao cliente. Para ser considerado um bom cliente este deve ter as seguintes características: respeitar a garota de programa quanto à prestação de seus serviços, fazer o pagamento correto, de acordo com que foi estabelecido pela garota, ser educado, tratar bem e dar presentes. Esses são os critérios que fazem com que esse tipo de turista seja alvo de disputa entre as garotas de programa. Foram poucas as reclamações quanto ao desrespeito ou qualquer

⁹⁰ Em vários casos os clientes mais antigos já ligam e fecham o pacote com as garotas de sua preferência, muitas já se tornaram amigas ou já realizaram um programa antes.

forma de violência feita por parte dos turistas.

Muitas vezes pudemos perceber que existe um código de ética profissional entre as garotas de programa que trabalham na rua. A grande preocupação entre elas é a preservação de suas imagens em relação a seu profissionalismo, algo bem contraditório se pensarmos no âmbito dos estigmas que essas garotas carregam em seu cotidiano.

Foi consenso entre as entrevistadas dizerem que se recusam a fazer programas com turistas embriagados, *“eles sempre dão problema, principalmente na hora de pagar, falam que não era aquilo que foi combinado”*, disse Crismar. As garotas também disseram não fazer uso de drogas, consomem somente bebidas alcoólicas e cigarros, mas afirmaram que existem garotas que usam. A maioria das mulheres apontadas que frequenta a Lanchonete Júpiter não consome drogas, porém enfatizaram que existem meninas novas que fazem programa para sustentar o vício, mas que não frequentam aquele lugar. Na Vila das Garotas, especificamente, na Casa da Luiza, é expressamente proibida a entrada e o consumo de drogas: *“eu não posso controlar o que minhas mulheres usam, mas elas sabem que eu sou totalmente contra; aqui dentro da minha casa, não, mas lá fora eu não posso controlar”*, disse-nos Luiza.

Luiza sempre demonstrou-se muito taxativa quanto a não querer o uso de drogas dentro da sua casa. Já as garotas de programa de rua nos disseram não fazer uso de drogas, mas foi consenso entre as garotas dizerem que consomem bebida alcoólica, principalmente em certos casos para evitar a repulsa e facilitar a “entrega de seus corpos” na realização dos programas. Todas as entrevistadas, sem exceção, se entorpecem de bebidas alcólicas e nos disseram que são várias as situações que precisam do álcool para conseguir realizar o programa, como nos disse uma garota de programa da Casa da Luiza: *“aqueles clientes que tão sujos eu entro no quarto e a primeira coisa que faço é convidar ele pra tomar um banho, e dô um banho de cabo a rabo, aí eu faço o programa”*. Antes de irem para o quarto, as garotas procuram tomar o máximo de dozes possíveis de bebida, como *uísque*, por dois motivos: o primeiro deles é que recebem uma porcentagem pelo consumo de bebidas;

e, o segundo, pelo fato de se sentirem mais estimuladas para concretizarem os programas.

Como forma de assumirem totalmente o papel da garota de programa, que, como parte da *performance* está a “mulher alegre”, “carinhosa”, “sensual”, “boa de cama” e destituída de qualquer problema financeiro e emocional, as garotas criam estratégias para amortizarem o que realmente sentem na hora do programa. Nos relatos que foram mencionados a dor física, a ojeriza ao cliente e sentimento de culpa, entre outros. A primeira estratégia consiste em fazer com que o cliente consuma o maior número de bebida alcóolica possível. Foram várias as vezes que pudemos observar as garotas jogando bebida do seu copo no do cliente, para que o mesmo pudesse consumir mais doses, dessa forma, elas fingem estar o acompanhando⁹¹ na bebida e lucram mais com a porcentagem das doses, sendo também uma maneira dos homens, na hora do programa, chegar ao “clímax” mais rápido. A segunda estratégia é que, dependendo do grau de alcoolismo do cliente, ele vai para o quarto sem condições de se lembrar do que aconteceu e, em certos momentos, a situação do cliente é tão lastimável que as garotas cospem dentro da camisinha, e no “final” do programa mostram a ele, como forma de o enaltecer e comprovar que o programa realmente foi concluído. Luiza nos contou que quando ainda era garota de programa, conseguia realizar dois programas ao mesmo tempo:

Eu era muito rápida mesmo, naquela época eu tinha pique. Teve dias que quando eu já conhecia o cliente e sabia que ele não aguentava bebê muito, eu ia lá, fazia umas graças e fazia ele bebê bastante, aí levava ele pro quarto e ele dormia, enquanto isso eu voltava pro salão e ficava com outro cliente (Luiza, entrevistada em 01/09/2012).

Muitos dos clientes que chegam ao quarto extremamente embriagados, quando recuperam a consciência dizem não terem concluído o programa, por isso as garotas procuram fechar o negócio antes que eles percam a noção do combinado. Nos trabalhos de campo na Casa da Luiza não verificamos esse tipo de comportamento por parte dos clientes, ao contrário, nos dias em que estivemos na casa todos os clientes pagaram corretamente os programas e as dozes de bebidas consumidas. Presenciamos até um cliente muito antigo da

⁹¹ Querubim, ex-gerente da casa da Luiza, nos relatou que muitas garotas de programa acabam tornando-se alcóolatrás, pelo constante e excessivo consumo de bebida alcóolica.

casa gastar, em apenas dois dias, aproximadamente seis mil reais, e pedir o número da conta bancária de Luiza para realizar o depósito, assim que retornasse à sua cidade. Geralmente, as contas mais altas são pagas através de cartão de crédito na opção “débito” (a opção “crédito” não é aceita). Valores inferiores a seiscentos reais geralmente são pagos em dinheiro.

São vários os perfis dos clientes que chegam em busca de entretenimento sexual. Antes de levar os clientes para o quarto, as garotas fazem um acordo prévio com cada um deles estabelecendo o tempo do programa, o valor a ser cobrado e os tipos de serviços que serão prestados. As garotas de programa disseram que os fatores que podem explicar a presença de um público masculino, casado, com filhos e netos, com faixa etária entre quarenta a sessenta anos, seriam desde a solidão até as fantasias que não podem ser realizadas com suas respectivas esposas. Dentre esses fetiches, encontram-se o aumento do número de clientes que pedem para ser artificialmente penetrado por elas. Existem clientes que simplesmente querem alguém para ouvi-los. Algumas garotas de programa, tanto da Vila como da rua, nos relataram já ter realizado vários programas sem ter que fazer sexo com o cliente:

Um dia, o cliente, depois de ficar um tempo conversando no salão comigo, resolveu comprar um litro⁹² de uísque e alugar o quarto para passar a noite toda comigo. Eu até tinha achado o cara interessante, o papo dele era muito legal. Aí fomos pro quarto, eu passei a noite inteira bebendo uísque com água de côco com ele e não precisei transar com ele. Ele ficô falando dos problemas que tinha com a mulher e na sua empresa. No outro dia, já amanhecendo, pagou toda a despesa e foi embora, e pagô o valor a mais do que era o estabelecido pelo meu programa. Aquele dia o dinheiro entrô facinho (garota de programa da Vila, entrevista realizada em 18/05/2012).

As garotas foram unânimes em afirmar que preferem fazer programas com clientes que no momento não estão interessados em sexo, e sim somente uma companhia, par que possam ouvir os problemas que eles (clientes) não estão dispostos a dividir nem com os amigos, apenas com elas.

Eles procuram a gente porque eles sabem que a gente não vai sair por aí contando pra todo mundo, e outra, a gente não fica

⁹² O litro de uísque na casa da Luiza tinha o preço de aproximadamente quinhentos reais (em 2012).

dizendo se ele tá certo ou errado. Eu procuro falar o que ele tá precisando ouvir naquele momento, sabe? Aí rola até um carinho, mas nada mais que isso, o cara veio mesmo é pra poder desabafar, acho que é a solidão que faz isso também, porque tem muito homem casado que tem uma relação péssima com a mulher, vive só brigando, não tem conversa não, aí quem é que aguenta, né? (garota de programa da Vila entrevista realizada em 17/02/2012).

Já fiz bastante programa onde não precisei fazer sexo com o cliente. Teve uns que me procuraram só para levar na casa de amigos ou em festas e me apresentar como namorada. Teve outros que pagaram o programa só pra eu acompanhá-los em jantar e outros também que só quiseram desabafar, aí se todo programa fosse assim, eu nem ia querer sair dessa vida. Eu acho que a gente é meio psicóloga também, sabe? A gente acaba ouvindo um monte de problema deles também, é problema de tudo quanto é tipo, mulher, filho, trabalho e até mesmo uma desilusão amorosa que fez com eles não quisesse mais ter uma namorada... (garota de programa de rua, entrevista realizada em 27/01/2012).

Por meio das narrativas das garotas de programa é possível perceber que uma das funções que também compete às profissionais do sexo é a de exercer o papel de confidente do cliente, em momentos em que este possa estar passando por um momento de crise no trabalho, em família e até mesmo vivenciando um conflito pessoal.

É normal nas casas de entretenimento da “Vila das Garotas” chegar grupos de turistas e pedir para que uma garota faça um *strip-tease*; nesse caso, o grupo de homens escolhe a garota e ela cobra o valor que julgar cabível para o momento, pelo tempo de meia hora. Outro fato que pudemos acompanhar foi a *performance* do sexo explícito. Quando essa “atração” ocorre, o grupo de turistas opta pela garota que irá fazer o sexo com um dos integrantes do grupo. Nesse momento, a casa é fechada por meia hora e todos que estiverem em suas dependências poderão assisti-la, propiciando, assim, um prazer coletivizado. Os turistas que chegarem neste momento terão que aguardar do lado de fora da casa até que a encenação se finde.

Muitas vezes pudemos vivenciar diferentes representações que uma garota de programa exerce em seu ofício. Ela pode obter pagamentos através das doses consumidas com os clientes, de atrações como *strip-tease* e sexo explícito e, por fim, por meio do programa que ocorrerá nos quartos. Em meio a

todas essas técnicas de representatividade exercidas para garantir a qualidade de seu trabalho ao “outro”, essas garotas deixam seus anseios mais íntimos amortizados para propiciar todos os tipos de prazer. Porém, quando dialogamos com essas garotas no salão da Casa da Luiza ou nas mesas da Lanchonete Júpiter, em horário de trabalho ou não, as mesmas demonstraram possuir o sonho de encontrar um marido e poder se casar e cuidar de seus filhos, que estão, muitos deles, sob a tutela de um parente ou babá. Mas esse sonho, ao mesmo tempo, misturava-se a sensações de não querer mais nenhum tipo de relação afetiva, tendo apenas a certeza de tentar conseguir dinheiro para sustentar seus filhos e ficar próximas a eles.

Eu tô traumatizada, não quero mais me apaixonar! Teve um monte de cliente que gostou de mim, que me liga e fala que tenho que abrir meu coração, que estão apaixonados. Eu não acredito em ninguém que liga e fala que tá apaixonado, que tá com saudade. Eu falo: para! Eu não quero ouvir isso não! Ele tem a família dele. Eu sei que eles não vão largar a família não! Os cara fala, você tá com o coração muito fechado, você é muito dura, mas eu sei que vou sofrer de novo, então eu prefiro que seja assim... Meus clientes são todos casados e até já são avô. Mas bem que poderia aparecer um cara legal e que me tirasse dessa vida, né? Aí eu vou me iludir? Eu não quero isso pra mim! Eu só quero dinheiro pra pode cria meu filho (Giovana, entrevistada 09/03/2012).

Quando eu trabalhava no começo do ano na Favorita, eu falava para gerente de lá que eu não ia me apaixonar não. Mas agora que eu tô aqui na Luiza eu encontrei um cliente que me apaixonei, eu não queria que isso acontecesse, mas foi mais forte que eu. E agora tô aqui esperando por ele [...]. Eu sou viúva, deixei meu filhinho de três anos lá no Rio de Janeiro com a minha sogra. Meu marido morreu, ele sempre me bancou, mas depois que ele morreu eu precisei fazer programa pra sustentar meu filho, eu sempre mando dinheiro para a minha sogra para ela e para o meu filho. O que eu mais queria era poder ficar com ele (Gaúcha, entrevistada em 14/11/2012).

Enquanto Gaúcha expressa o conflito interno pelo qual está passando por ter se apaixonado, e Giovana firma não querer se apaixonar para não sofrer mais, embora ainda sonhe com um amor verdadeiro, Marri, uma munícipe e garota de programa que trabalha na rua, com vinte nove anos e que se prostitui desde os onze anos de idade, vivencia um conflito paradoxal interno em relação a sua profissão, pois ao mesmo tempo que se sente “péssima” em ser uma garota de programa, vê na profissão o único recurso

para sobreviver e garantir o sustento de sua filha de onze anos. Durante a entrevista, Marri evidenciou querer deixar a profissão que se tornara algo “abominável”, dizendo que terá que conviver com as marcas da profissão até morrer, e que seu maior sonho atualmente era o de conseguir arranjar um outro tipo de emprego e voltar a estudar.

Eu comecei a me prostituir aos onze anos. Esquecer essa vida que eu levo hoje eu não vô. Isso vai fazer parte da minha vida. Isso vai morrer junto comigo. É algo que machuca muito. Eu já saí da rua chorando e olhei pra mim e disse, meu Deus o que eu tô fazendo aqui? E depois no outro dia acordar e abrir a geladeira e não tê nada pra comê, e aí você entende o que eu passo? [...] Hoje eu não tenho ninguém e não me abro pra isso! Me abri quando tinha quatorze anos e eu era uma criança, uma menina e depois disso nunca mais, até hoje eu não sei o que é amar ninguém. Hoje só vive eu, minha filha e Deus. Eu quero é esquecer que um dia eu tive nessa vida. Eu não acho certo essa vida não, porque você vai ter que pagar pra uma pessoa se deitar com você? Isso é duro porque uma pessoa que você nunca viu na vida chegar e encostar em você, pega em você e fala com você como se já te conhecesse e as pessoas nem te conhece, entendeu? No seu eu, você não quer saber se essa pessoa é boa ou ruim, se ela fez uma maldade agora a pouco e veio aqui pra se distrair, pra esquecer o que ele fez. Eu nunca me apaixonei por nenhum cliente, porque eu me considero uma profissional do sexo. Eu separo muito bem isso. Eu tô ali pra trabalhar e não pra me apaixonar, eu não tô ali pra lembrar o nome dele e nem quanto ele me deu. Eu tô ali para fazer o meu serviço, pegar o meu dinheiro e ir embora (Marri, entrevistada em 20/11/2011).

Além de conviver com os traumas psicológicos da profissão, um outro problema enfrentado pelas garotas de programa se refere à dificuldade que enfrentam ao tentar se relacionar afetivamente. Os estigmas voltados às profissionais do sexo são muitos e dentre eles encontram-se também a não aceitação dos possíveis namorados em relacionar-se com uma garota de programa. Essa realidade é vivenciada principalmente pelas garotas de programa da rua, já que são municipais conhecidas e rotuladas pela sociedade rosanense.

Pra ter um compromisso com a gente rola primeiro de tudo um preconceito, e tem muito preconceito. O cara fala: eu vô formá um compromisso, vô sair de mão dada na rua? Não vô, porque é uma garota de programa. Quando eu cheguei aqui eu tava ficando com um rapaz, aí eu falei o que tava acontecendo, o que eu fazia. Daí já rolô preconceito. Ele falô: como que eu vou sair na frente dos meus amigos com uma mulher dessa? Por

ser pequeno aqui todo mundo sabe da vida de todo mundo. Daí é claro, não deu certo o namoro (Crismar, entrevistada em 09/03/2012).

Enquanto as garotas de programa que trabalham na rua não têm como ocultar sua “verdadeira” identidade, expondo mesmo que (in) conscientemente sua profissão e sujeitando-se a marcas de diferenças que definem critérios de exclusão ou inclusão social, as garotas que trabalham na Vila das Garotas utilizam-se de estratégias que procuram ocultar suas identidades, uma delas seria a de não revelar seus verdadeiros nomes.

[...] é possível visualizar como suas identidades são manipuladas ou acobertadas nas relações estabelecidas diariamente. Uma maneira de acobertar essa identidade é eliminar alguns signos que possam se tornar símbolos do estigma. A primeira estratégia é a mudança do nome verdadeiro [estratégia também utilizada pelas garotas de programa da Vila das Garotas]. Poucas mulheres que se prostituem assumem seus verdadeiros nomes, a maioria utiliza nomes fictícios junto ao grupo e somente com o tempo seus verdadeiros nomes são revelados e, mesmo quando isso ocorre, o nome fictício permanece usado nas relações (ARAÚJO, 2006, p. 127).

Outra forma das garotas de programa ocultarem suas identidades, seria a de não revelarem no que verdadeiramente trabalham. Na Casa da Luiza, somente duas garotas de programa disseram que seus familiares possuem ciência do ofício que exercem, afirmando que ninguém da família ousa fazer qualquer tipo de objeção em relação à profissão que exercem, pelo fato, dizem, delas, todos os meses, depositarem dinheiro para os filhos, mães e irmãos. Porém, a maior parte das garotas nos disse omitir seu verdadeiro ofício, para “pouparem” os parentes de situações vexatórias e, também, como forma de não se sujeitarem a preconceitos oriundos de pais e irmãos, dando-se, assim, a manipulação de suas identidades para se protegerem de possíveis estigmas.

Diante dos preconceitos vivenciados pelas garotas de programa e os diversos papéis identitários que assumem como maneira de minimizar as representações que enfrentam diariamente, existem clientes que se envolvem amorosamente com essas garotas de programa, tornando-se “namorados” das garotas, mesmo sendo casados. Quando essas relações afetivas ocorrem, as garotas tem a liberdade de ligar para seus clientes/namorados para pedir

dinheiro. As garotas de programa que possuem esse tipo de vínculo podem continuar exercendo sua profissão normalmente, pois esse cliente não poderá interferir em seu trabalho e, muito menos, no número ⁹³ de laços “afetivos” que a garota possui.

As garotas também disseram que é corriqueiro estabelecer esse tipo de laços afetivos com o cliente. Isso pode acontecer por parte do cliente e nem sempre tornar-se recíproco, a única diferença, nesses casos, é que a garota passa a ter um vínculo de maior intimidade e amizade com o cliente, e essa relação a possibilita pedir presentes e até mesmo dinheiro para pagar contas, comprar roupas e ir visitá-lo – esse dinheiro recebido pelas garotas seria uma espécie de mesada.

Tem cliente que quando gosta da gente deposita um dinheiro todo mês para gente, e se não deposita a gente tem liberdade de ligar e pedir dinheiro. Quando o negócio apertou para o meu lado, eu já cheguei a ligar pra um cliente, eu precisava comprar remédio pro meu filho e o movimento tava muito fraco. Mas é normal essa liberdade, é claro que a gente não liga toda hora. A gente liga quando precisa mesmo. Esse dinheiro nem faz falta pra eles, eles são tudo rico. Dá pra sabê pelo papo deles no rancho, pelos carro e pelas comida (garota de programa da rua, entrevista realizada em 09/03/12).

Eu já tive um cliente casado que acabou virando um namoro. Ele pagou a passagem pra mim visitar ele em São Paulo. Ele tinha um apartamento legal pra gente ficá, e disse que ia pagar uma faculdade pra mim [...]. Através desse tipo de cliente eu já viajei para um monte de lugar, conheci com eles cidades maravilhosas, Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia, cidades bacanas, só num padrão muito legal, frequentei restaurantes de gente rica e ganhei muito presente bom (Pamela, entrevistada em 09/03/2012).

Mostra-se, por alguns depoimentos, que um simples programa pode se transformar em uma relação mais duradoura. É por isso que grande parte das garotas de programa sonha em achar um cliente que possa proporcionar-lhes um modo de vida totalmente diferente do vivenciado. Poder ter uma qualidade de vida que não exija a prestação de serviços sexuais, ter uma casa, um marido e filhos são perspectivas que fazem parte das conversas cotidianas e

⁹³ Geralmente as garotas de programa omitem a existência de outro “namorado”, de um marido ou de um “namorado verdadeiro”.

dos sonhos das garotas tanto da rua como às da Vila das Garotas.

Luiza nos disse que de todas as garotas de programa que trabalharam em sua casa (aproximadamente quarenta, segundo ela), encontram-se casadas, sendo que algumas delas ainda mantém contato com Luiza; poucas se separaram. Tivemos a oportunidade de conhecer duas delas. Em um feriado, uma ex-garota de programa chegou acompanhada de seu marido e filhos; moravam em Campinas (SP), onde já haviam levado Luiza para passar uns dias. Naqueles dias, em Rosana, ficaram na casa da irmã, Márcia, também ex-garota de programa que trabalhou para Luiza por um grande tempo. E Márcia também se encontrava casada, com três filhos, um de casamento anterior e os outros dois com o casamento atual. Depois de oito anos casada, Márcia, em outubro de 2012, oficializou seu relacionamento casando-se no civil e religiosamente na Igreja Evangélica. Márcia criou seu primeiro filho sozinha, com o dinheiro dos programas que realizava na Casa da Luiza; no início, parece ter chegado na Casa sem querer fazer programa, mas não teve outra alternativa; Luiza disse que nem Márcia e nem a irmã queriam ter se tornado garotas de programa.

Ao indagar Luiza de como ocorria o primeiro contato entre a proprietária da Casa Amarela e as garotas que chegavam em busca de trabalho e moradia, ela nos disse:

Quando elas chegam na minha casa eu digo que tem norma, mas uma grande maioria não quer respeitar, aí eu preciso ter uma convivência pra colocá as pessoas em volta de mim e fazer elas sentir o que eu sinto em relação a elas. Quando elas chegam na minha vida, chegam muito assustada, muito triste, até muito magoada, mas eu começo a mostrar devagar uma coisa que é delas, a personalidade, o carinho, o amor que elas tem, chamo elas para ir na igreja comigo [...] (Luiza, entrevistada em 04/11/2012).

As histórias da maior parte das garotas de programa que entrevistamos são marcadas por momentos de extrema pobreza, abuso ou tentativa de abuso sexual por parte de padrastos, perda do emprego, conflitos familiares, decepção amorosa, entre outros. A entrada das garotas para o universo da prostituição fundamenta-se em trajetórias de vida pessoal, dotadas de episódios negativos e tristes. Assim, suas biografias constroem-se ressaltadas

no marco que inaugura o primeiro momento de sua inserção na prostituição – a troca do uso de seus corpos por um pagamento, até a perspectiva de um dia conseguir deixar a profissão.

Eu comecei a fazer programa com treze anos de idade e entrei para essa vida sem saber. A vida na minha casa não era nem um pouco fácil, era um inferno. Aí eu resolvi fugir da minha casa. Saí e fui andando sem rumo até que, de cansada, resolvi sentar na sarjeta de uma avenida que passava muito carro, não demorou muito tempo um carro com um homem dentro parou e perguntou se eu queria entrar aí, eu entrei. Esse homem me levou pra casa dele eu fiquei com ele e ele me deu um dinheiro. Aí ele perguntou se eu queria ir trabalhar na casa de um amigo dele, eu disse que sim. A casa era uma boate e daí eu fiquei, né? Pelo menos eu tinha o que comer e onde dormir e tô até hoje! Já fui avião de um namorado que era traficante e depois fui pra Baixada Santista, lá eu ganhei muito dinheiro, porque tem um monte de gringo e eu só ganhava em dólar. Quando eu precisava trocar o dinheiro, eu subia na favela e os traficantes trocava pra mim [...]. As coisas não são tão fáceis assim como todo mundo vê. Um dia eu quero encontrar um homem que me aceite e me tire desse trabalho (Samira, entrevistada em 18 e 19/04/2012).

A gente veio do Piauí, eu, minha mãe, meus irmãos e meu pai e no meio do caminho o meu pai queria me por no orfanato. Só que a madre não aceitou pelo fato de ter oito anos já. Eles aceitam só até os sete porque até essa idade a criança não memoriza quem é o pai, a mãe, o tio, o irmão. Então a madre falou: a gente não pode acolher ela, ela já tem o conhecimento de quem é mãe e pai, daí a madre não aceitou e a gente veio embora para São Paulo, e quando eu tinha onze anos o meu pai não andava bem com minha mãe, e capital você sabe como é que é, é difícil, e aos onze anos ele quis abusar de mim, ele mexeu comigo e eu não tive coragem de chegar na minha mãe e contar o que tava acontecendo, porque a maioria do nordeste é assim, é normal. Eu não queria que acontecesse comigo. Aí eu tive uma discussão e saí de casa e fui para a casa de uma amiguinha de escola, a mãe dela me acolheu lá, mas eu ia pra minha casa, mas o meu pai e minha mãe nem sabia. Passado três, quatro anos, minha mãe morreu, eu tinha treze anos, eu disse pra mim mesma, e agora, o que eu vou fazer da minha vida, meu Deus? O que é que vai ser de mim? Enfim, meu pai me jogou na rua no outro dia, ele virou pra mim e disse, agora você se vira. Graças a Deus eu tinha minha amiga e a mãe dela deixou eu ficar na casa, só que ela tinha seis filhos e tava complicado. Daí meu pai resolveu vir embora pra Rosana e eu vim [...]. Aí o meu pai dava um jeito de... [silêncio, silêncio...]... eu não deixava. Daí eu ficava três, quatro dias sem aparecer em casa, e quando eu chegava eu não podia comer, não podia fazer nada. Daí uma amiga minha falou: olha, você quer ganhar dinheiro é só você ir por esse caminho. Foi aí que eu comecei a prostituição. Eu tava com treze anos. Mas eu não ia direto, eu

ia só quando eu tava com fome e precisava pegar um dinheiro para eu me manter. Aí, com dezesseis eu casei com o pai da minha filha e fiquei até os vinte, só que ele judiô muito de mim, tentou matar eu e minha filha... (Marri, entrevistada em 20/11/2011).

Garotas que conhecem Marri nos evidenciaram que ela é uma pessoa muito fechada, de poucas palavras, triste, que não sorri e que não possui amigos. Várias vezes tivemos a oportunidade de encontrar Marri, na Lanchonete Júpiter, já acompanhada por seus clientes, e a *performance* adotada por ela não condizia com a sua identidade quando não está trabalhando na rua. Na lanchonete ela se demonstrava sorridente e rodeada por pessoas descontraídas, envolvida pela conversa de seu cliente. Quem não a conhecia, não tinha a dimensão dos traumas da adolescência que ela passou e, muito menos, do asco que ela sentia ao sair com um turista, com os desdobramentos negativos que essa profissão lhe causava psicologicamente.

Ao mesmo tempo em que as histórias tristes vinham à tona, os relatos e semblantes das garotas de programa expressavam os sentimentos que o tempo ainda não era capaz de fazer desaparecer. As falas das garotas eram marcadas por contrastes de vivências infelizes (passado) e circunstâncias alegres (momentâneas). As expressões de “alegria e felicidade” se faziam presentes principalmente quando as garotas de programa estavam no salão das casas de entretenimento noturno, nas mesas da Lanchonete Júpiter e quando as garotas estavam acompanhadas por seus clientes. E Luiza sempre deixava claro para as garotas: *“nenhum homem vem aqui para ouvir histórias de fracasso e nem tristeza. Os homens vêm aqui para ouvir mulher que samba, que dança e que fica feliz, sempre feliz”!* Essa fala de Luiza aponta as várias representações que uma garota de programa deve desempenhar, como forma de garantir sua sobrevivência e seu espaço de trabalho.

Ao vivenciarmos os “bastidores” das garotas de programa, principalmente no interior da Casa da Luiza, foi possível captar situações que só poderiam ser percebidas através da convivência e dos laços de amizade, que ao longo do trabalho de campo foram se consolidando com a proprietária Luiza, gerentes, garotas de programa, tanto da casa quanto da rua. Percebemos, sobretudo, que as relações eram extremamente efêmeras, ao

mesmo tempo em que chegavam garotas novas, vindas de vários estados do Brasil, garotas de programa deixavam a casa para trabalhar em outras boates de outras cidades ou de outros estados.

O fluxo de entradas e saídas das garotas era muito intenso, inviabilizando, na maioria das vezes, laços de confiança e amizades mais duradouros. Constantes foram os conflitos que ocorreram entre as garotas; quando isso ocorria, era imprescindível a intervenção de Luiza para que houvesse ao menos uma relação de respeito e tranquilidade no interior da casa. Muitas das garotas que conhecemos no início da pesquisa de campo, depois de dois anos já não trabalhavam mais na Vila das Garotas; soubemos que uma delas se casou com um traficante da cidade e não exerce mais a profissão, outra engravidou de um cliente, também de Rosana, e casou-se com ele. Ao longo dos quase dois anos de trabalho de campo pudemos ter contato com no mínimo cinco gerentes e diferentes funcionários que prestaram diferentes serviços para Luiza. O último gerente que conhecemos nos relatou as dificuldades que sentia em trabalhar na gerência⁹⁴:

É muito difícil ser gerente porque você tem que estabelecer regras de comportamento também. Você não pode fazer tudo o que as meninas pedem não. E aí você já começa a criar inimizade. Só que é complicado, sabe por quê? Você não pode ser muito duro com as meninas, você tem que ser um pouco flexível por dois motivos: primeiro, a casa só funciona através do trabalho delas, se não tem mulher pra trabalhar a casa fica fechada e todo mundo que trabalha aqui perde o emprego, e segundo, se eu pego muito pesado com elas, elas não me deixam trabalhar, pegam birra de mim, começam a reclamar pra Luiza e aí eu perco o emprego. Tem outro lado também, se eu dô uma dose pra menina sem anotar depois a Luiza confere e sobra pra mim, eu tenho que contar tudo pra Luiza. Olha o que aconteceu: quinta-feira, a fulana tava com um litro de uísque escondido⁹⁵ no quarto, ela tinha ganhado de um cliente, aí a garota que divide o quarto com ela, lá pelas nove e meia da noite já tava muito bêbada, e eu sabia que ela tava tomando o uísque lá no quarto, mas pra não complicar pro meu lado eu não falei pra Luiza, aí a Luiza percebeu que ela tava muito bêbada e foi ver o caderno e não tinha dose nenhuma marcada pra ela, aí foi a maior discussão e a Luíza descobriu que elas tavam com bebida no quarto. Aí o negócio virô pro meu lado, a Luiza falou que eu tava acobertando elas. Na verdade, eu ia

⁹⁴ O gerente é a pessoa que a proprietária deposita máxima confiança, por isso, qualquer ato suspeito pode levar à demissão.

⁹⁵ As garotas de programa são proibidas de tomar bebidas que não sejam as do bar da casa.

me ferrar de qualquer forma falando ou não, não falei pra Luiza, e o que aconteceu? Ela me despediu! (Querubim, entrevistado em 09/12/2012).

Depois da demissão de Querubim, quem passou a assumir a gerência foi uma nora de Luiza que fazia programa na casa, mas casou-se com o filho de Luiza e deixou a profissão, e só estava trabalhando como gerente para dar um apoio a Casa.

Os aspectos simbólicos que imbuem as identidades das garotas de programa são repletos de sentimentos e de relações paradoxais. Aparentemente as garotas de programa demonstram-se “fortes”, seguras de suas belezas físicas, mas constantemente perguntam umas as outras se estão bonitas. E também, quando indagadas, dizem não encontrarem nenhum problema quanto à profissão que exercem, porém, não deixam de afirmar a vontade que sentem em querer “*sair dessa vida*”. Transparecem serem absolutamente racionais, capazes de controlar plenamente suas emoções e paixões, todavia, entram em conflito quando se apaixonam por um cliente e buscam encontrar um homem que possam fazê-las felizes. Emitem alegria e felicidade, expressões que as eximem de qualquer abalo emocional, ao mesmo tempo em que se calam diante da falta que sentem de seus filhos e da família que “não” tiveram. Procuram ser sensuais, seus corpos no salão emitem ao cliente o prazer que poderiam lhe proporcionar no quarto, mas, em contrapartida, são “somente” jogos de sedução para se sustentarem. Tornam-se, muitas vezes, “psicólogas”, capazes de escutar os problemas do cliente e falar o que estão precisando ouvir no momento, embora, em suas memórias, ainda estejam vivos todos os transtornos psicológicos e morais que viveram na infância e na adolescência. Perpassam em seus trejeitos corporais um erotismo que causa um frenesi entre os homens, e quando os levam até os quartos, procuram realizar suas fantasias eróticas mais íntimas, mesmo que no momento estejam com cólica menstrual e usem algodão no canal do útero para evitarem a saída do sangue. Realizam *strip-tease* olhando voluptuosamente para os homens, despertando-lhes a libido; fazem sexo explícito, emitindo sussurros ardis, exprimindo um prazer aparentemente jamais apreciado com outro homem, porém, tudo o que é visto geralmente não passa de uma mera técnica corporal... Muitas disseram que ali, no meio dos clientes, praticamente,

nelas, não existe prazer, nem emoção, todos os atos são mecânicos, racionalizados, como estratégias de propiciar aos cliente o êxtase sexual⁹⁶, inexistindo qualquer tipo de sensação afetiva ou física por parte das garotas...

As garotas que chegam aqui na minha casa só traz notícia triste e é muito importante pra moça da noite não contar as tristezas e nem um fracasso dela, porque nenhum homem vem aqui pra ouvir história de fracasso e nem tristeza. Os homens vem aqui para ouvi e vê mulher alegre e feliz! Esse povo que vem aqui vem atrás de sexo, são os anjo do diabo que procura a gente (Luiza, entrevistada em 15/10/2012).

Todas as aproximações, contatos e vivências demonstraram que as garotas de programa desenvolvem diferentes papeis performáticos, tanto no trabalho quanto na vida particular. Durante o expediente, as garotas precisam criar estratégias que despertem o desejo entre os homens que estão nos salões das casas ou sentados às mesas da Lanchonete Júpiter. Como já discorremos, vários são os jogos de sedução, *performances* e representações executadas pelas garotas. Nesses momentos, o seu “eu” é ocultado ou sufocado astuciosamente para impressionar os clientes que chegam aos territórios do prazer sexual. Nos horários em que não estão trabalhando, cuidam de suas aparências e tentam minimizar os problemas particulares de cada uma, embora os percalços sejam os mesmos. Ocultar da família a verdadeira ocupação ou preocupar-se em depositar o dinheiro do filho e do auxílio mensal financeiro dado a membros da família, são assuntos corriqueiros entre elas.

Diante de tantos papeis que compõem a identidade de uma garota de programa, não menos importante é a tentativa de minimizar os estigmas que recaem sobre a forma utilitarista que fazem do corpo como um instrumento de trabalho. Dessa forma, para lidar com o cotidiano atribulado, as garotas adotam certos signos que são determinantes para sua aceitação social, familiar e profissional. A utilização de um nome fictício é o primeiro fator que se insere aos aspectos simbólicos inerentes às garotas de programa. Posteriormente, a utilização de trajes menos sensuais e chamativos, é usado como forma de não transparecer a necessidade da exposição do corpo como estratégia de trabalho

⁹⁶ Pudemos presenciar três vezes esse tipo de performance; em duas delas os homens tiveram disfunção erétil, e quando os mesmos deixaram a casa tornaram-se alvo de chacota entre as garotas de programa.

e, por fim, trocar a identidade profissional informal por uma atividade formal, como por exemplo, trabalhar em lojas, faz-se presente nas falas das garotas de programa, sobretudo quando alguém da família as indaga sobre suas ocupações.

Neste sentido, as garotas⁹⁷ as quais tivemos contatos na Vila das Garotas, deixaram transparecer que possuem plena consciência de que a profissão que exercem, ao ser revelada a seus familiares, poderia maculá-las, fazendo com que exibam uma outra condição performática quando estão junto a seus pais, mães e filhos. É por esse motivo que, geralmente, as garotas de programa optam por trabalharem em casas de entretenimento noturno, seja em Rosana ou em outra boate de qualquer cidade. As garotas alegaram que as casas de entretenimento noturno oferecem uma maior segurança quanto à preservação de suas identidades profissionais, já que todos os que frequentam esses ambientes prezam por não serem vistos nestes espaços de prazer.

3.2 A trajetória de vida de Luiza

Era entardecer de um sábado nublado quando resolvemos pela segunda vez sair da cidade de Rosana pela estrada municipal, via Vila das Garotas, pelo acesso à Rodovia Arlindo Bétio, no sentido do distrito de Primavera, quando decidimos parar o carro próximo na primeira casa de entretenimento, por aquela direção, na Vila... Paramos o carro e decidimos “desbravar” aquele território a pé, com o intuito de encontrarmos um contato que pudesse nos orientar quanto às informações que buscávamos. E assim seguimos! Passamos primeiramente pelo Corujão e Corujinha, mas não nos sentimos à vontade em parar. Prosseguimos a caminhada até nos deparar com uma porta semiaberta e uma meia luz que vinha do salão. Titubeamos para entrar naquele espaço, até então totalmente desconhecido, mas que certamente já mexia com o imaginário daqueles que gostariam (como nós) de saber o que ocorria dentro de uma boate, e quais eram as mulheres que ali trabalhavam, bem como sobre a imaginação das mulheres que jamais gostariam de estabelecer um contato mais próximo com “àquelas”, que nem em pensamento poderiam se aproximar

⁹⁷ O mesmo não acontece com as garotas de programa da rua, pois, como são munícipes até tentam esconder dos familiares o trabalho que exercem, mas pelo fato da família também residir no município, fica mais difícil ocultar sua verdadeira identidade profissional.

de seus maridos ou familiares.

A luz que transpassava pela porta entreaberta nos despertou a curiosidade de saber como era aquele lugar e quem eram as pessoas que ali habitavam. Foi neste ímpeto de curiosidade que chegamos à proprietária da Casa Amarela (a porta encontrava-se do mesmo modo como demonstra a foto 38). Ao perceber que alguém estava entrando na casa, surgiu uma mulher, muito bem vestida, usando salto alto, cabelo liso e curto, aparentando seus quarenta anos. Ela veio nos recepcionar e dizer que a casa ainda não estava atendendo. A maneira como aquela mulher nos recebeu, cujo nome logo soubemos que era Luiza, nos transmitiu uma sensação de termos entrado em um lugar preciso – e precioso – para passos importantes para a nossa pesquisa.

Foto 38 – Detalhe da frente da Casa Amarela – Vila das Garotas.



Juliana Maria Vaz Pimentel (trabalho de campo, 17/03/2012)

Luiza foi extremamente solícita conosco e antes mesmo de explicarmos o que fazíamos ali, nos convidou para entrar e nos sentar ao bar, e imediatamente fomos dando detalhes sobre nossa presença na Vila das Garotas. Não esperávamos que nossa pesquisa iria despertar-lhe tanta comoção, e logo se propôs a descerrar os bastidores da sua casa. Iniciava-se aí uma relação de contato e amizade que não imaginávamos que iria se consolidar para além dos trabalhos de campo.

Não tardou para que voltássemos à casa de Luiza e, aos poucos, fomos conquistando a confiança da proprietária, dos funcionários, gerentes e das

garotas de programa. A cada trabalho de campo novas informações surgiam... Sempre ao chegarmos na Casa Amarela, caso Luiza não estivesse no salão, alguém a avisava sobre a nossa presença, e ela, sempre sorridente, nos cumprimentava e logo nos servia uma cerveja, começando a falar do movimento da casa, dos clientes, da abertura e fechamento da pesca e quais as consequências das temporadas de abertura/fechamento para as proprietárias das casas de entretenimento noturno e para as garotas de programa. Não tardou para que Luiza começasse a fazer os primeiros ensaios biográficos e nos situar sobre as condições que vivia quando começou a se prostituir...

Me deparei na minha vida com uma mãe alcoólatra! Minha mãe, minha filha, se eu te disser que a vida dela era um sucesso não era não. Pra começá, eu sou filha de bastarda. Meu pai já era casado. Segundo, minha mãe se separou dele e se envolveu com outro homem casado, que viveu e enterrou esse homem e depois ela não quis mais ninguém, dedicou a vida só para os netos (Luiza, entrevistada em 15/10/2011).

Da infância, Luiza se lembra das brigas dos pais, o que motivou a separação dos mesmos. Depois, a mãe de Luiza, dona Joana, conheceu um homem também casado, Dito, que levou a família de Luiza para morar em um sítio próximo à cidade de Terra Rica, no estado no Paraná, onde passou muitos momentos difíceis:

Você tá pensando que era fácil morar no sítio? Não tê dinheiro pra nada? Senti vontade de tudo e não têe um sapato pra por no pé? Eu digo sempre, eu não posso me queixar do meu padrasto, que fome ele não deixô a gente passá, mas era assim: arroz, feijão e sardinha, se fosse sardinha seca, porque a gente não tinha geladeira, era o mês inteiro sardinha seca. Se fosse galinha, ele já comprava trinta galinha e punha lá. Todo dia tinha que despina aquela galinha e fazê todo aquele processo. Todo mês eu falava pra minha mãe, fala pro Dito comprá um pouco de carne de porco, eu já tinha ideia [...]. Lá em casa não tinha um colchão de mola, nem de espuma e nem de nada, os colchões era tudo de palha, o lençol era de saco, minha mãe fazia na mão, calcinha era de saco, saiole era de saco. Se eu cortava uma calça pra vira short, das perna ela já fazia um short pros moleques. Minha mãe era grande, ela só não teve estudo [...]. (Luiza, entrevistada em 15/10/2012).

Ao contar “pedaços”⁹⁸ de sua trajetória de vida, Luiza sempre enfatizou a presença da mãe e a importância que ela exerceu em sua vida e na dos seus filhos. Mas, mesmo assim, um fato que marcou a entrada da Luiza na prostituição foi uma decepção que ela teve com sua mãe, depois de contar a ela um ato que havia cometido, ainda na cidade de Terra Rica:

Minha mãe mandou eu pagá uma prestação na cidade e eu fui pagá essa prestação. Quando eu cheguei pra pagá uma amiga chamou eu pra ir pra uma farra e eu fui, e dentro da minha cabeça eu tinha me perdido ali. Eu fui contá pra minha mãe e eu apenhei muito na cara, minha mãe me bateu muito, aí ela foi trabalhar e eu fugi (Luiza, entrevistada em 15/10/2012).

Luiza fugiu de sua casa e começou a se prostituir com treze anos de idade, “parando” em um bar de prostituição. No mesmo dia em que chegou a esse bar, parou um veículo perua com um homem, cujo apelido era Chapolin, e perguntou quem gostaria de entrar na “Kombi”; várias mulheres entraram, com documento e sem documento, muitas ainda adolescentes, como Luiza. “O Chapolin levou a gente pra uma boate em Monte Castelo, Paraná, todo mundo ficô dentro de um quarto. Só quem saiu para trabalhar foi as maiores e um policial depois fez a nossa documentação falsa” (Luiza, entrevistada em 15/10/2012). Ao indagarmos Luiza de como ela, agora, compreendia o que acontecera com ela, disse:

Sabe que eu até agradeço esse policial e o Chapolin, né? Por que veja bem, e se eu ficasse na rua, o que seria de mim? Com treze anos? Lá dentro da boate tinha regra pra comer, pra tomar banho, a única coisa que eles abriam mão de você era quando entrava no salão, mas do contrário eu era cuidada, limpada. Tinha muita disciplina dentro da zona, mas na rua não tinha, todo o mundo podia tudo. Uma mulher de rua tem higiene? Uma mulher de rua tem sonhos? Ela não tem, ela não vê ninguém fazendo nada. Ela senta no boteco, come, bebe, levanta e não quer saber quem vai lavar o prato. Na boate tem muita diferença. Eu acho que eles foram um anjo da guarda na minha vida, eu não levo pra lado ruim não! (Luiza, entrevistada em 15/10/2012).

Em 1981, Luiza foi para um garimpo no norte do Brasil, na “Amazônia”, onde, além da prostituir-se, ajudou a cuidar de muitos garimpeiros que haviam

⁹⁸ Temos ciência de que toda biografia é, também, sempre uma ilusão. Sempre apenas partes de uma trajetória são relatados, consciente ou inconscientemente, como parte de uma certa dialética entre “espaços que se mostram” e “espaços ocultos”, participantes de qualquer trajetória (Goettert, 2012).

contraído malária e, posteriormente, foi para o estado do Pará trabalhar em um outro garimpo, onde trabalhou como cozinheira e faxineira:

Quando eu cheguei dentro da cozinha da boate lavei parede, ariei alumínio, fiquei uns três dias só limpando, aí o dono do garimpo veio me conhecer e ele falou: não é que existe ainda no mundo mulher limpa? Ele saiu da cidade dele, vinha de avião só pra comer a minha comida, era só amizade. Eu só limpava a boate, porque o que eu ganhava já tava bom (Luiza, entrevistada em 15/10/2012).

Quando Luiza chegou ao Pará, estava grávida. No garimpo era ela que cozinava e encarregava-se da limpeza da boate, porém, no sétimo mês de gravidez passou a não se sentir bem, ter febre alta, não conseguir comer e percebeu que o bebe não se movimentava mais; ele havia morrido e era preciso fazer uma cesariana para tirar a criança. Ela contou o que estava acontecendo a seu patrão e “pediu as contas”, ele aceitou e pediu para que ela voltasse quando pudesse, deu-lhe uma passagem até a cidade de Alta Floresta (MT) e o equivalente (2012), a mais de quatro mil reais. Quando Luiza chegou em Alta Floresta, trocou todo o seu ouro por dinheiro e abriu uma conta no Banco do Brasil; seu objetivo naquele momento era reencontrar sua mãe que estava em Paranavaí (PR) e comprar uma casa para ela.

Eu vim de Alta Floresta para Paranavaí de avião. Daí precisei procurá a minha mãe e peguei um táxi e fiquei rodando. Passei o dia pra achá minha mãe. Cheguei lá, tudo muito simples, mas tudo limpinho, bonitinho, mas minha mãe tava numa situação... aí eu trouxe minha mãe pra morar numa casa de aluguel na cidade, porque a minha intenção era comprar uma casa para ela, mas quando eu fui operá, meu padrasto pegou todo o dinheiro que eu trouxe do garimpo, que era pra comprá uma casa pra minha mãe, e gastou tudo no jogo tentando multiplicá o meu dinheiro (Luiza, entrevistada em 15/10/2012).

Após isso, Luiza encontrou uma amiga que tinha um bar em Paranavaí, mas não tinha dinheiro para comprar o estoque. Luiza resolveu estocar o bar de sua amiga e viraram sócias. Abriam o bar às seis da manhã e não tinham horário para fechar, trabalharam muito, o negócio prosperou, mas não foi o suficiente para suprir a necessidade das duas famílias. Nesse ínterim surge o senhor Toninho, dono de uma boate em Teodoro Sampaio (SP), e convidou Luiza e sua sócia para trabalhar em sua boate:

Eu falei para o senhor Toninho que eu ia, mas não ia deixá

meus filhos, a minha mãe, o meu povo. Ele disse que arranjaría algo pra minha família. Ele foi muito honesto e me ajudou muito. Buscamos a mudança e eu e minha amiga dividimos a casa (Luiza, entrevistada em 15/10/2012).

Trabalhando na boate do senhor Toninho, Luiza conheceu um cliente que se apaixonou por ela: *“Ele quis conhecer minha família, no início parecia um anjo de Deus”*. Mesmo tendo essa impressão positiva, Luiza sentia que não conseguiu confiar em seu novo namorado, mas resolveu continuar o romance a pedido de sua mãe. O tal cliente alugou uma casa e a mobiliou do jeito que Luiza pedira, e mesmo morando com ele, Luiza ainda continuava trabalhando na boate. Um dia Luiza chegou em casa e percebeu que seu marido estava estranho e de repente ele começou a agredi-la... *“E eu perdi o meu caminho totalmente, porque esse home já fazia parte da vida dos meus filhos e da minha mãe, ele não tava só presente na minha vida, tava na vida da minha família também, aí eu resolvi ir embora pra Rosana”*.

A saída de Luiza de Teodoro Sampaio foi conturbada. Até conseguir uma estabilidade financeira, Luiza resolveu deixar a família, que também se mudou de cidade e foi vender joias no município de Rosana. Ao chegar a Rosana dirigiu-se à Vila Áurea, nas casas de entretenimento noturno, com o intuito de vender joias para as proprietárias e garotas de programa. Ao chegar à casa de Tia Joana, entrou um homem no salão, viu Luiza e perguntou quanto era o programa com ela, e Luiza respondeu que não fazia mais isso. O homem não se conformou e dirigiu-se a Tia Joana pedindo que conversasse com Luiza, e que ela poderia estipular o valor do programa que ele pagaria.

Isso era aproximadamente em 1990, e na época eu pedi mil reais, saí com ele e ele me pagou direitinho, saí feliz da vida, até aquela hora eu ainda não tinha vendido nenhuma joia e eu tava numa pindaíba, numa dureza, aí eu resolvi ficá com o homem, ele me tratou muito bem e no outro dia me levou na rodoviária, e na hora que eu tava entrando no ônibus ele me deu mais dinheiro, com aquele dinheiro eu paguei o mercado, comprei uma bicicleta pro meu filho, um fogão e um aparelho de som pra mim (Luiza, entrevistada em 15/10/2011).

E, assim, inicia-se a trajetória da vida de Luiza no município de Rosana. Depois desse programa, Tia Joana convidou Luiza para trabalhar na Casa. Simultaneamente, a família de Luiza havia se mudado para Mirante do Paranapanema (SP), e em todos os domingos, quando as casas de

entretenimento fechavam-se para descanso, Luiza pegava carona na rodovia para visitar seus filhos e sua mãe. Quando Luiza conseguiu se estabilizar financeiramente, buscou sua família e alugou uma casa na Vila Áurea, onde ela e sua mãe passaram a fornecer marmitta para os trabalhadores da obra de construção da hidroelétrica Sérgio Motta e também para as garotas de programa.

Eu e minha mãe trabalhava muito, e eu que ficava encarregada de fazer a comida. Graças a Deus minha mãe cozinhava muito bem e me ensinou. Só que daí eu comecei a passar muito mal com o cheiro da comida e comecei a emagrecer muito. Daí meu companheiro me levo no médico e o médico disse que eu precisava me afastá da cozinha, porque aquilo tava atingindo meu coração e eu tava passando muito fome, mas não percebia porque o cheiro da comida me sustentava e eu nem percebia que tava com fome, só me sentia muito mal. Aí fiquei afastada por quinze dias da cozinha pra fazer um tratamento. Quando eu voltei no meu trabalho, tinha muita coisa suja, aí eu precisei arranjar uma ajudante. Quando meu companheiro viu a mulher, ele se assanhô demais pro lado dela. Um dia eu pedi pra ele trazê cigarro pra mim e ele não trouxe, aí eu fui atrás dele, na hora que eu entrei em casa eu vi ele dormindo com ela. Aí resolvi largar na hora dele. Você pode muita coisa numa relação, mas quando você trai, acabou, pode ser por um minuto, mas traiu... (Luiza, entrevistada em 15/10/2012).

Luiza não trabalhou somente para Tia Joana na Vila Áurea, trabalhou também para outras proprietárias de casas de entretenimento noturno. Contamos Luiza que no ano de 1991 o município de Rosana estava tomado por “peões”, que chegavam para trabalhar na construção das barragens, e que como garota de programa jamais sonhava em um dia se tornar proprietária de uma casa de entretenimento. Mas em uma noite “muito chapada” (como ela mesmo disse), sem ter dimensão do que havia combinado com a proprietária de onde trabalhava, Luiza comprou o seu primeiro estabelecimento comercial.

Pra eu consegui alugar uma casa aqui para trazê a minha família eu tive que pagar, por exemplo, cinquenta reais em uma casa que valia trinta. Um dia, eu já trabalhava na casa de outra proprietária de casa e chegô um monte de carreta e os carreteiro foi tudo se alojá nas boate. Na casa onde eu tava, todo mundo se ajeitô com os carreteiro, menos eu e a dona da casa. Esses carreteiro tinha que pegá uns tubo e levar pra divisa da Argentina. Era muito homem e só nós duas desacompanhada. Teve muito movimento. Aí no final da noite, já de madrugada, eu e ela já tava muito bêbada e ela me falou assim: meu filho arranjar um serviço pra mim em São Paulo e

eu tenho que vender essa casa, e eu [Luiza], muito chapada, falei: quanto você quer na sua casa? Eu quero seiscentos reais, que naquela época era muito dinheiro, e eu, muito chapada (Luiza) pois, eu compro, agora eu sô a nova dona dessa casa (Luiza, entrevistada em 15/10/2012).

Luiza nos contou essa história rindo e dizendo que nunca, na sua vida, embriagada, conseguiu estabelecer um diálogo tão produtivo, embora, no outro dia, não se lembrasse de quase nada do que havia tratado com Rose, a proprietária da casa, apenas de que havia comprado a casa.

É nesse contexto que se inaugura uma nova fase da vida de Luiza. Sua primeira noite como dona de casa na Vila Áurea foi um sucesso: *“vendi muita bebida, cerveja, uísque, vodka e ainda já tinha conseguido umas mulheres pra trabalhar na minha casa, naquele dia eu ganhei muito dinheiro e nem tava esperando”*.

Ao indagarmos como foi o processo da saída dela e das outras proprietárias de casas de entretenimento noturno da Vila Áurea para a Vila das Garotas, Luiza contou que foi um processo delicado, pois o prefeito da época já havia construído as casas para Tia Joana (Corujão e Corujinha) na Vila das Garotas e havia feito uma proposta de construir uma casa para Luiza, desde que ela deixasse as outras garotas de programa na Vila Áurea:

Tia Joana fez uma acordo com o prefeito e ele construiu o Corujão e o Corujinha para ela, o Corujão tem vinte e sete quartos, só que ele só trouxe ela e nós ficamos lá. Aí ele fez uma proposta assim pra mim: desce você sozinha na zona nova e eu te dô uma casa construída. Só que na minha volta tinha muita gente que precisava de um lugar pra trabalhar, e esse pessoal começou a ter medo de mim e cobrar muito de mim. Foi um momento da minha vida muito pesado, porque além da pressão do prefeito na minha cabeça e das mulheres que tava precisando trabalhá, a minha mãe tava fazendo tratamento de câncer em Presidente Prudente [SP]. As mulher perguntava: Luiza, se você for sozinha, o que vai ser da gente? Aí eu tomei a decisão de trazer todo mundo e não ganhar a construção. Aí ele desapropriô a gente da Vila Áurea e fomos todas pro Corujão. Daí não teve jeito, ele deu terraplanagem pra gente e deu poço. Aí a gente entrô construindo. Agora, hoje, todo mundo que tem casa aqui, trabalho comigo, menos a Luci (Luiza, entrevistada em 15/10/2012).

Ressaltou-nos Luiza, que sua vida sempre esteve marcada por momentos de *“altos e baixos”*, como o processo que envolveu a vinda das

garotas de programa para a Vila das Garotas, que fora muito sofrido pelo fato de Luiza ter que garantir a sobrevivência básica, com alimento e higiene das garotas que trabalhavam com ela, além de sustentar a sua família, em um período que estava gastando muito com a construção de sua casa. Em retrospectiva, Luiza disse que de tudo o que conquistou como garota de programa e dona de casa, recorda-se de tempos em que passou fome e necessidade em boates que trabalhou, mas que mesmo assim é muito grata com a vida.

Eu poderia não tê vencido na vida e hoje eu me sinto uma guerreira, uma vencedora, por tudo o que eu tenho e por tudo o que eu e minha família passo, e hoje eu vejo que tenho uma casa, meus filhos e netos tão estruturado. Eu como e durmo muito bem e as meninas que trabalham comigo também, tudo o que eu como elas também come, porque eu sei muito bem o que é passar vontade, o que é trabalhá e não tê dinheiro dentro da boate pra comprá um pão com mortadela (Luiza, entrevistada em 17/07/2012).

Se alguém chegar na casa de Luiza e não for informado de que lá funciona uma casa de entretenimento noturno, jamais notará que, além de uma residência, ali também funciona um estabelecimento comercial sexual. Várias vezes pudemos chegar na casa e encontrar Luiza arrumando a mesa do jantar ou do almoço.

Através da foto 39, podemos perceber a organização da cozinha de Luiza, principalmente a mesa posta. Ela disse que não admite sujeira e falta de higiene em sua casa, e que não suporta ver “*panela sem ariar, todas tem que tá brilhando, tinindo, eu odeio louça suja na pia, por isso, cada um termina de comê e já lavá seu copo e seu prato*”.

Foto 39- Luiza servindo o jantar.



Juliana Maria Vaz Pimentel (trabalho de campo, 01/09/2012)

De acordo com Luiza, a maioria dos que conhecem a sua casa (a Casa Amarela) sempre quer voltar, seja pelo “clima” animado do “lar” virando boate, pela ótima comida servida no almoço e no jantar ou pela maneira como Luiza costuma tratar seus clientes.

Aos domingos, Luiza costuma fazer um churrasco; diz que quando trabalhou em uma casa ainda na Vila Áurea, as garotas de programa só comiam carne ou churrasco quando elas tinham dinheiro para comprar, e que a comida era péssima e sem tempero. A dona da casa justificava que a comida não poderia ter alho, cebola ou qualquer outro tempero, porque *“minhas mulher não pode fica com a mão cherano alho e cebola, esse chêro espanta o home, aí não vai tê cliente nenhum, aí eu quero vê como vocês vão sobrevivê”*, oferecendo às “inquilinas”⁹⁹, não poucas vezes por mês, apenas mandioca, farinha e arroz.

Todas as garotas de programa que entrevistamos, sem exceção, que trabalharam ou ainda trabalhavam na Casa da Luiza, disseram ser a melhor casa para residir, porque Luiza as respeita, sabia dialogar quando estavam passando por situações financeiras ou pessoais conturbadas e por jamais expulsar uma garota que poderia ficar grávida trabalhando em sua casa.

Sabe como tão chamando a minha casa? Maternidade da Luiza. Só desse ano pra cá [2011] já acompanhei a gestação de umas três menina que tavam trabalhando aqui. Eu não

⁹⁹ Inquilina é um termo utilizado também em referência às garotas de programa que residem nas casas de entretenimento noturno.

mando embora não! Eu sou mãe e também já engravidei num programa eu sei o quanto é difícil voltá pra casa dos pais com uma criança e sem dinheiro. Eu tenho muito dó, eu faço chá de bebê, eu faço elas tomá a vitamina, faço fazê o pré-natal, tudo certinho e quando as criança nasce elas vem trazê aqui pra eu vê. Tem uns que já tão na adolescência e me chamam de vó até hoje (Luiza, entrevistada em 20/10/2011).

Luiza preza muito por sua família, que é constituída por seu namorado, dois filhos e cinco netos. Em um almoço de domingo que fomos convidados a passar com eles, tivemos a oportunidade de conversar com o filho mais novo, César, e ele nos contou o que pensa sobre sua mãe.

Apesar das derrotas e vitórias, eu vejo a minha mãe como uma heroína, a educação e oportunidade que eu e o meu irmão tivemos foram as mesmas, as escolhas foram diferentes, ele já até foi para o Japão trabalhar. Aí eu vejo que o que ela pode fazer ela fez, às vezes da maneira mais fácil ou mais difícil. Eu não tenho revolta. Eu sempre fui muito querido. De certa forma, por ser o filho da Luiza, só que a minha conduta foi sempre uma só, eu nunca me droguei, nunca roubei, porque o conselho que a minha vó dava eram dois, o primeiro era: diga com quem andas que eu te direi quem és, e o outro era: você já é filho de puta, tipo assim, eu ja tava na desvantagem, ela me alertava nisso aí. Você não precisa mais de uma desvantagem. De uma certa forma, ela fazia que eu valorizasse isso, a minha conduta, o meu comportamento. Eu tinha que ser melhor do que o filho dos outros, entendeu? (César, entrevistado em 15/10/2012).

César e Silvio, dois dos filhos de Luiza, foram criados até os dezessete anos pela avó, dona Joana, mãe de Luiza, pessoa a quem os filhos e Luiza expressam muita estima ao ponto de não gostarem muito de falar sobre ela, e por ainda não terem superado a dor do seu falecimento. Várias vezes, durante a entrevista, Luiza e César choraram por se lembrarem do carinho com que dona Joana tratava principalmente os netos e a educação que lhes fora dada.

A conduta de dona Joana era: não importa o que você fez ontem, às oito horas da manhã você tem que tá de pé. Era oito horas e ela ia no quarto e dizia, lavanta, que vocês não são filho de rico não! Acho que tudo isso era porque era tudo estampado na cara. Não tinha mentira, a verdade é a verdade por mais que seja dolorida e sofrida, é a verdade e tem que ser respeitada (César, entrevistado em 15/10/2012).

César sempre procurava justificar o porquê de nunca, tanto o irmão quanto ele, terem trazido aborrecimentos à dona Joana e a Luiza, e desabafava dizendo que sua infância e adolescência não haviam sido fáceis

no período escolar, porque os outros alunos ofendiam sua família por conta da profissão que Luiza exercia. Mas, ressaltava a importância de Luiza e sua avó nunca terem escondido nada deles, facilitando assim a forma como deveriam lidar com os estigmas sociais que lhes recaiam. Perguntamos a César sobre o seu ponto de vista em relação às garotas de programa, ao que ele respondeu:

Pra mim uma garota de programa é assim: quando você vê uma garota de programa, todo mundo vê uma puta. Eu não vejo assim, às vezes alguém é e sua mãe também, daí eu tento explicar da maneira que eu vou falar pra você: ela é puta até o momento que você começa a conviver com ela e se relacionar com ela, aí, a partir desse momento, ela vai ter um nome e aí você vai ver que é uma pessoa e que tem um nome, e aí você pode se tornar amigo dela e passa a conhecer a pessoa, e vê que ela é diferente do que você imaginava. Aí ela passa a tê um nome, uma referência. Aí você vê que tem vários nomes, Patrícia, Vanessa, etc, são seres humanos comuns que tem nome, parente, endereço, família, e que tem uma vida igual a nossa (César, entrevistado em 15/10/2012).

Ao voltar-se para o presente, César falou que a Casa da Luiza às vezes é confundida como uma casa de assistência social, porque muitos¹⁰⁰ que possuem problemas familiares, financeiros ou que vivenciaram situações de violência, encontram em Luiza um acolhimento. Muitos ficam por um tempo na casa, até que consigam resolver as dificuldades por quais estão passando, e durante esse período, trabalham no salão, aí decidindo entre continuar na casa ou ir para boates de outras cidades.

Muito embora a Casa de Luiza seja vista entre as garotas de programa como a “*melhor casa para se trabalhar*”, todos os funcionários que por ali passam devem respeitar as ordens de Luiza. Tudo deve ser passado pelo crivo de Luiza, nada é feito sem seu consentimento. Mercadorias a serem repostas, cardápio do almoço e do jantar, limpeza da casa, organização dos quartos das garotas, contabilidade do bar, horário do expediente, saída das garotas de programa com clientes, responsabilidade atribuídas ao gerente, por exemplo, são tarefas determinadas por Luiza. A proprietária da “Casa Amarela” disse respeitar todos os seus funcionários, procurando tratá-los da melhor forma possível, mas, claro, dentro das suas regras.

Eu, como dona de casa, sempre vi as meninas e meus

¹⁰⁰ No segundo semestre de 2012, Luiza acolheu dois travestis que estavam com sérios problemas financeiros, até conseguirem dinheiro para ir embora.

funcionários como eu, eu posso comê isso, eu posso, mas eu so posso comê porque fulana me ajudou a comprar isso pra comê. Eu posso dormir bem, mas eu quero que todo mundo durma bem na minha casa, tudo o que eu como, as minha nega veia [referindo-se às garotas de programa] tem que comer, a vida dessas meninas já é tão sofrida, eu tento ajudá da forma que eu posso, porque também eu dependo delas pra sobrevivê, mas elas também não pode abusar da minha bondade, porque eu respeito, aceito na minha casa seja lá o que for, e coloco elas num casamento também (Luiza, entrevistada em 20/10/2011).

A proprietária da casa também desabafou dizendo que gostaria de poder descansar e desligar-se totalmente dos encargos diários do lar e de seu estabelecimento comercial: “*eu estou na ativa vinte e quatro horas, mesmo eu tando no meu quarto eu presto atenção no movimento de carro lá fora e no salão, fora que toda hora é garota e gerente batendo na porta do meu quarto*”... O movimento na casa de Luiza era constante, sempre havia um amigo, um vendedor, um cliente entrando ou saindo, e no cair da tarde o fluxo de pessoas se intensificava. Dentre todo esse agito, Luiza ainda tentava gerir seus problemas particulares com filhos, netos, noras e com seu novo namorado, juntando tudo isso aos seus traumas do passado.

Diante de tantas situações que Luiza já vivenciou e ainda vivia, tivemos a curiosidade em saber o que Luiza via de bom na sua vida...

Eu tenho muita gratidão de Deus, porque ele fez eu fazê muita família, casar muita gente. A minha vida é boa, hoje eu agradeço a Deus, hoje eu sei cozinhá, eu sei lidá com as pessoas, eu sei acalmá as pessoa, lidar com o ser humano, eu devo isso a Deus e à prostituição. Se eu fosse uma mulher leiga eu não ia sabe fazê tudo isso. Tem muita gente rica e muita gente pobre na minha vida, tem pessoas na minha história muito chique. Eu acho que minha vida é muito chique. Sabe por que, nega véia? Eu tenho cinquenta e dois anos, tenho um namorado de trinta anos que me respeita, que me trata bem, tenho a minha casa, me dou bem com as minhas filhas que eu caso, porque elas são a resposta que eu não fiz só um serviço ruim. Já casei umas cinquenta, sessenta mulher, e ainda hoje tem algumas que liga pra mim, isso mostra que eu não sou uma má pessoa, e nem fiz inimizades aqui dentro da minha casa (Luiza, entrevistada em 15/10/2012).

Diante de tantas histórias, muitas delas imbuídas de tristezas, Luiza ainda conseguia visualizar os frutos de um passado difícil, mas também das relações de amizade que foi construindo ao longo de sua vida de “dona de

casa”. E Luiza ainda apresentava sonhos em ajudar as pessoas de que gostava, e sonhos para a sua vida:

Hoje eu não sonho para mim, eu sonho para os meus amigos. Eu tenho uma ideia comigo, hoje, exatamente hoje, se eu vendesse essa casa e ganhasse um dinheiro para mudar a minha história, eu teria tempo para os meus e para estudar, eu queria ser psicóloga. Como é gostoso você ter experiência para contar história, pra poder orientar, falar, amar, buscar. O ser humano é carente, minha amiga! Se eu sáísse daqui agora, eu não sei qual é a minha missão, e eu sei que é um sonho não realizado e por não ser realizado, eu queria que acontecesse! (Luiza, entrevistada em 15/10/2012).

Durante o longo tempo de convivência com Luiza, funcionários e garotas de programa que residiam em sua casa, conseguimos verificar que esse território do prazer se funde com um território familiar. Valores morais eram travados a todo o momento, a presença da religiosidade se fazia constante na fala de todos que viviam no cerne da casa, principalmente no vocabulário de Luiza, a frequência desses sujeitos na igreja evangélica era rotineira, e o respeito à Luiza era o primeiro passo para continuar por um longo período na Casa Amarela. As garotas de programa que procuravam desempenhar uma boa conduta em seu cotidiano no lar e no salão, podiam galgar a gerência do bar, cargo destinado a pessoas de extrema confiança de Luiza. A postura de Luiza imperava, empunhava limites e respeito a todos os seus funcionários, bem como aos clientes e garotas de programa, que garantiam o sustento e o funcionamento da Casa.

Diante de tudo isso, pudemos perceber como Luiza possuía habilidade em tratar e compreender as garotas de programa que trabalhavam em sua casa. Isso se dava, sobretudo, por sua extensa experiência como garota de programa. Conselhos eram dados, a compreensão existia, mas as regras internas da casa deviam ser respeitadas na íntegra, visando manter a harmonia em um ambiente onde o estável repentinamente transformava-se em instável, relações amistosas tornavam-se conflituosas, sentimentos de amor convertiam-se em ódio e vice-versa. Quando Luiza nos disse que seu maior sonho era o de ser psicóloga, dissemos que só lhe faltava um diploma, e logo também indagamos: “Luiza, você se sente uma psicóloga?” Rapidamente ela nos respondeu: “*sim, uma psicóloga da noite!*”

Mas a Casa Amarela é contraditória, ambígua e paradoxal. Constroem-se ali fronteiras materiais e simbólicas, muitas nítidas e outras não. Em certos momentos a Casa nos remete ser um ambiente familiar, mas como que em um “passe de mágica” faz com que nos situemos, através dos corpos que ali circulam, que existe uma relação de poder e influência de Luiza sobre o agenciamento dos corpos, assim dicotomizando e confundindo nossa percepção. Ora temos a sensação de estarmos em um ambiente familiar, como nos almoços de domingo onde Luiza reúne filhos, netos, amigos e as garotas de programa e, por ora, “voltando à realidade”, lembramos e somos levados ao território da prestação de serviços sexuais, principalmente quando começamos a ouvir um som que ecoa da máquina de música enquanto as garotas de programa começavam a entrar no salão para mais uma jornada de trabalho...

Tudo, no entanto, não deixava de fazer com que nós também sonhássemos... Que sonhássemos o sonho, junto com Luiza, de tornar qualquer dos momentos dali como se fossem, sempre, “manhãs de domingo”, com familiares ou com garotas, com vendedoras de calcinhas ou com clientes, não importaria, desde que os rostos todos expressassem sempre sorrisos densos e sinceros como os de Luiza...

Foto 40 - César e Luiza em um almoço de domingo.



Juliana Maria Vaz Pimentel (trabalho de campo, 15/10/2012)

Fica decretado que todos os dias da semana,
inclusive as terças-feiras mais cinzentas,
têm direito a converter-se em manhãs de domingo.
(Thiago de Mello, “Estatuto do Homem”).

BOX 4

Viver para contar...

Antes de prosseguir, assista o vídeo acessando o link abaixo:

<http://www.youtube.com/watch?v=CqPxSn4kxmU>



CONSIDERAÇÕES FINAIS

(e sabendo que outros programas virão...)

Buscamos construir, pela relação entre trabalhos de campo e narrativas das garotas de programa, um caminho teórico-metodológico visando compreender como se instituíram os territórios da prostituição no município de Rosana (SP). Por meio de entrevistas realizadas e pautadas em referenciais que discutem a temática, tentamos analisar como se constituíram – e continuam se constituindo – os territórios da prostituição, além das territorialidades que envolvem as garotas de programa que realizam suas atividades, sobretudo, em dois territórios distintos: as casas de entretenimento noturno – na Vila das Garotas, e aqui enfatizamos as relações da Casa da Luiza – e a rua – sobretudo a partir das relações da Lanchonete Júpiter.

Os esforços centraram-se em manter uma leitura dos espaços da prostituição que buscasse ser compatível com a realidade em análise. Procuramos, desta forma, fugir de possíveis posições que nos levassem a críticas ou defesas em relação à prestação dos serviços sexuais das garotas e, ao contrário, possibilitando dar voz às diferentes interpretações de uma mesma realidade, dos sujeitos que utilizam seus corpos – na dupla acepção do termo usar; pelas garotas e pelos clientes – como instrumento de trabalho, mas também de prazer.

Muitas informações e histórias parecem fazer parte de um passado longínquo. No entanto, as relações espaço-temporais existentes nos processos de desterritorialização e reterritorialização das casas de entretenimento noturno da Vila Áurea para a Vila das Garotas, fazem-se presentes na memória expressa em muitas falas, apontando os aspectos simbólicos que perfazem os territórios em análise, fazendo do “tempo a dimensão da mudança e o espaço a dimensão do social” (nessa interessante perspectiva apontada por Massey, 2008).

A Vila das Garotas é permeada por um constante fluxo de entrada e saída de garotas de programa. A maneira como as garotas de programa agenciam seus corpos por meio das “redes de personalidade” tem como

desdobramento vários processos de reterritorialização, que acabam por consubstanciar-se em devires dotados de signos, que designam os traços identitários das garotas de programa.

Essa lógica já não ocorre dentro dos territórios de prostituição de rua. As garotas de programa que fazem ponto na Lanchonete Júpiter são munícipes, havendo, assim, uma segregação territorial entre o território de prostituição da Vila das Garotas e do território de prostituição de rua. Essa segregação acaba por criar uma fronteira simbólica que diferencia o contexto social das garotas de programa que optam por um ou outro território de prostituição. As mulheres de programa residentes na Vila das Garotas são todas migrantes, oriundas de várias cidades do Brasil. As garotas de programa que fazem ponto na Lanchonete Júpiter são munícipes e não concordam com as regras estabelecidas pelas proprietárias das casas, sendo esse um fator preponderante quanto às escolhas de atuação profissional, nos conduzindo a pensar que as casas de prostituição não são espaços caóticos e de permissividade total, cenário que é, não poucas vezes, cristalizado na imaginação de muitos munícipes.

Os trabalhos de campo nos possibilitaram levantar algumas hipóteses que explicam quais são as dinâmicas que sustentam e ocultam o turismo sexual no município. Pudemos verificar que as “redes de personalidade” consolidam as “redes de lucratividade” (mencionadas no capítulo I). As redes de lucratividade oriundas do turismo sexual potencializam setores formais e informais do comércio rosanense, ocultando, dessa forma, muitas das territorialidades que compõem o município de Rosana.

Muitos são os aspectos identitários presentes nos “territórios do prazer” em Rosana e várias são as representações exercidas por essas garotas em seus territórios de trabalho. Porém, diversos também são os papéis que essas mulheres exercem e assumem em seu cotidiano, ou seja, no campo profissional ou afetivo, a dissociação que se obrigam a fazer entre corpo e sentimento e até mesmo os subterfúgios criados para superar os estigmas que carregam – “dentro ou fora das fronteiras geográficas da sociedade normal” com diferentes modelos de estigma (como apontado por Goffman, 1993). Mas,

os signos que foram criados pelo imaginário de certos munícipes em relação à Vila das Garotas e sobre as garotas de programa, acabaram se tornando paradoxais se analisados sob o ponto de vista de Foucault (1988), pelo qual o poder da imaginação tende a estar coligado ao desejo sexual interdito, o que, para o nosso caso, possibilitaria a ramificação e a “organização” dos territórios do prazer em Rosana.

O trabalho de campo tornou-se o elemento primordial para o efetivo transcorrer da presente pesquisa, pois, em campo, pudemos vivenciar o cotidiano das garotas de programa e de Luiza, a proprietária de uma das casas de entretenimento, a Casa Amarela. Com as “idas e vindas”, percebemos a materialização das interações que ocorrem entre as pessoas que compartilham dos mesmos estigmas, anseios, históricos de vida, sentimentos e sonhos. Não menos importante, o contato e os laços de amizade que se travaram entre nós, as garotas de programa e Luiza, possibilitaram compreender a “estrutura organizacional” que engendra uma casa de entretenimento noturno, fazendo dela uma espécie de “microempresa” sem deixar de descaracterizá-la como um ambiente familiar, característica que não pode ser atribuída à “organização” da prostituição de rua.

Na concepção das garotas de programa que fazem ponto na Lanchonete Júpiter, trabalhar na rua é sinônimo de liberdade, já que podem agenciar seus corpos diretamente com o cliente, no horário e lugar que optarem e sob as condições que designarem, desmistificando, pelo menos parcialmente, a ideia de alienação e vitimização das garotas de programa, revelando-nos certa autonomia que exercem em relação ao seu trabalho.

Ao discorrermos sobre a trajetória de Luiza, indiretamente pudemos dar vozes a tantas outras histórias de vidas de garotas de programa que foram marcadas por situações de risco e vulnerabilidade social, que ainda se fazem presentes em suas memórias. As lembranças tristes de outrora, contudo, dão lugar ao lado performático que as garotas de programa exercem com objetivo de seduzir e conquistar o cliente, seja através de um diálogo ou por meio de danças, *strip-tease* e sexo explícito. As impressões que são emitidas por seus corpos, por meio dos jogos de sedução, cativam, seduzem e excitam os

clientes. Muitas vezes, o bar do salão da casa se torna um lugar frequentado por clientes mais antigos que, dependendo do momento, chegam à casa somente para se distraírem e conversarem com as garotas de programa, que um dia já realizaram um programa e, com o tempo, tornam-se amigos. O mesmo ocorre com clientes/turistas, que por já conhecerem a garota de programa, podem a convidar para se sentar à mesa da Lanchonete Júpiter, para que a mesma apresente outras garotas, realize novamente um programa ou, até mesmo, tenha se tornado uma espécie de “namorada”.

Os turistas que vêm à Rosana saem de diversos estados do país em busca do lazer esportivo, especificamente a pesca, mas, também muitos deles, vem à busca de “lazer sexual”. Quando chegam dirigem-se aos ranchos ou pousadas. Esse tipo de turismo ocorre o ano todo, porém, com a abertura da pesca que se estende de março a novembro, esse fluxo se acentua, dinamizando a economia, a especulação imobiliária e a chegada de novas garotas de programa na Vila das Garotas, havendo, assim, de certa forma, o que Ribeiro (1997) destaca como “expansão e contração” dos territórios da prostituição.

Neste sentido, ao tentarmos compreender os territórios da prostituição em Rosana, percebemos que essa temática está imbuída por diversas abordagens que transcorrem desde conceitos valorativos que configuram o imaginário popular, perpassando pela tentativa de compreender o fenômeno pelo viés histórico-social local, até chegarmos à discussão voltada ao agenciamento do corpo como estratégia de obtenção de renda, por parte das garotas de programa e toda uma “organização” de subordinação, por um lado, e de autonomia relativa, de outro. Assim, procuramos elucidar alguns aspectos de ordem espaço-temporal, identitários e econômicos constituídos nos territórios em análise, visando compreender a multiplicidade de fenômenos que abarcam as interações sociais estabelecidas pelas garotas de programa nos territórios do prazer em Rosana. Cabe ressaltar que os territórios em estudo são dotados de relações efêmeras, portanto, passíveis de constantes transformações.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Fábio L. **Noites de cabaré: prostituição feminina, gênero e sociabilidade na zona de meretrício**. São Paulo: Arte e Ciência, 2010.

_____. **Etnografia dos usos sociais do corpo da garota de programa**. Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad. Nº 7. Ano 3. Argentina. Dezembro de 2011- março de 2012, p. 7-16.

ARAÚJO, Rogério. **Prostituição: artes e manhas do ofício**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: EdUSP, 2008.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. **A Economia das trocas simbólicas**. 6 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2009.

CALLIGARIS, Eliana dos R. **Prostituição: o eterno feminino**. São Paulo: Escuta, 2006.

CARLOS, Ana F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CORREA, Roberto L. **A geografia cultural e o urbano. Introdução à geografia cultural**. Correa, Roberto Lobato; Rosendhal, Zeny (Orgs). RJ: Bertrand Brasil, 2003.

DAMATTA, Roberto. **A Casa & A Rua ,espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 5 ed. Rio de Janeiro: Brasiliense ,1997.

DELEUZE, Gilles; GUATARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol.1. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1997.

DUNCAN, John.S. **The city as text: the politics of landscape interpretation in the kandyan Kingdon**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**.

Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1. A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GOETTERT, Jones Dari. Espaço oculto e reconhecimento ausente em “Caché” de Michael Haneke. **Boletim Gaúcho de Geografia**. V. 38. Porto Alegre: AGB, 2012, p. 91-110.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar, 1963.

GOLDENBERG, M. **O corpo como capital: para compreender a cultura brasileira**. **Arquivos em Movimento**. Revista eletrônica da Escola de Educação Física e Desporto-UFRJ. Volume 2, número 2,. Julho/Dezembro, 2006. p.115-123.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Ed. UNESP, 1991.

_____. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Ed. Unesp, 1993.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&Editora, 1992.

HARVEY, David. **Espaços de esperança**. 4 ed. São Paulo: Edições Loyola Jesuítas, 2011.

LEITE, G.S. **Eu, mulher da vida**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1992.

LOURO, G. L. **O Corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica. 2000.

MAGGIO, Sérgio. **Conversas de cafetinas**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2009.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Os argonautas do pacífico ocidental**. São Paulo: Abril Cultura, 1979.

MARQUEZ, Renata Moreira. **Geografias portáteis: arte e conhecimento espacial**. Tese de Doutorado. Belo Horizonte: PPGG-UFMG, 2009.

MARTINS, José de Souza (Org). **Henri Lefebvre e o retorno à dialética**. São Paulo: Hucitec, 1996.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço. Uma nova política da espacialidade**. Tradução: Hilda Pareto Macial. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MELLO, Thiago de. **Estatutos do homem**. 3 ed. Manaus: Ed. Valer; Governo do Estado do Amazonas, 2001.

MERLEAU-Ponty, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

NABOZNY, Almir. **A complexidade espacial da exploração comercial sexual infanto-juvenil feminina: entre táticas e estratégias de (in) visibilidade**. 2008. 188f. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território). Universidade Estadual de Ponta Grossa.

OLIVEIRA, Tito Carlos M. de (Org). **Território sem limites-estudos sobre fronteiras**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2005, p. 87-112.

PASINI, Elisiane. **Limites simbólicos corporais na prostituição feminina**. Cadernos Pagu, nº 14. Campinas 2000. p.181-200.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade. Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**. Tradução: Élcio Fernandes. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

RAFFESTIN, C. **A ordem e a desordem ou os paradoxos da fronteira**. In: OLIVEIRA, Tito Carlos, M. de. (Org). **Território sem limites: estudos sobre fronteiras**. Campo Grande: Editora da UFMS, 2005.

_____. **Por uma geografia do poder**. Tradução: Marai Cecília França. São

Paulo: Ática, 1993.

ORNAT, Marcio, J. **Território da prostituição e instituição do ser travesti em Ponta Grossa – PR**. 2007. 160f. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território). Universidade Estadual de Ponta Grossa.

RIBEIRO, Miguel A. **Prostituição de rua e turismo em copacabana. A avenida atlântica e a procura do prazer**. Revista TERRITÓRIO, ano II, nº3, jul/dez.1997.

_____. OLIVEIRA, Rafael, S. (Orgs). **Território, sexo e prazer: olhares sobre o fenômeno da prostituição na geografia brasileira**. Rio de Janeiro: Gramma, 2011.

RODRIGUES, José. C. **Corpo liberado? Antropologia do poder**. Rio de Janeiro: Terra Nova, 1992.

_____. **Tabu do corpo**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1979.

ROLNIK, Suely; GUATTARRI. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 2005.

SAQUET, M.A. **Por uma abordagem territorial. Territórios e territorialidades – teorias, processos e conflitos**. In: SAQUET, Marcos, A.; SPÓSITO, Eliseu, S (Orgs). São Paulo: Expressão Popular, 2009.

_____. **Território e identidade**. Anais X Encontro de Geógrafos da América Latina – 20 a 26 de março de 2005. Universidade de São Paulo. p. 13869-13881.

SILVA, Joseli, M. da. **A verticalização de Guarapuava (PR) e suas representações sociais**. 2002. 322f. Tese (Doutorado em Geografia). UFRJ. PPGG, 2002.

_____. SILVA, Edson; JUNCKES, Ivan, J. **Construindo a ciência: elaboração crítica de projetos de pesquisa**. Curitiba: Pós-Escrito, 2009.

_____. ORNAT, Marcio,J.; JUNIOR, Alides, B. C. **Espaço, gênero e feminilidades ibero-americanas**. Ponta Grossa: TODAPALAVRA, 2011.

SIMÕES, Soraya, S. **Vila Mimosa: etnografia da cidade cenográfica da prostituição carioca**. Niterói: EdUFF, 2010.

SOUZA, Francisca, I. **O Cliente o outro lado da prostituição**. 2ed. São Paulo: Annablume: Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto, 1998.

SOUZA, Marcelo J. L. **O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento**. CASTRO, Iná; GOMES, Paulo, C da; CORRÊA, Roberto L. (Orgs). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

TRAVANCAS, Isabel. **Fazendo etnografia no mundo da comunicação**. In: BARROS, A.; DUARTE, J. (Orgs). **Método e técnicas de pesquisa e comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006. P. 98 -109.

TURRA NETO, Nécio. **Enterrado vido: identidade *punk* e território em Londrina**. São Paulo: EdUNESP, 2004.

WOODWARD, K. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: Silva, Tomaz Tadeu da (Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.